UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LINGÜÍSTICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SEMIÓTICA E LINGÜÍSTICA GERAL

CRISTIANE BENJAMIM SANTOS

Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em *anaan*

São Paulo
2007

CRISTIANE BENJAMIM SANTOS

Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em *anaan*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral
Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

**São Paulo
2007**

FOLHA DE APROVAÇÃO

Cristiane Benjamim Santos

Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em *anaan*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral, do Departamento de Linguística da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de Mestre em Linguística.

Área de Concentração: Semiótica e Linguística Geral

Aprovada em:

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Profa. Dra. Margarida Maria Taddoni Petter

Membros da Banca:

Profa. Dra. Tania Maria Alkmim

Dra. Instituição: IEL-UNICAMP Assinatura: _____

Profa. Dra. Maria Aparecida Torres Moraes

Instituição: FFLCH-USP Assinatura: _____

Suplentes:

Profa. Dra. Mary Francisca do Careno

Instituição: UNAERP Assinatura: _____

Profa. Dra. Márcia Santos Duarte de Oliveira

Instituição: FFLCH-USP Assinatura: _____

À Alice, Aurora e Ricardo, por me fazerem acreditar que tudo é possível, mesmo quando tudo se nos apresenta inviável. Seus esforços foram, sem dúvida, além de suas possibilidades para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

À Profa. Dra. *Margarida Taddoni Petter*, agradeço por todo o aprendizado e estímulo que me proporcionou durante sua valiosa orientação.

À Profa. Dra. *Márcia Duarte de Oliveira*, por ter descortinado os caminhos da Nigéria e de uma amizade sincera.

À Profa. Dra. *Ana Paula Scher*, pelas orientações que permitiram a elaboração da pesquisa que resultou neste trabalho.

Aos professores que colaboraram com a minha formação, *Ana Muller, Ana Paula Scher, Angela Cecília Rodrigues, Didier Demolin, Cristina Wissenbach, Maria Aparecida Torres Moraes e Margarida Maria Taddoni Petter*.

Às professoras *Esmeralda Negrão* e *Aparecida Torres de Moraes*, pelas valiosas observações da banca de qualificação;

Aos pesquisadores *Emilio Bonvini* e *Nicolas Quint*, pelo incentivo.

À Profa. Dra. *Beatriz Raposo* e de seu orientando *Ailton*, pelo apoio quando da gravação do banco de dados em *anaan*.

Aos colegas do *Grupo de Estudos de Línguas Africanas (GELA)*, pelo companheirismo.

A *Ben Hur, Érica e Robson*, funcionários do Departamento de Linguística FFLCH- USP, pelos vários esclarecimentos oportunos.

A *Ana Paula Quadros, Elizabeth Barros, Fina, Gabriela, Gilberto, Heitor, Leandro Neris, Lídia Lima, Nalvinha, Rafael Minuzi, Sílvia, Sueli Ramos* e *Tércio*, amigos que fiz durante esse processo. Obrigada, por poder compartilhar com vocês os prazeres e dilemas de minha experiência de trabalho junto à comunidade *anaan*.

À *Juliana Macek*, pela amizade terapêutica e parceria de sempre.

À *Dafne Zanoni*, pela paciência e assistência dada em viagem de campo e pela amizade que me permitiu construir.

À Dra. *Imelda Udoh* – chefe do Departamento de Línguas Nigerianas da Universidade de Uyo, responsável pela minha inserção na área *anaan*, pelo contato com meus colaboradores lingüísticos, apoio logístico, incentivo e pelo fornecimento de seu acervo pessoal – minhas primeiras leituras sobre a língua *anaan*.

Aos professores da Universidade de Uyo, *Mfon*, Prof. *Ikiddeh* e, em especial, o Prof. *Okon Essien* e a Prof. *Eno Urua*.

Aos queridos *Akaninyene Udo, Aniebiet Ibokette, Christiana Flamingo, Inimbon Utin* e *Offiong Ituenmeus* colaboradores lingüísticos e às famílias *anaans* de *Ikot Ekpene* com as quais tive contato, não só por compartilharem comigo seu conhecimento lingüístico – que deu o suporte empírico para este trabalho – mas, sobretudo, pela acolhida e confiança.

Ao *CNPq*, pelo apoio financeiro.

À Gerva, pelo apoio incondicional em todo o processo.

A *Thiago, Thaís, Eliana, Tia Ci e família*, pelo incentivo e acolhida.

Aos queridos *Tio Edmundo, Naninha, Wagner, André, Carla, Valéria, Yan e meu pai*, por estarem em meu caminho.

A todas as pessoas que contribuíram de alguma forma para tornar possível a realização desse trabalho, meu apreço e gratidão.

BENJAMIM SANTOS C. Aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em anaan. 2007.132ff. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

RESUMO

Nesta dissertação apresentam-se aspectos morfossintáticos dos pronomes pessoais em anaan, uma língua nigero-congolesa, pertencente ao grupo ibom, falada pelo povo anaan – um grupo étnico homogêneo, com cerca de 1 milhão de pessoas, localizado ao norte do Estado de Akwa Ibom, Nigéria. Trata-se de uma língua em fase inicial de investigação lingüística – os poucos trabalhos de referência em anaan são de ordem fonético/fonológica, sem análises morfossintáticas atestadas até então. O trabalho, inserido em uma abordagem de estudos tipológicos, visa à descrição e análise dos pronomes pessoais livres e dos marcadores pronominais da língua anaan. Apresentam-se, ainda, aspectos da morfossintaxe relacionados ao sistema pronominal: (i) as classes de palavras nome e verbo, (ii) a estrutura do sintagma nominal com ênfase nas construções genitivas e (iii) alguns aspectos sobre a ordem da língua. Quanto aos pronomes livres, propõe-se que anaan possui formas distintas para a posição de sujeito e de objeto, sendo que os pronomes que ocupam a posição de sujeito constituem o modificador das construções genitivas na língua. Neste estudo investiga-se também a natureza funcional dos marcadores pronominais e o traço de referencialidade dos pronomes.

PALAVRAS-CHAVE: lingüística africana; línguas do grupo ibom; anaan; morfossintaxe; pronomes pessoais.

BENJAMIM SANTOS C. Morphosyntactic aspects of the personal pronouns in Anaang language. 2007.132 ff. Thesis (Master Course) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

ABSTRACT

In this dissertation I present the morphosyntax aspects of the personal pronouns in Anaang, a Niger-Congo language, belonging to the Ibom group, spoken by the Anaang people. Anaang is a homogeneous ethnic group, with approximately 1 million people, located in the north of Akwa Ibom state, Nigeria. The Anaang language is the beginning of its linguistic investigation – there are a few reference studies about the phonetics and phonology in Anaang, and no morphosyntactic studies verified up to the moment. This work, inserted in a typological approach, aims at the description and the analysis of the free personal pronouns in the Anaang language. And also presenting aspects of the morphosyntax that are related to the pronominal system: (i) the word classes noun and verb, (ii) the structure of the noun phrase focusing on the genitive constructions, and (iii) some aspects of the order in that language. Considering the free pronouns, I propose that Anaang has different forms for the object and subject positions, and that the pronouns that take the subject position constitute the modifier of the genitive constructions in the language. In this research, the functional nature of the pronominal markers and the referential features of the pronouns are also been investigated.

KEY WORDS: African Linguistic; Ibom Languages; Anaang Language; Morphosyntax; Personal pronouns.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Mapa 1 – A Nigéria no Continente Africano.....	23
Mapa 2 – Área Annan no Estado de Akwa Ibom	26
Mapa 3 – Mapa Lingüístico da Nigéria.....	33

LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro A - Grupo Ibibiod.....	34
Quadro B - Grupo Ibom.....	35
Quadro C - Dialetos da língua anaan.....	36
Quadro D - Vogais do anaan	41
Quadro E - Consoantes do anaan.....	41
Quadro F - Estrutura silábica em anaan	42
Quadro G - Pronomes pessoais livres com função de sujeito em anaan.....	72
Quadro H - SMs em anaan – contexto afirmativo	74
Quadro I - SMs em anaan – contexto negativo	76
Quadro J - Pronomes pessoais livres com função de objeto e OMs em anaan.....	92

LISTA DE ABREVIATURAS E SÍMBOLOS

1	1ª pessoa
2	2ª pessoa
3	3ª pessoa
ADV	Advérbio
ASP	Aspecto
COMP	Complementizador
CONJ	Conjunção
COP	Cópula
DET	Determinante
DP	Sintagma determinante
FUT	Futuro
GN	Genitivo
H	Tom alto
HL	Tom alto/baixo
IMP	Imperativo
INT	Interrogativo
INTJ	Interjeição
L	Tom baixo
L _F	Locutor feminino
L _M	Locutor masculino
LH	Tom baixo/alto
LOG	Logofórico
MOD	Modo
NEG	Negação
NOM	Nominalizador
NP	Sintagma nominal
NPROX	Não Próximo
NUM	Numeral
O	Objeto
OM	Marcador de objeto
OP	Pronome objetivo
PAST	Passado
PL	Pronome livre (no texto)
PL	Plural (na glosa)
PM	Marcador pronominal
PRED	Predicador
PRES	Presente
PROX	Próximo
QU	Pergunta QU
QUANT	Quantificador
REFL	Reflexivo
S	Sujeito
SG	Singular
SM	Marcador de sujeito
TAM	Tempo, modo e aspecto
TOP	Tópico
V	Verbo
VERB	Verbalizador

Símbolos

√ raiz

[-] separação de morfemas

[.] morfema “portmanteau” – morfema que carrega mais de uma informação gramatical

[/] mais de um significado lexical

Observações

Nas glosas, as palavras com letras maiúsculas expressam itens lexicais que são traduzidos em português por mais de uma palavra, como por exemplo, a raiz verbal yaíyá “SER BONITO”.

A transcrição dos dados é ortográfica.

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	CAPÍTULO I - ANAAN: UM POVO E SUA LÍNGUA	23
1.1	PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	23
1.2	PANORAMA DA ETNOGRAFIA ANAAN	25
1.2.1	O povo anaan	25
1.2.1.1	A área geográfica anaan e a investigação lingüística	28
1.2.2	A língua anaan	29
1.2.2.1	Classificação tipológica	32
1.2.2.2	Dialetos da língua anaan	35
1.2.2.3	Língua anaan: o estado da arte	36
1.2.2.3.1	<i>O alfabeto anaan</i>	37
1.2.2.3.2	<i>Marcação do tom</i>	38
1.2.2.3.3	<i>Sistema fonológico</i>	41
1.2.2.3.4	<i>Estrutura silábica</i>	42
2	CAPÍTULO II - ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA ANAAN	43
2.1	PALAVRAS INTRODUTÓRIAS	43
2.2	NOMES E VERBOS EM ANAAN	43
2.2.1	Morfologia nominal e o sintagma nominal	45
2.2.1.1	O Sintagma funcional determinante	49
2.2.1.2	O morfema <i>m̀mé</i> – ‘Número [+PLURAL]’	49
2.2.1.3	Gênero	50
2.2.2	Sobre a morfologia verbal	52
2.2.2.1	Relação dos núcleos nominais com o verbo	52
2.2.2.2	Tempo, aspecto e modo	55
2.2.2.2.1	<i>Tempo</i>	57
2.2.2.2.2	<i>Aspecto</i>	63
2.2.2.2.3	<i>Modo</i>	64
2.2.3	Para uma tipologia morfológica do anaan	65
2.3	SOBRE A ORDEM EM ANAAN	66
3	CAPÍTULO III - MORFOSSINTAXE DOS PRONOMES PESSOAIS EM ANAAN	70
3.1	CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	70
3.2	PRONOMES PESSOAIS SUJEITO E MARCADORES DO SUJEITO	70
3.2.1	PLs e SMs em Sentenças Afirmativas	71
3.2.2	PLs e SMs em Sentenças Negativas	75
3.2.3	Padrão tonal do pronome “áfò”	76
3.2.4	Omissão dos PLs em função de sujeito	77
3.2.4.1	Sentenças afirmativas	77
3.2.4.2	Sentenças negativas	79
3.2.5	Gênero nos pronomes pessoais	80
3.2.6	Pronomes pessoais livres e construções genitivas	83
3.2.7	Pronomes livres como núcleo de predicado	86
3.3	PRONOMES LIVRES OBJETO E MARCADORES DO OBJETO	88

3.3.1	Omissão dos pronomes livres em função de objeto	93
3.4	OS PRONOMES LIVRES EM ANAAN E O TRAÇO [+HUMANO]	94
3.5	PRONOMES LOGOFÓRICOS	100
4	CAPÍTULO IV - PARA UMA PROPOSTA TIPOLOGICA DO ANAAN A PARTIR DA ANÁLISE DOS MARCADORES PRONOMINAIS NESSA LÍNGUA	102
4.1	CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS	102
4.1.1	Os estágios na evolução dos marcadores pronominais	102
4.2	ANAAN: UMA LÍNGUA DE TIPO MISTO	106
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	108
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	110
	APÊNDICE	115
	ANEXOS	127

INTRODUÇÃO

O inventário lingüístico mais recente (Gordon, 2005) identifica 2092 línguas na África¹. A realidade lingüística neste continente caracteriza-se pelo elevado número de línguas ainda não descritas, pela existência de línguas ameaçadas de extinção e pelo fato de as civilizações africanas privilegiarem a oralidade como meio de comunicação e de transmissão de seu saber tradicional. Esse contexto leva a investigação lingüística africana transitar por objetivos que enfoquem desde a documentação e descrição de línguas à análise teórica propriamente dita.

Trabalhos de ordem lingüística no continente africano podem contribuir para um melhor entendimento das línguas, pois a descrição e análise de sistemas não conhecidos possibilitam a identificação de aspectos ainda não observados pela lingüística como também podem subsidiar elaborações e/ou constatações teóricas. Trabalhos dessa ordem podem, especificamente, contribuir com a limitação da fronteira língua e dialeto no inventário das línguas africanas². Isto porque com estudos de variedades lingüísticas, algumas classificações já estabelecidas podem ser revistas, permitindo agrupamento ou separação de falares anteriormente considerados como línguas distintas ou como dialetos de uma mesma língua.

Convém ressaltar que, no embate das políticas sociais africanas, o estudo descritivo de uma língua negro-africana pode consistir numa ferramenta para o seu povo, e, como tal, possibilitar transformações sociais.

A proposta deste estudo visa a contribuir com o desenvolvimento de estudos de lingüística africana. Esta pesquisa insere-se em um início de investigação na interface sintaxe/morfologia da língua *anaan*³, uma língua niger-congo (nigero-congolesa)⁴ falada no

¹ O inventário lingüístico africano apresentado não é fixo. Pesquisas apontam que há línguas ainda sendo identificadas e outras “desaparecendo”. Entretanto, o número de línguas apresentado por Gordon (2005) é o mais citado na literatura africanista atual.

² Segundo Heine e Nurse (2000:1-2) o conceito de *língua* remete a noções variadas como: forma padrão de um conjunto de variedades, idioma de uma nação com muitos locutores e ininteligível para falantes de outras línguas. A denominação *dialeto*, além de significar ‘variedades regionais’, refere-se a formas não padrão de uma língua, intercompreensíveis, utilizadas numa localidade com poucos locutores. Para distinção entre língua e dialeto em línguas africanas conferir Wolff (2000, p. 298-347) e Webb & Sure (2000, p. 28-9).

³ Segundo o Estado Nigeriano, a palavra “*annang*” identifica um dos grupos étnicos e sua respectiva área territorial no país. No entanto, são identificadas quatro propostas de grafia na literatura: *annan*, *annañ*, *anaang*, *annang* para denominar esse grupo étnico bem como a sua língua. Neste trabalho, opta-se por usar a forma ‘*anaan*’ – voltada para a ortografia do português – para referir-se ao povo e à língua. Essa opção é pautada na proposta apresentada pelos pesquisadores do projeto CAPES/COFECUB n. 511/2005 “A participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro”, que reúne pesquisadores da Universidade de São

sudeste da Nigéria pelo povo anaan. As comunidades compostas por esse povo já são identificadas; socialmente, os anaans se vêem como povos distintos dos demais grupos étnicos nigerianos, mas os estudos lingüísticos sobre a língua anaan são poucos e restringem-se aos campos da fonética e da fonologia. Este estudo visa a auxiliar na organização de uma gramática do anaan e toma como proposta inicial descrever aspectos do seu sistema pronominal. Trata-se de um estudo centrado em aspectos morfossintáticos, considerando-se, entretanto, em algumas partes da análise, as interfaces morfossintaxe/fonologia e morfossintaxe/semântica.

1 OBJETIVO

O objetivo desta dissertação é descrever e analisar os pronomes pessoais em anaan. O estudo tem sua importância na medida em que consiste na primeira investigação de ordem morfossintática da língua e amplia investigações no grupo lingüístico ibom languages (línguas do grupo ibom), do qual anaan faz parte e que ainda é pouco conhecido. Como o sistema pronominal nas línguas é um indicador de distinções lexicais ou de mudanças sintáticas,⁵ uma descrição dos pronomes pessoais na língua anaan também fornece subsídios para investigações que buscam identificá-la como um sistema distinto dos demais que compõem o grupo lingüístico ao qual pertence. Além disso, o foco de investigação deste trabalho é um tópico que se relaciona com outras duas categorias morfossintáticas – nome e verbo – o que permite abordar pontos gerais que contribuem para a compreensão da estrutura gramatical anaan.

Paulo (USP), da Universidade de Campinas (Unicamp) e do laboratório francês Langage, langues et cultures d’Afrique Noire (LLACAN).

⁴ Ao citar nome de línguas, grupos étnicos e lingüísticos negro-africanos apresenta-se a norma ortográfica adotada pela literatura africanista e, entre parênteses, a cada primeira menção, propõe-se uma ortografia em português. Quando de uma segunda referência, apresenta-se apenas a proposta em português. Entretanto, nas citações, a ortografia relacionada ao nome das línguas, bem como dos grupos étnicos e lingüísticos, permanecerá consoante à adotada pelo autor em questão.

⁵ Na oposição das formas pronominais pessoais **ocê** e **você**, no português falado no Brasil, por exemplo, observa-se uma variação lexical (diatópica e diafásica). Entretanto, na oposição das formas pronominais pessoais **tu** e **você**, no português culto falado no Brasil, observa-se também mudança sintática, visto que o uso de uma forma ou outra implica em mudança na morfossintaxe da língua – **Tu vais/ Você vai**, por exemplo. Ver Ilari (2002, p. 85).

2 SOBRE A METODOLOGIA DO TRABALHO DE CAMPO E ANÁLISE DE DADOS

A metodologia utilizada neste trabalho envolveu a realização de duas pesquisas de campo em que se procedeu à coleta de dados lingüísticos e, posteriormente, à análise desse material, através da seleção e agrupamento dos dados e da formulação de hipóteses sobre as questões envolvidas.

A pesquisa iniciou-se com uma viagem de campo realizada nos meses de janeiro e fevereiro de 2006, ao Estado de Akwa Ibom, Nigéria, quando foi possível estabelecer contato com a cultura e a língua *anaan*.

Os dados foram obtidos, *in loco*, através da elicitación direta dos colaboradores lingüísticos em sessões realizadas na Universidade de Uyo e em aldeias de Ibesikpo e Ikot Ekpene. Além dessas atividades, destacam-se os contatos com o povo *anaan* em eventos como: enterros, casamentos, visitas sociais e os significativos encontros com moradores de Ikot Ekpene e artesãos do mercado de Urua Ubo – área *anaan* – e com moradores de Uyo e Ibot Idim – área do povo *ibibio* (ibíbio).

As investigações na Nigéria iniciaram-se com a coleta de uma lista de palavras, que, na medida do possível, iam sendo contextualizadas em sentenças declarativas simples⁶. Quando da elaboração destas sentenças, procedeu-se a uma investigação sobre as pessoas do discurso na língua *anaan*. Esse procedimento também possibilitou observar aspectos das categorias nome e verbo na língua. A composição de paradigmas, previamente elaborados, foi ampliada com outros contextos e pequenas situações discursivas, muitas vezes, adequando o objeto de investigação a situações vivenciadas⁷.

O material obtido nas coletas foi transcrito e organizado. Posteriormente, buscou-se a comparação com única língua do grupo *ibom* descrita, o *ibíbio*, utilizando-se os trabalhos de Essien (1990), Urua (2000) e Oliveira (2005).

Devido a variados fatores que dificultavam um retorno à Nigéria e o fato de as análises iniciais dos dados obtidos apontarem para a necessidade de verificar aspectos supra-segmentais, optou-se pela realização de uma segunda pesquisa de campo no Brasil. Assim, viabilizou-se a vinda de um colaborador lingüístico – participante da primeira fase da pesquisa – a São Paulo. A segunda etapa da coleta realizou-se em outubro de 2006,

⁶Udoh (2003, p. 72-85) - "Ibadan Wordlist".

⁷Neste trabalho opta-se, sempre que possível, por apresentar contextos discursivos no uso das formas pronominais relacionadas às pessoas do discurso em *anaan*.

oportunidade em que foi possível confirmar dados anteriores, ampliar paradigmas e, principalmente, gravar um novo banco de dados da língua anaan.

3 APRESENTAÇÃO DOS DADOS NO CORPO DO TRABALHO

Os dados em anaan aparecem em negrito ao longo do trabalho. As sentenças são apresentadas em quatro linhas. Na primeira linha consta a escrita ortográfica com apresentação fonética dos tons. Na segunda linha consta a transcrição morfológica – em que as palavras estão separadas por espaços e os morfemas por hífen (-). A terceira linha traz a análise lingüística (glosa) e, a quarta, contém a tradução livre do exemplo (e literal, quando necessário) ⁸.

As glosas e abreviaturas, quando possível, seguem a convenção proposta por Comrie, Haspelmath e Bickel (2003). No entanto, algumas terminologias gramaticais estão em conformidade com Creissels (2001, 2006).

4 RECURSOS UTILIZADOS

Na Nigéria o aparelho utilizado foi gravador Panasonic série GG4 GA 5051 para microcassete. O material coletado foi identificado com a indicação do consultor, conteúdo, local e data da gravação. A digitalização ocorreu, posteriormente, no Brasil.

Na pesquisa realizada no Brasil, os dados foram gravados no Laboratório de Fonética da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH/USP). O dispositivo de captura do áudio foi a placa USB sound blaster Audigy 2 NX da marca Creative com microfone unidirecional da marca Shure, modelo SM58. A profundidade de bits, 24; a taxa de amostragem 22.050Hz (8000 a 96000 Hz), com canal não estéreo.

⁸ Para detalhes sobre a glosa ver lista de abreviaturas e símbolos.

5 APORTES TEÓRICOS PARA A ANÁLISE DOS DADOS

Este trabalho parte da proposta descritiva de Bouquiaux e Thomas (1992) em sua obra “Studying and describing unwritten languages” e do arcabouço teórico formalista da tipologia de linha francesa – Creissels (1995, 2001, 2006).

A proposta de Creissels (Op. cit.) é lexicalista – no sentido em que aceita o postulado segundo o qual as unidades elementares da sintaxe são as palavras⁹. Sua proposta, inserida em um quadro formalista, não é, contudo, nem gerativista nem funcionalista¹⁰. A gramaticalização – enquanto conjunto de estudos de mudança lingüística a partir de mudança de categorias cognitivas – é utilizada pelo autor para explicar fenômenos lingüísticos diacrônica ou sincronicamente.¹¹

A tipologia apresentada por Creissels (Op. cit.) visa a contemplar, ao mesmo tempo, o que parece comum ao conjunto das línguas do mundo – ou ao menos a maioria delas – sem deixar de considerar também as variações das categorias gramaticais, na tentativa de precisar essas variações. Para o autor, a partir de uma postura metodológica em que os dados da língua em análise direcionam a investigação lingüística, é possível, posteriormente, agrupar os fenômenos apresentados por um sistema lingüístico em noções universais, as quais podem ser sumarizadas nos seguintes pontos¹²:

- (i) a característica mais geral da sintaxe das línguas naturais é a existência de dois grandes tipos de frases/sintagmas: sintagmas nominais e orações;

⁹ O texto original é o que segue: “ *Mon approche est lexicaliste au sens où j’accepte le postulat selon lequel les unités élémentaires de la syntaxe sont les mots, et où je m’efforce d’en tirer systématiquement les conséquences : la structure interne de chaque mot lui confère un certain nombre de traits syntaxiquement pertinents, mais l’hypothèse lexicaliste interdit de formuler des règles de syntaxe qui tiendraient compte de la façon précise dont les caractéristiques syntaxiquement pertinentes d’un mot sont encodées au niveau morphologique, ou selon lesquelles le fait de combiner des mots pourrait entraîner des modifications de leurs caractéristiques morphologiques...[...] Mon approche est réaliste au sens où je me range parmi ceux qui considèrent que les régularités dans la construction des phrases doivent se décrire par référence aux phrases telles nous les percevons, et non pas comme le résultat de la transformation de structures syntaxiques abstraites dans lesquelles les mots pourraient être rangés dans un ordre différent de celui qu’il est possible d’observer, ou dans lesquelles des éléments morphologiques figureraient détachés du mot dont ils font partie.* ”

¹⁰ Ver Creissels (2006, p.3-5).

¹¹ Sobre gramaticalização, Creissels (2006, p.9), dentre outros autores, apresenta a concepção de Heine et al (1991, p.3): “*Grammaticalization consists in the increase of the range of a morpheme advancing from a lexical to a grammatical or form a less grammatical to a more grammatical status, e.g. from a derivate formant to an inflectional one*”.

¹² Ver Creissels (2000, p. 232-3).

- (ii) sintagmas nominais consistem de um nome – o qual relaciona o referente do sintagma nominal à noção disponível no léxico – e um número variável de modificadores;
- (iii) orações resultam da combinação de um número variável de sintagmas nominais com um verbo, e esta construção pode ser ao menos parcialmente analisada em relação à estrutura predicado-argumento: o verbo (o predicado) determina papéis semânticos a alguns dos sintagmas nominais com os quais é combinado (os argumentos);¹³
- (iv) a relação sintática entre o verbo e os termos nominais da oração é universalmente organizada de acordo com o contraste: ‘sujeito (S) / objeto (direto) (O) / oblíquo (X)’;
- (v) o genitivo pode ser universalmente caracterizado como um sintagma nominal com a função de modificador de nome em uma construção que minimamente especifique a natureza semântica da relação entre o referente do núcleo e do sintagma nominal em função de modificador.

Destaca-se que, ao optar por esta linha teórica, concorda-se com a concepção de que a análise empírica é que leva à descoberta das propriedades lingüísticas abstratas. Logo, concebe-se que o procedimento adotado para descrever os pronomes pessoais em anaaan apontará fatos lingüísticos que possam ser utilizados em pesquisas futuras que venham contribuir para uma melhor explicação a respeito desta categorização lingüística em geral.

Neste estudo, entretanto, em alguns pontos, busca-se fundamentação em outros autores de base tipológica – Shopen (1985) e Payne (1997) –, de base funcionalista – Gívon (1984) – e em autores de lingüística africana para uma melhor interpretação dos dados. Este trabalho vê a teoria como um instrumento heurístico que permite uma compreensão geral do fato observado.

5.1 Sobre a concepção de pronome adotada neste trabalho

Segundo Creissels (1991, 2001, 2006), pronomes são palavras gramaticais que têm na frase uma distribuição semelhante à dos constituintes nominais. O autor conceitua palavras

¹³ Com a possível exceção de alguns tipos de orações tipicamente especializadas em expressar identificação, existência, local ou atribuição de qualidades – conferir Creissels (2000, p. 233).

gramaticais como nomes comuns que têm como significados lexicais uma propriedade ou uma relação que, para toda situação de referência, determina suas possibilidades de denotação, independentemente do contexto discursivo.

Creissels (2006, p. 81) ressalta que o sentido lexical dos pronomes é fundamentalmente relativo ao contexto discursivo, englobando nesta noção, ao mesmo tempo, o texto no qual uma frase está inserida e a situação de enunciação na qual ela é produzida¹⁴. Em segundo plano, são postas as características semânticas intrínsecas a seus referentes, como por exemplo, as noções de pessoa, número e gênero.

O autor (Op. cit.) destaca que as gramáticas descritivas tradicionais geralmente dividem a categoria pronome em pessoais, demonstrativos, interrogativos e definidos, por exemplo.

Os pronomes pessoais, foco de investigação deste trabalho, são definidos por Creissels (2006, p.81) como itens lexicais que têm a particularidade de referir-se a uma entidade em função do seu papel na situação de enunciação, isto é, caracterizando a distinção entre o indivíduo que fala (1ª pessoa), aquele para quem ele fala (2ª pessoa) e o de quem se fala (3ª pessoa).¹⁵

Ainda sobre os pronomes pessoais, o autor (Op. cit., p.92) salienta que há uma forte tendência nas línguas em desenvolver uma distinção entre pronomes pessoais fortes e pronomes pessoais fracos, quando se considera suas autonomias na sentença. Os pronomes fortes são autônomos; os fracos, ou estão indexados a um sintagma nominal anterior na sentença/discurso ou podem até mesmo substituir o referente.

A partir de trabalho tipológico, Creissels (2001, 2006) destaca que o termo pronome é freqüentemente aplicado não só às formas livres, mas também às formas presas que recebem denominações diversas na literatura: afixos pronominais, pronomes fracos, pronomes não-enfáticos, clíticos pronominais, pronomes finais de verbos, marcas de concordância do sujeito/objeto, etc. O autor (2001, p.1) propõe a denominação “marcador pronominal” a fim de englobar essas diferentes terminologias – denominação seguida neste trabalho.

Segundo Creissels (2001, p.1-6), o termo marcador pronominal (doravante PM, do inglês *Pronominal Marker*) abarca morfemas presos que: (i) referem-se a uma entidade que é representada em algum outro lugar na sentença por um sintagma nominal (doravante NP, do

¹⁴ Entende-se enunciação por ‘ato de produzir enunciados que são as realizações lingüísticas concretas’ – ver Fiorin (2003, p. 161)

¹⁵ A opção de análise da categoria pronome por Creissels já é apontada na literatura. Sobre a concepção de pronomes pelos gregos, ver Robins (1993, p. 7- 27). Sobre a concepção de pronomes, ver Benveniste (1976, p.277-283); Moura Neves (1987, p.141-42); Ilari (2002, p.73-75).

inglês *Nominal Phrase*); ou que (ii) pode ser representada por um sintagma nominal em alguma outra sentença similar.

Segundo o autor (Op. cit., p. 1, traduzido), esta definição agrupa diversos tipos de morfemas que “podem diferir em alguns aspectos de seu comportamento gramatical, mas que, diacronicamente, podem ser vistos como estágios sucessivos na evolução dos pronomes livres”.¹⁶

Na citação acima, observa-se que a base da proposta de Creissels (2001) para os PMs pauta-se no processo de gramaticalização. Não cabe aqui abrir uma discussão sobre o desenvolvimento dos estudos sobre gramaticalização, mas, para melhor compreensão dos posicionamentos do autor, apresenta-se, abaixo, a definição de Castilho (1993, p. 31) para gramaticalização, visto que essa definição aproxima-se da abordagem de Creissels (2006)¹⁷:

Entendo por gramaticalização o trajeto empreendido por um item lexical, ao longo do qual ele muda de categoria sintática (= recategorização), recebe propriedades sintáticas na sentença, sofre alterações morfológicas, fonológicas e semânticas, deixa de ser uma forma livre, estágio que pode até mesmo desaparecer, como consequência de uma cristalização extrema.

A partir dessa definição, é possível esclarecer, então, que, para Creissels, os PMs consistem num estágio da evolução de pronomes livres. Estes pronomes livres (PLs), em um primeiro estágio, perdem seu status de palavras autônomas (itens lexicais), e subsequente, sofrem modificações adicionais em seu comportamento (morfológicas, fonológicas, semânticas), sem perder completamente as propriedades semânticas de origem.

Os PMs refletem características semânticas ou certos traços gramaticais dos NPs a que se referem. Tipicamente expressam distinções que são verificadas nos PLs: pessoa e número. Segundo Creissels (2001, p.1) o marcador de sujeito (SM, do inglês *Subject Marker*) – marcas pronominais que correspondem a um NP em função de sujeito – e os marcadores de objeto (OM, do inglês *Object Marker*) – marcas pronominais que correspondem a um NP em função de objeto – são PMs.

A partir dessa concepção, Creissels (2001) propõe uma abordagem tipológica para as línguas africanas, apresentando três estágios, considerando as condições de co-ocorrência dos

¹⁶ O texto original é o que segue: “*This definition groups together several types of morphemes that may differ in some important aspects of their grammatical behavior – see section 2. But, diachronically, the subtypes of pronominal marks can be viewed as successive stages in the evolution of former pronouns that in a first stage lose their status of autonomous words, and that subsequently may undergo additional modifications in their behavior without entirely losing the semantic properties of the pronouns they originate from.*”

¹⁷ Ver nota 11, p.19.

marcadores pronominais com NPs correspondentes. Essa proposta será apresentada no capítulo 4.

6 ESTRUTURA DO TRABALHO

Esta dissertação está organizada em quatro capítulos. No primeiro capítulo, apresenta-se um panorama geral sobre a etnografia anaan e os estudos empreendidos na língua anaan atestados até então. No segundo capítulo são apresentados alguns aspectos da morfossintaxe nominal e verbal da língua anaan, discutindo os seguintes pontos: (i) o sintagma nominal; (ii) o sintagma verbal; (iii) a ordem na língua. O terceiro capítulo está dedicado à descrição dos pronomes pessoais em anaan. São apresentados: (i) os pronomes livres – sujeito e objeto, e (ii) os marcadores pronominais da língua, com base no comportamento sintático e morfológico desses elementos em sentenças finitas e em seu uso discursivo. No quarto capítulo, apresenta-se a tipologia da língua anaan segundo a proposta de Creissels (2001) para as línguas africanas considerando as condições de co-ocorrência dos marcadores pronominais com os seus NPs correspondentes.

CAPÍTULO I

ANAAN: UM POVO E SUA LÍNGUA

1.1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

A República Federativa da Nigéria localiza-se no centro-oeste da África e é constituída por 36 estados e um Território Federal – a capital Abuja. A Nigéria é o 14º país do continente africano em extensão territorial: 923.768 km². Com uma população de 154.491.100¹⁸ é, atualmente, o país mais populoso do continente africano e o 9º do mundo.

MAPA 1
A NIGÉRIA NO CONTINENTE AFRICANO

MAPA ELABORADO PARA ESTE TRABALHO

¹⁸ Censo de 2006.

A Nigéria é um país multiétnico e multilingüístico. A literatura aponta a existência de 373 grupos étnicos distintos na composição da atual população do país (Otite, 2000, p. 14-20; Udoh, 2004a, p.21; 2004b, p.15) e 521 línguas nativas são identificadas, das quais, 510 são consideradas línguas em uso (Gordon, 2005).

Wolff (2000, p. 316) informa que a população nigeriana, quanto ao uso das línguas em situações discursivas no cotidiano, apresenta a seguinte amostra: 60% falam duas línguas, 30% falam três e 10% falam 4 línguas¹⁹. O uso de línguas com propósitos formais na África, segundo Wolff (Op cit., p. 299), depara-se com “a rivalidade funcional entre as línguas africanas e as línguas dos colonizadores que ainda são usadas com propósitos oficiais de comunicação a nível nacional e na educação formal”²⁰. Na Nigéria, essa realidade não é diferente.

Segundo a Constituição da República Federativa da Nigéria, inglês é a língua oficial do país. Prevalece na educação formal e é usada na administração, nas relações políticas e comerciais internacionais. A língua inglesa é considerada língua franca oficial, entretanto, pesquisas recentes atestam que apenas 1/4 da população nigeriana fala ou se comunica de alguma forma em inglês (Obafemi, 2006, p. 1).

Segundo o The National Policy on Education (NPE)²¹, órgão governamental responsável pela educação formal e também pelas políticas públicas educacionais da Nigéria, o país tem como línguas negro-africanas nacionais: adamawa fulfulde (fula de adamaua), edo (edo), efik (efique), hausa (hauçá), idoma (idoma), igbo (ibo), kanuri (canuri) e yoruba (iorubá). As línguas nacionais possuem gramática, dicionário e investigações lingüísticas atestadas.

Como na maioria dos países africanos, atualmente, o Governo nigeriano debate políticas lingüísticas relacionadas à funcionalidade e ao estatuto das línguas nativas e o desenvolvimento do sistema educacional do país. Assim, as línguas com estatuto de “nacionais” são usadas largamente na alfabetização de crianças na Nigéria. As línguas hauçá, iorubá e ibo, as majoritárias no país (Udoh, 2004a, p.16), são classificadas como línguas oficiais regionais pelo NPE e são ensinadas da alfabetização ao Ensino Superior. Esse fato,

¹⁹ Pesquisa realizada para a Intergovernmental Conference on Language Policies in Africa, em Harare (1997)

²⁰ O texto original é o que segue: *One of the major characteristics of the language situation in Africa is the functional rivalry between African languages and the imported languages which are usually those of former colonial masters and which are still being used for official purposes of nationwide communication and in formal education...*

²¹ Sobre a função do NPE, Wolff (2000, p. 341) discorre: “As políticas lingüísticas vão estabelecer uma hierarquia funcional de línguas oficiais, línguas nacionais e de línguas faladas dentro do Estado, e vão indicar seus papéis e apoio institucional. Muito embora as definições de língua oficial e língua nacional podem ser diferentes e podem envolver todas ou apenas algumas línguas dentro do Estado.”

entretanto, não corresponde ao ideal de o processo de alfabetização de crianças nigerianas ocorrer em sua língua materna, pois, fora das regiões das línguas majoritárias, esse processo continua sendo efetivado largamente em inglês.

Udoh (2003, p. 18-19) aponta que 9 línguas já estão extintas na Nigéria – ajawa (ajaua), auyokawa (auiocaua), basa (bassa), gumna (guma), gamo-ningi (gamo-ningui), kpati (quipati), kubi (cubi), mawa (mauá), teshenawa (techenaua) – e dois pidgins são usados no país, sendo o pidgin nigeriano a língua franca nigeriana, apesar de não ter o estatuto de língua oficial.

Segundo Udoh (no prelo), a maioria das línguas nigerianas não tem escrita, mas muitas possuem estatuto de línguas em desenvolvimento – aquelas que têm ortografia recente e estão no caminho de marcar uma tradição letrada. A autora (Op. cit.) apresenta que essas línguas possuem uma escala de desenvolvimento: (i) línguas que já possuem uma ortografia, gramática, dicionário e estudos lingüísticos já atestados – efique, ibíbio, fula, lokaa (loca), degema (deguema), dentre outras; (ii) línguas com proposta ortográfica resultante da descrição fonológica, mas sem implementação de estudos lingüísticos sobre a estrutura gramatical. É neste segundo patamar que se encontra a língua anaan²².

A seguir, apresenta-se um panorama da etnografia anaan na seção 1.2 e uma abordagem sobre o que a literatura atesta sobre a língua anaan na seção 1.3.

1.2 PANORAMA DA ETNOGRAFIA ANAAN

1.2.1 O povo anaan

O povo anaan compõe um grupo étnico homogêneo localizado a noroeste do estado de Akwa Ibom, Nigéria. Vive em 8 das 31 áreas governamentais do estado. São elas: Abak, Essien Udim, Etim Ekpo, Ika, Ikot Ekpene, Obot Akara, Oruk Anam e Ukanafun.

²² A classificação de anaan como língua ou dialeto não está no escopo deste trabalho.

MAPA 2

ÁREAS GOVERNAMENTAIS ANAAN NO ESTADO DE AKWA IBOM

MAPA ELABORADO PARA ESTE TRABALHO

O nome ‘annang’, na região de Akwa Ibom significa: indômito, bravio, selvagem ou guerreiro. Segundo Udo (1983, p. 99), a palavra anaan tem origem em palavras do léxico da língua ibíbia: (a) Annanga – cheio de álcool; (b) Annanga Ide – cheio de bravura; e (c) Unaang, ráfia²³ preta utilizada na indumentária de pessoas envolvidas no ritual Mascarado Ekpo Onyoho. Para o autor (Op. cit.), o povo anaan é um subgrupo do povo ibíbio – nome dado aos emigrantes oriundos de Ibom State (Old Calabar) para compor suas aldeias na região com a criação do estado de Akwa Ibom. Esses emigrantes formaram cinco grupos distintos:

- 1- ibíbio do oriente – ibíbio (propriamente dito)
- 2- ibíbio do ocidente – anaan
- 3- ibíbio do sul – eket (equete)
- 4- ibíbio da costa – oron e efique

²³ Ráfia é nome dado à fibra de uma espécie vegetal da família ‘Arecaceae’, nativa da área annang, e muito usada na confecção de produtos artesanais.

5- ibíbio do delta – iko (icó), ibeno (ibenó) e obolo (obolô)

Udo (Op. cit.) informa que Goldie's (1874) em sua obra "Efik Dictionary" descreve a palavra 'annang' como distrito de Egbo Shary – a região da atual área ibíbia mais distante do porto de Calabar. Este porto era local de intenso comércio de escravos nos séc. XVIII e XIX.

O povo anaan comumente está associado aos grupos étnicos efique e ibíbio. No entanto, se autodenomina um grupo étnico distinto destes e dos demais grupos da Nigéria.

Trabalhos recentes voltados para a historiografia anaan (Umanah, 2002; Udo E., 2003) têm buscado discutir e apresentar o papel desse povo na história da sociedade nigeriana. Esses estudos apontam que essa etnia descende de clãs²⁴ que habitavam a região da fronteira da Nigéria com o atual Camarões²⁵, e que, nos processos migratórios, instalaram-se na região da atual área governamental de Abak (território anaan). O grupo expandiu-se e foi ocupando a área atual via decretos políticos – ver Mapa 2, p. 27.

Segundo relatos locais, o povo anaan, no percurso da história nigeriana, foi vitimado por perseguições e matanças. Sua presença, sobrevivência e manutenção na atual área em que se encontram envolveram, no passado, embates com outros grupos étnicos da região²⁶.

Atualmente, a área anaan tem uma população estimada em 1 milhão de pessoas²⁷, o que torna os anaans o segundo maior grupo étnico do Estado de Akwa Ibom, seguido dos ibíbios.

Em relação à estrutura social, a sociedade anaan vive o conflito entre a manutenção da tradição e a adaptação às mudanças sociais. Tradicionalmente, os indivíduos encontram seu lugar no mundo social como sendo de *idip*, traduzido literalmente como 'estômago' e a organização social e política é baseada em um grupo de pessoas unidas por parentesco de linhagem definida pela descendência de um ancestral comum. Trata-se de uma sociedade vinculada ao sistema patriarcal. Entretanto, essa tradição vem sendo modificada pelos valores gerados pela estruturação política, econômica e educacional nigerianos, bem como pelo crescimento dos centros urbanos.

O povo anaan é predominantemente voltado para a agricultura, são grandes produtores de óleo de dendê e vinho de palmeira. Entretanto, a maioria da população anaan vive da agricultura de subsistência com o cultivo do milho, inhame, mandioca e de pequenas criações

²⁴ Sobre clãs ver Radcliffe-Brown (1978); sobre clãs em Akwa Ibom State ver Udo (1983) e Oliveira (2005).

²⁵ Ver mapa de expansão das línguas bantas no anexo 2 desta dissertação. Sobre a relevância da área ver subseção 1.2.1.1 p.29-30.

²⁶ Relatos locais obtidos quando em entrevistas com líderes políticos de Ikot Ekpene.

²⁷ Censo de 2006.

de aves e cabritos. O artesanato tem expressiva participação na economia da região, sobretudo nos materiais e utensílios produzidos com madeira e fibras vegetais.

O povo anaan também é reconhecido por suas habilidades artísticas; são escultores, marceneiros, tecelões, conhecidos como os “reis da ráfia”. Dentre os povos da área, o talento dos anaans para a dança, canto e a habilidade de proferir provérbios em sua oratória consistem referência para esse povo.

Os anaans são animistas, mas segundo depoimentos de autoridades locais, as práticas ritualísticas tradicionais na área anaan estão se reduzido com a expansão do Cristianismo. Sociedades secretas como Asian-Akan-Awan, Ekpo Ikpa, Ekpo Mascaret, Okoh, Uko-Akpan, dentre outras, são identificadas na área anaan.

Trabalhos de artistas anaans, fotos da pesquisa de campo realizado em Ikot Ekpene para elaboração deste trabalho, bem como trechos de uma prática ritualística da sociedade Anaan Ekpo Ikpa estão dispostos no DVD – Anexo 1 desta dissertação.

1.2.1.1 A área geográfica anaan e a investigação lingüística

A zona geográfica em que os anaans estão situados tem uma importância lingüística relevante. Está localizada no ponto de dispersão das línguas do grupo bantu (banto). Anjos (2005, p. 21) argumenta ser a expansão dessas línguas um dos fenômenos considerados fundamentais para a historiografia africana:

*Segundo os estudiosos de lingüística, o ponto de dispersão das línguas banto teria ocorrido no início da Era Cristã, na região do planalto de Bauchi, localizado nas atuais fronteiras políticas da Nigéria e dos Camarões... Por volta do século VII (ou VIII), os banto encontraram-se na região dos Grandes Lagos e partir daí se multiplicaram e se expandiram rapidamente*²⁸.

O Prof. Emilio Bonvini, em comunicação pessoal²⁹, ratifica este aspecto. Segundo ele, “do ponto de vista lingüístico, a descrição de línguas do sudeste nigeriano, pode fornecer dados para estudos comparativos sobre a origem das línguas bantas”. O autor (op cit) destaca também outros dois aspectos ainda ausentes nas investigações lingüísticas no Brasil: (i) o sudeste da Nigéria é a região mais importante no que se refere aos escravos que eram pegos

²⁸ Ver mapa da dispersão das línguas bantas proposto por Anjos (2005) no anexo 2 deste trabalho.

²⁹ Informação obtida em encontro com o Prof. Emilio Bonvini em 23/02/2006 por ocasião da realização de pesquisa bibliográfica no LLACAN/CNRS, Paris (21-26/02/2006).

no interior para serem traficados pelo Porto de Calabar no século XIX; e, (ii) é a região onde se instalaram os primeiros retornados do cativeiro do Brasil, pelo fato de não terem sido reintegrados em suas sociedades de origem.

Os anaans, assim como os demais grupos étnicos dos estados de Akwa Ibom e parte dos grupos do estado de Rivers, compõem os chamados “Povos de Calabar” (Benjamim Santos, Oliveira e Zaroni, 2007). Esses povos, também denominados de ibibiods, calabari, calabani, estiveram, comprovadamente, envolvidos no comércio escravo do séc. XVII ao XIX³⁰ para as Américas e sua participação na constituição do Novo Mundo tem sido objeto de estudo em pesquisas recentes sobre os grupos étnicos envolvidos na diáspora africana³¹ – ver apêndice.

Num momento em que a investigação dos grupos étnicos envolvidos na diáspora africana tem despertado o interesse acadêmico por consistir referência importante na vida dos afro-descendentes e nas culturas do “Atlântico Negro”, a identificação desses grupos e de suas respectivas línguas também não deixa de ser relevante para o estudo das situações de contato lingüístico que ocorreram nas Américas. O estudo descritivo das línguas do sudeste da Nigéria pode, então, contribuir com essas pesquisas.

1.2.2 A língua anaan

O primeiro registro do anaan enquanto língua de um povo é datado de 1854, quando S. W. Kölle – um missionário alemão – conheceu anaans procedentes da atual área governamental anaan de Atim Ekpo que viviam como escravos libertos em Serra Leoa. Kölle trabalhou com o informante Ebe Nko e, através da elicitación direta, elaborou uma lista de palavras a qual denominou como pertencendo à língua “anaã”.³²

Segundo Udoh (no prelo, p. 12, nota de rodapé 2) a utilização da terminologia “anaang” para a língua falada pelo povo anaan só passou a ser considerada com a aprovação da ortografia da língua e descrição do seu sistema fonológico (cf. subseção 1.2.2.3.3, p. 41). A autora (Op cit, p.12-16) apresenta as diferentes formas de escrita ortográfica para a língua

³⁰ Cf. Udo (1983, p. 99); Loverjoy P. e Richardson (1999, p. 332-55); Castro (2001, p.41); Russel-Wood (2001, p. 13); Karasch (2000, 481).

³¹ Ikiddeh (2006, p. 435-3); Ojoade (1989, p. 79); Figueiredo (2004); e Benjamim Santos (pesquisas pessoais em andamento).

³² Cf. Udondata (2006, p. 8-9)

encontradas na literatura: ‘Annang’, por Dustan (1969), Essien (1990); ‘Anaang’ por Connell (1991), Idem (1994), Urua (2000), Udoh (2003) e Udoh (no prelo); ‘Annañ’ por Udondata (1993; 2006).

Anaan é considerada uma língua em desenvolvimento pelo Estado Nigeriano. Não dispõe de dicionário, gramática, nem é usada na alfabetização de crianças. Na literatura lingüística, é tradicionalmente considerada como dialeto das línguas efique ou ibíbio (Essien, 1990; Urua, 2000).

Udoh (no prelo, p.14-15) reúne as abordagens etnolingüísticas e etnográficas das línguas nigerianas e ressalta um problema presente nos trabalhos de investigação dessa ordem: o etnicismo.

*[...] Since linguistic decisions are often tied to ethnicism, it is not surprising that the classification of languages is sometimes a bit turbulent. Speakers of a language sometimes want to create some identity for themselves. Language, being a powerful tool is one of the most effective dividing or uniting forces. It is such a need more than any thing else that makes speakers of a language consider merely different varieties of the same language as distinct languages of their own. In matters like these therefore, the wish of the people needs to be considered along with many other factor...*³³

Segundo Udondata (2006, p. 3) anaan, efique e ibíbio têm uma origem comum, mas são línguas distintas:

*There is ample evidence to show that Annañ, Efik and Ibibio people originally belonged to no stock. This could be traced to when they were members of the Ibom Community in the Aro Kingdom before their Southward dispersion. What they spoke originally later developed into distinct languages. This fact has been corroborated by Quirk and Greenbaum (1973) who consider geographical dispersion results in dialects becoming so distinct that they are regarded as different languages. This stage was long ago reached with the Germanic dialects that are now Dutch, English, German, Swedish etc. Today while the three languages share some mutual intelligibility, each of them has its peculiar idioms that do not facilitate intelligibility between the three groups.*³⁴

³³ Tradução livre da citação: “[...] Como as decisões lingüísticas estão freqüentemente amarradas à etnicidade, não é surpreendente que a classificação das línguas seja, às vezes, um pouco turbulenta. Os falantes de uma língua às vezes gostam de criar alguma identidade para si. A língua, sendo poderosa ferramenta, é uma das mais efetivas forças de divisão ou de união. É uma necessidade, mais do que qualquer outra coisa que faz com que os falantes de uma língua considerem meramente diferentes variantes de uma mesma língua como línguas distintas da sua própria.”

³⁴ Tradução livre da citação: “Há uma grande evidência para mostrar que os povos annañ, efik e ibibio têm uma mesma origem. Isto remete ao tempo em que eles eram membros da comunidade de Ibom no reino de Aro antes da dispersão sul. O que eles falavam originalmente se desenvolveu em línguas diversas. Este fato tem sido corroborado por Quirk e Greenbaum (1973) que consideram que a dispersão geográfica foi responsável pelo fato de que os dialetos sendo tão diferentes chegam a ser considerados línguas distintas. Este estágio foi alcançado muito tempo atrás com os dialetos germânicos que agora são conhecidos como holandês, inglês,

Em campo, constata-se o posicionamento dos anaans em relação aos demais grupos étnicos nigerianos: o povo anaan se autodenomina um grupo étnico distinto, com língua também distinta.

A língua anaan é amplamente utilizada por seu povo. Apesar de o inglês ser a língua oficial da Nigéria, falada nos grandes centros urbanos e ser a língua da educação formal (cf. introdução deste capítulo), o uso desse idioma na área anaan é limitado. A maior parte da população anaan reside na zona rural onde o acesso à educação formal é restrito. Nas transações comerciais da região prevalece o uso do pidgin nigeriano e, em menor escala, o ibíbio ou efíque.

Em 1981 o Estado Nigeriano sancionou sua Política Nacional de Educação determinando a inclusão de línguas nacionais no ensino formal. Estabeleceu-se que o processo de alfabetização e de educação formal nas séries iniciais seria efetivado numa língua nigeriana: a língua materna da criança ou uma próxima a ela. Com essa ação, a tentativa de alcançar dois objetivos: (i) proporcionar um maior rendimento do aprendizado das crianças, já que estudos têm confirmado que o aluno que se alfabetiza em sua língua materna tem melhor aproveitamento na aprendizagem subsequente, mesmo que feita em outra língua; e, (ii) fomentar o processo de valorização identitária, com preservação das línguas nacionais. A responsabilidade das primeiras séries do ensino formal (Primary School Level) passou a ser atribuída às áreas governamentais de cada estado.³⁵

Com isso, as áreas de grupos étnicos cujas línguas não possuem uma ortografia, dicionário e gramática passaram a enfrentar problemas com o desenvolvimento educacional. O benefício da educação formal, nessas áreas, dá-se na língua oficial – o inglês – ou em uma das línguas majoritárias do país. Desprovidos de normatização de suas línguas, esses grupos minoritários são excluídos do processo de valorização identitária.

Nesse contexto, a classe política da Área Governamental Annang buscou incentivar políticas lingüísticas, evitando, assim, que as línguas efíque ou ibíbio, línguas próximas ao anaan (já possuidoras de ortografia, dicionário e gramática), sejam introduzidas no ensino formal ministrados nas escolas públicas locais.

A partir da década de 90, surgiram os primeiros projetos de pesquisas de descrição do anaan, inclusive a elaboração de uma ortografia cujos trabalhos iniciais já tinham sido apresentados pela “Annang Cultural Organization”, em 1989. Em 2000 foi elaborada uma

alemão, sueco etc. Hoje como as três línguas reservam alguma inteligibilidade mútua, cada uma delas tem expressões particulares que não facilitam a inteligibilidade entre os três grupos.”

³⁵ Sobre a PNE na Nigéria ver Idem & Udondata (2001, p. 2-15).

primeira proposta de ortografia da língua lançada por Emem Akpabio – Presidente Nacional da Associação Sociocultural Annang – em parceria com diversas instituições educacionais e lingüistas nigerianos. Essa proposta foi aprovada pelo Ministério da Educação daquele país no ano seguinte. Desde então, autoridades políticas das áreas anaans e Fundações Culturais³⁶ têm interesse em registrar ortograficamente em língua materna composições de música, provérbios, poemas, nomes próprios e contos tradicionais da sociedade anaan.

As associações culturais também iniciaram um processo de divulgação da língua promovendo o ensino da ortografia anaan para estudantes universitários e professores anaans, mas, ainda assim, trata-se de um grupo pequeno e sem formação lingüística. Dentre as questões a serem resolvidas ainda neste âmbito, destacam-se: elaboração de materiais pedagógicos para um ensino efetivo e que ainda inexistem em anaan – gramática e dicionário; a tradição do uso oral da língua; o reduzido número de trabalhos lingüísticos sobre anaan (há trabalhos somente sobre fonética e fonologia).

Se por um lado o povo anaan busca registrar sua língua, investigações no campo da lingüística têm contribuído para um melhor conhecimento da gramática de sua língua. O quadro fonológico do anaan – por ser distinto do quadro do efiqwe e do ibíbio – aponta que esta variedade lingüística pode ser considerada como uma língua à parte (Udoh, 2003; no prelo; Akpan, 2003; Udodata, 2006).

Com o objetivo de apresentar um panorama geral dos estudos empreendidos na língua anaan, sumariza-se, nas subseções a seguir, o que a literatura atesta sobre: (i) a classificação tipológica; (ii) ortografia; (iii) fonologia segmental e auto-segmental; e, (iv) a estrutura silábica da língua anaan³⁷.

1.2.2.1 Classificação tipológica

Estudos voltados para a tipologia lingüística³⁸ identificam as línguas faladas na Nigéria como pertencentes aos troncos lingüísticos nigero-congolês, afro-asiático e nilo-saariano, conforme pode ser observado no mapa a seguir:

³⁶ Afe Annan, Ati Anaan, Nto Annang, Anaang Community in Calabar, dentre outras.

³⁷ Este trabalho não consiste numa análise mais abrangente sobre o sistema fonético/fonológico anaan, nem apresenta uma reanálise das abordagens já desenvolvidas nessa área.

³⁸ Cf. Williamson e Blench (2000); Udoh (2004 a;b; no prelo); Gordon (op cit).

MAPA 3
MAPA LINGÜÍSTICO DA NIGÉRIA

FONTE: ETHNOLOGUE -2006

Anaan está localizada na área identificada como “Niger-Congo” no mapa 3.

O trabalho de Udoh (1988) informa que a primeira referência sobre a classificação tipológica do anaan é datada de 1963 com o trabalho de Greenberg, que classifica em conjunto anaan-efik-ibíbio como um subgrupo do grupo benuê-congo, da subfamília nigero-congolesa do tronco nigero-cordofaniano. A segunda referência é o trabalho de Cook (1969), que considera anaan e ibíbio como membros do grupo Lower Cross, caracterizado por ser composto por línguas distintas, lingüisticamente muito próximas e com alto grau de inteligibilidade. Udoh (Op. cit.) ressalta que o conjunto anaan-efique-ibíbio continua mantido por Williamson (1989).

Udoh (1998)³⁹, em seu trabalho de investigação sobre fonologia e aquisição da língua anaan, destaca a posição dessa língua no tronco nigero-congolês:

³⁹ cf. Udoh (1998, p. 13, apud Cornell (1991)). A autora mantém a grafia usada pelo autor.

(1)

Para Urua (2000, p. 2-3) anaan está entre as 19 variedades de línguas Lower Cross, traçadas a partir de uma fonte em comum denominada Ibibiod (ibibióide) por O. Essien (cf. Essien, 1990). A terminação “-oid” é acrescida a denominações de nós mais baixos nas classificações tipológicas que nomeiam grupos relativamente próximos.⁴⁰

A proposta de Urua (2000, p.3) é apresentada no quadro, a seguir:

QUADRO A⁴¹
GRUPO IBIBIOD

Ibibiod									
IKO	IBENO	IBUORO	ITU	MBONUSO	ITO	NKARI	ANAANG	EFIK	IBIBIO
UKWA	EKIT	ORO	OKOBO	EBUGHU	ILUE	EWANG-UDA	EKIT	ETEBI	MBO (EFAI)

A denominação ibibióide, no entanto, tem provocado discussões entre os lingüistas que trabalham com a tipologia dessas línguas. É considerada por alguns autores como tendenciosa por remeter a aspectos políticos, históricos e de dominação social entre povos. Recentemente, a terminologia Ibom Languages (línguas ibom) considerada neutra, histórica e geograficamente, vem sendo adotada nos trabalhos que consideram anaan uma língua. Essa é a proposta de Udoh (no prelo, p. 14):

⁴⁰ Cf. Williamson e Blench (op cit, p.16).

⁴¹ O quadro proposto não representa um contínuo dialetal.

*We propose a more neutral name which is historical and geopolitically motivated. Since all the languages of the Lower Cross subgroup are spoken in Akwa Ibom State, we propose **Ibom languages** for the languages of the area. Only Ukwa spoken in Cross River and Usakaede- in Cameroun (Connell, 1991:5) are not represented in Akwa Ibom State. The choice of a neutral name for the stock, we believe, will be more acceptable to a generality of the people than a choice of one of the languages as this is often misinterpreted as some form of subordination and domination [...]*⁴²

Adotando Udoh (Op. cit), apresenta-se, anaaan como pertencente ao grupo ibom – um grupo composto pelas seguintes línguas:

QUADRO B
GRUPO IBOM⁴³

Línguas Ibom						
ANAAN	EBUGU	EFIQUE	EQUITE	ETEBI	EUAN-UDA	IBENO
IBÍBIO	IBUORÓ	ICÓ	ILUÉ	IMBÓ(EFAI)	IMBONUSO	
INCÁRI	ITÓ	ITU	OCOBÓ	ORON	UQUÁ	

Quanto à classificação tipológica da língua anaaan, adota-se, aqui, a proposta de Williamson & Blench (2000, p.33): língua “Lower-Cross”, da subfamília “Cross River”, sub-ramo “East Benue-Congo” (benue-congo do leste), pertencente ao ramo “Proto Benue-Congo” (proto benuê-congo) do grande tronco lingüístico nigero-congolês.

1.2.2.2 Dialeto da língua anaaan

Segundo Udoh (1998, op.cit), a partir de trabalhos de coleta de dados para descrição fonético/fonológica da língua anaaan, constata-se uma variação dialetal que pode ser agrupada em três conjuntos, que se sistematiza no quadro a seguir:

⁴² Tradução livre da citação: “Nós propomos um nome mais neutro que tem motivação histórica e geopolítica. Como todas as línguas do subgrupo Lower Cross são faladas no Estado de Akwa Ibom, nós propomos chamá-las de línguas Ibom. Apenas Ukwa falada em Cross River e Usakaeda falada em Camarões (Connel, 1991:5) não têm representantes no Estado de Akwa Ibom. Acreditamos que a escolha por um nome neutro para a origem será melhor aceita do que a opção pelo nome de uma das línguas, o que geralmente gera uma noção errônea de subordinação ou de dominação [...].”

⁴³ A disposição das línguas está em ordem alfabética. Não há estudos lingüísticos o suficiente para dispô-las num quadro que represente um contínuo dialetal.

QUADRO C
DIALETOS DA LÍNGUA ANAAN

Os dados utilizados neste trabalho são do dialeto anaan do norte falado em Ikot Ekpene, onde se localiza o maior centro comercial e administrativo da área governamental anaan.

1.2.2.3 Língua anaan: o estado da arte

Nesta subseção apresenta-se uma visão panorâmica do desenvolvimento dos estudos empreendidos sobre a língua anaan.

Udoh (2003, no prelo) apresenta a literatura lingüística sobre anaan: quatro artigos publicados sobre a língua (Essien (1973), Idem (1996), Udoh (1996, 1997) e quatro trabalhos de pós-graduação, todos desenvolvidos na Universidade de Calabar: dois de mestrado e dois de doutorado. Os trabalhos de mestrado são: (i) Utip (1989) – que compara sistemas vocálicos do anaan ao do ibíbio e efique – e (ii) Udondata (1993) – que compara os sistemas fonológicos do inglês e do anaan, com vistas a auxiliar os falantes anaans a aprender inglês. Os dois trabalhos de doutorado são: (i) Idem (1994) – que trabalha com aquisição de língua estrangeira e a constatação de universais na aquisição de determinados segmentos do inglês por falantes de anaan (especificamente líquidas (/r, l/) e oclusivas (/p, b, t, d, k, g/)); e, (ii) Udoh (1998), que investiga a entonação do anaan e do inglês.

Além desses trabalhos, há algumas monografias desenvolvidas por alunos da Universidade de Uyo apresentadas para obtenção do título de Bacharel em Lingüística. Os projetos já apresentados são: (i) Adolphus (1998) sobre a estrutura da sílaba em anaan; (ii)

Ubon (2000) que discute a inteligibilidade entre anaan e oron. Dois projetos em andamento discutem a variação dialetal em quatro das oito áreas governamentais anaans: um deles enfoca o léxico e, ou outro, a fonética.

Udondata retoma sua dissertação de mestrado de 1993 e publica em 2006 a obra *A Grammar of Annañ Language*, em que apresenta um inventário do sistema fonológico anaan, descreve variações fonológicas dialetais e sistematiza um rol de palavras como pertencendo às classes gramaticais da língua as quais denomina de: **iko anyin** “nome”, **iko unam mkpo** “verbo”, **iko urekpe anyin** “adjetivo”, **iko urekpe arunam** “advérbio”, **iko urad itie anyin** “pronome”, **usoomo iko** “conjunção”, **iko uqwod mkpo** “preposição”, **iko irike** “interjeição”. Não há uma descrição pormenorizada, nem análise lingüística morfossintática dessas categorias.

Um marco recente no estudo lingüístico em anaan é a obra *Anaang Phonology* (Udoh, no prelo) que, sob o escopo da fonologia gerativa, descreve e analisa o sistema fonético e fonológico do anaan, incluindo os aspectos supra-segmentais da língua.

Esses estudos consistiram numa base para iniciar uma proposta de registro ortográfico da língua anaan.

1.2.2.3.1 *O alfabeto anaan*

O alfabeto anaan usado na área e aprovado em 2001 é composto por 28 letras: a, b, ch, d, e, f, gh, gw, i, j, k, kp, kw, m, n, ñ, ñw, ny, o, ɔ, p, r, s, t, u, ɹ, w, y.⁴⁴

Nesta dissertação, utiliza-se o alfabeto anaan na transcrição dos dados e a ortografia apresentada representa os seguintes fonemas: **a** representa /a/; **b** representa /b/; **ch** representa /tʃ/; **d** representa /d/; **e** representa /e/; **f** representa /f/; **gh** representa /ɣ/; **gh** representa /gʷ/; **i** representa /i/; **j** representa /dʒ/; **k** representa /k/; **kp** representa /kp/; **kw** representa /kʷ/; **m** representa /m/; **n** representa /n/; **ñ** representa /ɲ/; **ñw** representa /ɲʷ/; **ny** representa /ɲ/; **o** representa /o/; **ɔ** representa /ɔ/; **p** representa /p/; **r** representa /r/; **s** representa /s/; **t** representa /t/; **u** representa /u/; **ɹ** representa /ʋ/; **w** representa /w/; **y** representa /j/⁴⁵.

⁴⁴ Idem & Udondata (2001, p. 21-22).

⁴⁵ Essa proposta ortográfica, em que os símbolos entre barras são representações fonológicas, segue a metodologia proposta para a ortografia das línguas ibíbio e efíque – ver O. Essien (1990, p. xix).

A ortografia anaan exclui marcação tonal. Os tons em anaan são apresentados na subseção a seguir.

1.2.2.3.2 *Marcação do tom*

Tom é um termo usado na fonologia para se referir ao nível do traço fonético audível correspondente em algum grau com o traço acústico de frequência – relacionado às vibrações das cordas vocais ‘pitch’ (Conferir Crystal 2003, p. 355, 465). Segundo Crystal (Op.cit, p. 465-6) em muitas línguas, o tom atado a uma palavra traz o traço essencial do significado daquela palavra (tom lexical). O tom ainda pode definir categorias gramaticais. Logo, “[...] Such languages where word meanings or grammatical CATEGORIES (such as TENSE) are dependent on pitch level, are known as **tone languages**”.⁴⁶

O tom é uma propriedade da sílaba. Incide sobre o núcleo das sílabas, ou seja, sobre as vogais. Pode, no entanto, incidir sobre uma consoante, quando esta se organiza como núcleo de uma sílaba.

O supra-segmento tonal estabelece oposições no nível paradigmático (da palavra), no entanto, no nível sintagmático/ sentencial tais oposições não são relevantes. Dentre o conjunto atestado na literatura para a notação fonético/fonológica do tom, destaca-se: (´) H (alto); (˘) L (baixo); (^) HL (alto baixo); (ˆ) LH (baixo alto).

Em línguas tonais o supra-segmento **tom** possibilita distinções lexicais entre palavras que apresentam os mesmos segmentos fonológicos. A seguir, exemplifica-se tom lexical e tom gramatical com dados de ibíbio (Oliveira, 2005, 97-8) apresentados por de Benjamim Santos (2006, p.1-2)⁴⁷:

- Tom lexical
- (2)
- a. **áta** “um tipo de formiga negra que pica; este inseto vive em árvores”; “um tipo de mato cujas folhas causam coceira”.
 a’. H-H

⁴⁶ Tradução livre da citação: “[...] *Tais línguas onde o significado da palavra ou as categorias gramaticais (tais como tempo) são dependentes do nível da frequência, são conhecidas como línguas tonais*”.

⁴⁷ A razão da apresentação desses dados em ibíbio justifica-se por Benjamim Santos (2006), a partir de Oliveira (2005, p. 97-8), ter esquematizado o tom lexical e gramatical nessa língua a partir da mesma raiz fazendo uso da notação da Morfologia Distribuída – cf. Marantz (1997, p.17).

b. **átâ** “um tipo de árvore”; “um especialista/ prático (em ervas, em roubo, etc.)”.

b’. H-HL

c. **àtá** “desafio”; “resolução”; “sessenta”.

c’. L-H

Os dados em (2 a-c) são representados por Benjamim Santos (Op. cit.) em (3 a-c), a seguir:

(3)

a. √ **átá**

b. √ **átâ**

c. √ **àtá**

onde cada dado em (3) apresenta uma raiz com duas sílabas, cujos núcleos (mora) têm tons distintos.

- Tom gramatical

(4)

a. **À-tá mbanisañ**

2S.SA- mastigar amendoim ⁴⁸

“Você mastiga amendoim”

b. **Á-tá mbanisañ**

3S.SA-mastigar amendoim

“Ele/a mastiga amendoim”

Em (4) verifica-se que o supra-segmento tom indica mudança de pessoa (2ª pessoa em 4a; 3ª pessoa em 4b). “**Á- tá**” pode ser representado pela raiz em:

(5)

em que é possível constatar que o tom alto do morfema [á-] não é parte da raiz √**tá**, como se viu no paradigma em (3). Este fato exemplifica um tonema de ordem gramatical e não lexical.

⁴⁸As abreviaturas usadas seguem Comrie, Haspelmath & Bickel (2006). [SA] – Concordância do Sujeito; [2/3/S] – 1ª/ 2ª/ 3ª pessoa singular.

Estudos empreendidos em anaaan consideram-na uma língua tonal. Udoh (no prelo, p. 67-81) apresenta o seguinte sistema tonal da língua: (i) alto, indicado como [´] e (ii) baixo, indicado como [˘]. Em (6), apresenta-se o padrão tonal anaaan:

(6)

a. ˘ákpá	[ákpá]	“primeiro”
b. ákpá	[ákpá]	“superfície da água”

Foneticamente, anaaan tem dois tons modulados: (i) baixo/alto, representado por [˘]; e (ii) alto/baixo, cuja representação é [˘] como se vê em (7):

(7)

a. íbû	[íb˘û]	“cogumelo”
b. mǎt	[mǎt]	“casca”

Em anaaan, o tom distingue itens lexicais, conforme os dados apresentados de (8) a (12).

(8)

a. [ínúúk]	“canto”, “escanteio”
b. [ínúúk]	“assobio”

(9)

a. [úkót]	“na lei”
b. [úkót]	“perna”

(10)

a. [ábõ]	“mosquito”
b. [ábõ]	“empola”; “borbulha”; “caroço na pele”
c. [ábõ]	“nome local”

(11)

a. [ábõt]	“morro”; “colina”
b. [ábõt]	“inventor (quem cria)”

(12)

a. [íwúó]	“nariz”
b. [íwúó]	“cabeça”

Anaaan também apresenta distinção tonal gramatical, ponto que será abordado no decorrer das análises apresentadas nos capítulos 2 e 3 deste trabalho.

1.2.2.3.3 Sistema fonológico

A fonologia da língua anaan foi descrita por Udoh (1998; no prelo), e Udondata (2006). Sumarizam-se nesta subseção alguns resultados apresentados por esses autores.

Segundo os autores (Op. cit.) o sistema fonológico do anaan é composto por sete vogais orais:

(13)

/i e a ɔ o ʊ u/

Essa proposta é representada no quadro a seguir:

QUADRO D⁴⁹
VOGAIS DO ANAAN

ANTERIOR i	CENTRAL	POSTERIOR u
ALTA		ʊ
MÉDIA e		ɔ o
BAIXA	a	

O quadro das consoantes é composto por 21 fonemas:

(14)

/p b t d k kw gw kp f s tʃ dʒ m n ŋ ɲ ɳ w ɬ r/

O sistema fonológico do anaan apresentado por Udoh (no prelo, 30-37) é sistematizado no quadro a seguir:

QUADRO E
CONSOANTES DO ANAAN

	BILABIAL	LABIODENTAL	ALVEOLAR	PALATAL	VELAR	LABIOVELAR	VELAR LABIALISADA	UVULAR
OCCLUSIVA	p b		t d		k	kp	kw gw	
NASAL	m		n	ɲ	ŋ		ɳ w	
FRICATIVA		f	s					ɬ
AFRICADA			tʃ	dʒ				
TEPE			r					
APROXIMANTE				ɹ		w		

⁴⁹ Udoh (no prelo, p. 40), traduzido.

1.2.2.3.4 Estrutura silábica

A proposta do registro das sentenças que compõem este trabalho segue a proposta de Udoh (no prelo, p. 54) sobre a estrutura da sílaba em anaan:

QUADRO F⁵⁰
ESTRUTURA SILÁBICA EM ANAAN

As estruturas apresentadas no quadro F são exemplificadas a seguir:

(15)

	Tipo	Descrição	Exemplo	Significado
a	N	nasal silábica	[m̃. kp̃o]	algo
b	V	vogal	[ú]	você (marca de concordância)
c	CV	consoante,vogal	[ñ.sú]	venha
d	CVC	consoante,vogal, consoante	[béd]	feche
e	CVV	consoante, vogal, vogal	[tíé]	sente
f	CGV	consoante, glide, vogal	[tjá]	chute
g	CVVC	consoante,vogal, vogal, consoante	[dúób]	dez
h	CGVC	consoante, glide, vogal, consoante	[íyák]	peixe
i	CGVVC	consoante, glide,vogal alongada,consoante	[bjú:k]	ressussitar

⁵⁰ Udoh (no prelo, p. 54), quadro renumerado.

CAPÍTULO II

ASPECTOS MORFOSSINTÁTICOS DA LÍNGUA ANAAN

2.1 PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

Devido à natureza deste trabalho, desenvolveu-se paralelamente ao foco de investigação – os pronomes pessoais –, um inventário preliminar sobre aspectos relacionados à morfologia e à sintaxe da língua anaan. A partir das concepções adotadas de que o pronome é uma classe de palavras que tem a propriedade de substituir o nome (Schachter 1985; Payne 1997; Creissels 2006), e de que essa categoria é – como o verbo – “uma palavra submetida à categoria da pessoa” (Benveniste 1970), é preponderante apontar características sobre a categoria nome e o sintagma nominal e a categoria verbo e o sintagma verbal em anaan, bem como uma análise sobre a ordem na língua.

Ainda que uma descrição e análise pormenorizada desses aspectos estejam fora do escopo deste trabalho e demandem mais investigação, são apresentados alguns pontos relevantes neste capítulo para a compreensão da descrição sistematizada dos pronomes pessoais em anaan a serem abordados no capítulo 3.

Inicialmente, apresentam-se notas sobre o nome e o sintagma nominal, o verbo e o sintagma verbal na seção 2.2. Na seção 2.3, são apontadas considerações sobre a ordem da língua anaan.

2.2 NOMES E VERBOS EM ANAAN

A distinção entre nomes e verbos é, aparentemente, universal nas línguas⁵¹. Sob o ponto de vista morfológico, nomes e verbos estão associados aos processos mais gerais de formação de palavras estudados pela morfologia.

⁵¹ Embora se faça essa afirmação, convém ressaltar que a literatura atesta a existência de línguas em que a distinção entre nome e verbo não é clara, assim como há línguas em que as categorias de tempo, aspecto, modo e polaridade não são expressas no verbo (Schachter, 1985, p. 7- 9).

Petter (2003, p. 69), informa que

o estudo da morfologia subdivide-se em dois campos (i)um dedicado ao estudo dos mecanismos morfológicos por meio do qual se formam palavras novas – domínio da morfologia lexical e (ii) outro, voltado para a análise dos mecanismos morfológicos que apresentam informações gramaticais – domínio da morfologia flexional.

Segundo a autora (Op.cit., p 69- 75), na morfologia flexional, o mecanismo básico é a flexão, que forma conjuntos sistemáticos completos ou fechados, como os paradigmas flexionais das conjugações verbais, por exemplo (a palavras são as mesmas, com modificações que indicam relações gramaticais). Na morfologia lexical há formação de palavras novas e os processos mais gerais de formação de palavras são derivação e composição. Em anaa a morfologia lexical e a morfologia flexional estão associadas ao uso de afixos. Uma mesma raiz pode, a depender do afixo, compor um verbo ou um nome. Esta é uma característica e pode ser atestada com a raiz **fùm**:

(16)

Raiz : **fùm**
 Realização morfológica: Prefixo - raiz: **ńfùm**
ń - fùm
 VERB - RAIZ
 “voar”

(17)

áfùm
 Realização morfológica: Prefixo - raiz
á - fùm
 NOM - RAIZ
 “vão”

Em (16), a raiz **fùm** aparece na composição **ńfùm** o verbo “voar”. Em (17), a raiz **fùm** aparece na composição **áfùm** do nome “vão” em que o prefixo [á-] é um nominalizador.

Nas subseções a seguir, apresenta-se um panorama geral sobre a morfologia nominal, a morfologia verbal, bem como sobre os constituintes nominal e verbal em anaa.

2.2.1 Morfologia nominal e o sintagma nominal

A derivação nas línguas é um processo idiossincrático e irregular, podendo ser realizado por meio de dois processos: (i) afixação – em que o acréscimo de afixos (prefixos, sufixos, ou ambos) a uma base pode criar nomes de categorias gramaticais diferentes; e (ii) composição – em que a associação de dois ou mais radicais compõem uma nova palavra. Esses dois processos são identificados em anaan.

O acréscimo de um prefixo a uma base permite criar nomes nesta língua. Até então, identificam-se seis afixos característicos da morfologia nominal⁵²:

(18)

(i) a-

a. bód (↓criar/ cria!)	àbód (criador)
b. má (↓amar/ama!)	àmá (amor)
c. sián (↓orgulhar-se/orgulha-se!)	àsían (orgulho)

(ii) i-

a. baañña (↓fofocar /fofoca!)	íbaañña (fofoqueiro)
b. ná (↓vadiar /vadia!)	íná (sexo)
c. ròk (↓colher/colhe!)	ìròk (colheita)

(iii) m-

a. fèkké (↓deformar/deforma!)	mèfèkké (aleijado)
b. foró (↓vestir/veste!)	mforó (camisa/vestido)
c. kpá (↓morrer/morre!)	mkpá (defunto)

(iv) n-

a. kókó (↓deslocar/desloca!)	ńkókó (deslocamento)
b. ná (↓vadiar/vadia!)	nná (lugar para descanso)
c. sàñá (↓ir com/ vai!)	nsàñá (caminho)

⁵² Convém ressaltar que a raiz está traduzida em português como infinitivo, para uma melhor compreensão do fato gramatical exposto. Entretanto, em anaan, uma dada raiz sem um marcador pronominal tem leitura imperativa na língua (cf. seção 2.2.2.1, p. 55). Sobre a notação raiz ↓, ver nota 47.

(v) **nni-**

a. ché (↓ver/vê!)	nniché (desenho)
b. dúk (↓entrar/entra !)	nnídúk (visita)
c. ta (↓mastigar/mastiga!)	nníta (mastigação)

(vi) **u-**

a. fòró (↓ser próspero/sê próspero!)	ùfòró (prosperidade)
b. nek (↓dançar/dança!)	únék (dança)
c. deb (↓comprar/compra!)	údeb (comprador)

O processo de composição por palavras distintas também é identificado em anaan como em: (i) **údiàèrì** “mamão” e (ii) **ájéñúfókñwèd** “escola”, (iii) **útíè úsè m̀kpò èsèd ádè**: “museu”:

(19)

(i)

ú- díà- èrì
 NOM- comida- porco
 “mamão”

(ii)

ájé- ñ- úfók- ñ- wèd
 criança- NOM- casa- NOM- livro
 “estudante”

(iii)

útíè- úsè- m̀kpò- èsèd- ádè
 lugar- olhar- coisa- velho- DET
 “museu” (lugar de olhar coisas velhas)

Os dados apresentados apontam que o processo de afixação é produtivo na língua anaan.

Segundo Givón (1984, p. 56) a classe gramatical nome nas línguas podem ser caracterizadas semanticamente por um conjunto de traços. O autor (Op.cit.) propõe uma hierarquia geral para o valor de referência dos nomes das línguas naturais:

(20)

ENTIDADE>TEMPORAL>CONCRETO>ANIMADO>HUMANO

De acordo com Givón (Op. cit.), “entidade” se relaciona à existência – como ‘liberdade’, ‘dignidade’; “temporal” à existência no tempo – como ‘julho’, ‘dia’; “concreto” à existência no tempo e no lugar – como ‘casa’, ‘cadeira’ (podendo ser animado ou inanimado); “animado” às características já apresentadas mais o traço ‘organismo vivo’ – como ‘cavalo’, ‘abelha’; e “humano”, todas as características mencionadas mais o traço ‘ser humano’ – como ‘professor’, ‘homem’, ‘mulher’.⁵³

Em anaa são identificados itens para a hierarquia apresentada em (20):

(21)

Entidade: **ñkáñà** “liberdade”, **úfik** “opressão”

Temporal: **ndáyèò** “verão”, **èmaéma** “tempo do óleo de palma”

Concreto: **mboôró** “banana”, **ítíàd** “pedra”

Animado: **íkúd** “tartaruga”, **utuù** “aranha”

Humano: **ájèn** “criança”, **ágwó** “pessoa”

Sintaticamente, os nomes ocorrem como núcleo de um sintagma nominal, ocupando a função de sujeito de uma sentença (argumento externo) ou a função de objeto (direto e indireto), situação em que é argumento interno de verbos transitivos.

Em anaa, qualquer constituinte representado nessa hierarquia pode ocupar posição de núcleo de um complemento do verbo (sujeito ou objeto). Segundo Creissels (2006, p. 37), “um constituinte sintático cujo núcleo é um nome é denominado constituinte nominal” (doravante, NP, do inglês *Noun Phrase*).

Williamson & Blench (2000, p. 33) afirmam que os NPs das línguas Lower-Cross podem ter as seguintes composições⁵⁴:

(22)

a. Nome + Genitivo (N + GEN)

b. Nome + Possessivo (N+POSS)

c. Adjetivo + Nome (ADJ+N)

⁵³ O texto original é o que segue: “ **Entity** means ‘that which exists’, **temporal** ‘exists at a particular time’; **concrete** ‘exists in both time and place’; **animate** adds to all the above the feature ‘living organism’, and **human** also adds the feature ‘be human’[...] When a noun is only “entity”, without further specification, it is most commonly referred to as an abstract noun, such as ‘freedom’ or ‘dignity’. A ‘temporal’ noun is often referred to as semi-abstract, and the examples are ‘July’, ‘day’, ‘Sunday’, ‘birthday’ etc. Concrete (but inanimate) nouns have spatial dimensions (and other concrete qualities associated with physical objects). They are nouns such as ‘house’, ‘chair’, ‘tree’ etc. Animates (but non-humans) are nouns such as ‘horse’, ‘bee’, ‘fish’ etc. And humans are nouns such as ‘teacher’, ‘banker’, ‘governor’ (without further gender specification) or ‘man’, ‘woman’ ‘ballerina’ (with obligatory gender). ”

⁵⁴ Williamson e Blench (2000, p. 33); tabela 2.12, renumerada.

- d. Nome + Adjetivo (N+ADJ)
- e. Nome + Numeral (N+NUM)
- f. Nome + Demonstrativo (N+DEM)
- g. Nome + Determinante (N+DET)

Exceto a composição Nome + Adjetivo, os demais tipos de NPs apresentados em (22) podem ser identificados em anaaan:

(23)

a ⁵⁵ .	N + GEN	àkôm úfók' telhado casa	telhado da casa
b.	ADJ+N	ètók úfók pequena casa	casa pequena
c.	N+NUM	úfók íta casa três	três casas
d.	N+DEM	úfók òkò casa aquela	aquela casa
e.	N+ART	úfók ádè casa a	a casa

Reserva-se, por ora, de apresentar a composição N+GEN e N+POSS como N+GEN. Esse ponto será retomado no próximo capítulo.

Há uma proposta para a ordem dos modificadores nominais para línguas do grupo ibom. Essien (1990:136-138) e Oliveira (2005: 222-223) afirmam que a língua ibíbia possui 4 classes de modificadores nominais: (1) determinantes, (2) numerais e (3) possessivos – em posição pós-nominal – e (4) quantificadores – em posição pré-nominal. Em anaaan, conforme apresentado em (23), os determinantes, numerais e possessivos são pós-nominais⁵⁶. Os quantificadores, em anaaan, são pré-nominais, logo o comportamento é o mesmo do ibíbio:

(24)

ámíàṅ éwà
muito cachorro
muitos cachorros

⁵⁵ Nota-se a ausência de um elemento mórfico do tipo preposicional nesta relação. A ordem indica a relação genitiva.

⁵⁶ Reserva-se, por ora, citar possessivos; essa categoria será retomada no capítulo que segue.

(25)

úsúk áwò
 algum pessoa
 algumas pessoas

O núcleo do sintagma nominal em *anaan* pode ser acompanhado por dois tipos distintos de sintagmas funcionais: (i) o sintagma funcional determinante e (ii) o sintagma funcional ‘número [+PLURAL]’. Esse aspecto será abordado nas subseções a seguir.

2.2.1.1 O sintagma funcional determinante

Em *anaan*, o determinante **ádè** é um item lexical genérico para a classe de determinantes. Neste trabalho determinante corresponde a artigos definidos e demonstrativos.

Um NP como **ète** ‘homem’ em:

(26)

ète ádè
 homem DET

pode ser compreendido como (i) ‘o homem’ ; (ii) ‘este homem.

A partir dos dados em (23e) e (26), é possível observar que *anaan* parametriza o sintagma determinante (DP, do inglês *Determinant Phrase*) numa posição posposta ao núcleo nominal. Convém ressaltar que, em *anaan*, o uso de **ádè** é pouco produtivo, por não aparecer, freqüentemente, em situações discursivas⁵⁷.

2.2.1.2 O morfema **m̀mé** – ‘número [+PLURAL]’

Em *anaan*, o morfema **m̀mé** pode ser um indicador de ‘número [+PLURAL]’ como observado em (27):

⁵⁷ Os colaboradores lingüísticos, em comunicação pessoal, apontam que o determinante **ádè** é claramente identificado na fala de quem tem acesso à educação formal, mas raramente observado na fala espontânea.

(27)

a. **m̀mé** **ádéén** **ádè**
 PL filho DET
 “os filhos”

b. **m̀mé** **úfòk**
 PL casa
 “casas”

Conforme se observa em (27), o morfema **m̀mé** ocorre em posição pré-nominal ao NP.⁵⁸

2.2.1.3 Gênero

Segundo Trask (1996, p. 115), traduzido:

***Gênero** [...] Uma categoria gramatical encontrada em certas línguas em que os nomes são divididos em duas ou mais classes requerendo formas diferentes de concordância nos determinantes, nos adjetivos, nos verbos ou em outras palavras: exemplo, Francês: un vieux livre ‘um livro velho’ mas une vieille maison ‘uma casa velha’, em que ambos, o determinante e o adjetivo refletem o gênero do nome. O número de classes de gênero varia de um mínimo de duas classes a um máximo de cerca de oito ou dez classes; duas ou três é o mais usual. O gênero pode ou não ser marcado abertamente em nomes; freqüentemente, somente alguns nomes são abertamente marcados. Há, normalmente, alguma base semântica clara para as classes de gênero em uma língua marcada por gênero, que tipicamente envolve noções óbvias como tamanho, forma, animacidade, humanidade e sexo; algumas envolvem noções menos esperadas como ‘coisa comestível’ ou perigo. Em certas línguas com marcação de gênero, porém, é possível prever o gênero de cada nome por meio de seu significado isolado. A correlação semântica nesse caso é comumente mais fraca.[...]*

Logo, uma língua pode ser dita “língua com marcação de gênero”, caso o núcleo do NP desencadeie concordância com outros elementos a ele relacionados. Dentre as línguas que marcam gênero como classe, como as bantas, por exemplo, o traço semântico [+/- HUMANO] é preponderante. Os traços semânticos [MASCULINO] e [FEMININO] são bastante

⁵⁸ Uma análise mais detalhada sobre pluralidade em anaan e sua relação com a quantificação é um ponto de investigação importante na língua: **m̀mé** não é obrigatório antecedendo nomes que indiquem plural. Pontos para futuras análises foram apontadas pela Profª. Esmeralda Negrão, quando da banca de qualificação e pelo Prof. Okon Essien, quando se sua estada no Brasil. Esses aspectos devem considerados em futuras investigações; a proposta aqui apontada é fruto de observações iniciais.

contemplados para línguas com marcação de gênero por meio da categoria semântica sexo, como em hauçá⁵⁹.

A seguir, são apresentados dados em anaaan que contêm núcleos de NPs com traço semântico [+ HUMANO]:

(28)

- a. **Áwòdén ádè ámákùt ékà ádè ké Uyo**
Áwòdén áde a- má- kùt éka ádè ké Uyo
 homem DET 3SM- PAST.NPROX- ver mulher DET PREP Uyo
 “O homem viu a mulher em Uyo.”

- b. **Áwòdén ádè** – o homem

ékà ádè – a mulher

O modificador determinante **ádè** aparece, em (28) compondo dois NPs: (i) **áwòdén ádè** “o homem” e (ii) **ékà ádè** “a mulher”. Se anaaan marcassem gênero, o determinante **ádè** em (28) apresentaria alguma distinção morfológica realizada por conta da concordância com o nome, mas este não é o caso. Assim, em relação aos nomes dentro do sintagma nominal, anaaan não parece atestar qualquer desencadeamento de concordância por gênero/sexo ou outra distinção semântica entre o núcleo nominal e seus modificadores.

Convém ressaltar, entretanto, que estudos desenvolvidos com línguas da família benuê-congo, já citaram que afixos que antecedem os nomes são claros exemplos de vestígios de gênero (classe), como se observa em Welmers (1973, p.158)⁶⁰

[...] At least some languages in all of the other branches of Niger-Congo, however, have or give evidence of once having had noun class systems displaying some striking similarities to those found in Bantu. [...] In some West African languages, there are a number of noun prefixes which distinguish singulars and plurals, and which have some semantic correlation, but which do not participate in concordial relationships such as those described in the preceding chapter for Bantu. Some investigators have

⁵⁹ Hauçá, uma língua, do tronco afro-asiático, falada no norte da Nigéria, não tem classe e marca gênero masculino e feminino; dentre as línguas bantas, o traço [+/- Humano] é apontado como uma das bases semânticas do sistema de classes nominais bantas – ver Dimnendaal (2000, p. 189)

⁶⁰ Tradução livre da citação: “Ao menos algumas línguas em todas as unidades do tronco nigero-congolês têm ou mostram evidência de um dia ter tido sistema de classe nominal revelando algumas semelhanças àquelas encontradas em na línguas bantas. [...] Em algumas línguas do oeste africano, há um número de prefixos nominais que distinguem singular de plural, e que têm alguma correlação semântica, mas que não participam de relações como aquelas descritas no capítulo anterior para línguas bantas. Alguns pesquisadores chamaram sistemas deste tipo de “embrionário” ou sistema de classe nominal “rudimentar” [...] Uma reconstrução bem mais confiável sobre história lingüística é que as línguas em questão têm perdido algumas de suas características mais complexas de um sistema parecido com o das línguas bantas e deveriam ser caracterizadas como tendo um sistema de classes nominais de ‘vestígios’ ou ‘decadente’.”.

referred to systems of this type as “embryonic” or rudimentary noun class systems[...]A far more believable reconstruction of linguistic history is that the languages in question have lost some of the more complex characteristics of a system more like that of Bantu, and should rather be characterized as having “vestigial” or “decadent” noun class systems.

Em relação às línguas do grupo ibom, Essien (1990, p.133) apresenta dados em ibíbio que corroboram a proposta de Welmers (Op. cit.). O desenvolvimento do estudo sobre os afixos nominais em anaan poderão ampliar a investigação sobre vestígios de classes nominais no grupo ibom.

2.2.2 Sobre a morfologia verbal

Schachter (1985, p. 9), numa perspectiva tipológica, define verbos como nome dado à classe de palavras em que ocorrem a maioria das palavras que expressam ações, processos e desejo⁶¹. Essa definição de Schachter (Op. cit.) caracteriza-se por critérios semânticos e aponta que os itens considerados como verbos podem ser caracterizados através das categorias de Tempo, Aspecto, Modo (TAM) e Polaridade (negação) e, sintaticamente, operam como núcleo do predicado.

2.2.2.1 Relação dos núcleos nominais com o verbo

Em anaan, o verbo apresenta marcas que evidenciam sua relação⁶² com o sujeito da sentença e com o objeto (em algumas circunstâncias especiais), daí a necessidade de apresentar-se, em caráter preliminar, uma breve descrição da morfologia verbal. Neste trabalho, os morfemas que estabelecem essa relação são denominados de marcadores pronominais (PM, de *Pronominal Marker*), por consistir num morfema preso que se refere a um NP na posição de sujeito (SM) ou a um NP na função de objeto (OM) – ver p. 19-21.

⁶¹ Schachter (1985, p.9). O texto original é o que segue: “the name given to the parts-of-speech class in which occur most of the words that express actions, processes, and the like”

⁶² Opta-se por chamar de “relação com o sujeito/objeto” e não “concordância com o sujeito/objeto”, porque o termo “concordância” está fortemente atrelado às diferenças entre os estágios dos pronomes dentro da tipologia apresentada por Creissels (2001). “Concordância” será retomada nos capítulos 3 e 4.

Uma descrição mais detalhada dos PMs ,em anaan, será apresentada no próximo capítulo. Por ora, faz-se necessário apenas identificar os marcadores de sujeito.

Nos dados⁶³ de (29) a (31) esses marcadores, os SMs, aparecem em destaque:

(29)

a.

Ájèn á́tammà m̀kpó
Ájèn á- tammà m̀kpó
 Criança 3SG.SM pular coisa
 “A criança pula.”

a’.

á-
 3SG.SM

b.

Ñtò é́tammà m̀kpó
Ñtò é- tammà m̀kpó
 Crianças 3PL.SM pular coisa
 “As crianças pulam.”

b’.

é-
 3PL.SM

(30)

a.

Ájèn á́mátammà m̀kpó
Ájèn á- má- tammà m̀kpó
 Criança 3SG.SM PAST.NPROX pular coisa
 “A criança pulou.”

a’.

á-
 3SG.SM

b.

Ñtò é́mátammà m̀kpó
Ñtò é- má- tammà m̀kpó
 Crianças 3PL.SM PAST.NPROX pular coisa
 “As crianças pularam.”

⁶³ Embora esteja fora do escopo desse trabalho uma discussão mais aprofundada sobre o verbo em anaan, cabe uma nota sobre o fato de muitos verbos nessa língua necessitarem de um tipo de complemento. Esse complemento é tratado pela literatura como complemento transitivo ou objeto cognato. Em anaan, entretanto, esse fenômeno apresenta comportamento que ainda não foi identificado pela literatura consultada. Por ora, denomina-se de complemento oblíquo obrigatório, por sugestão do Prof. Emilio Bonvini, a quem agradeço. Neste dado em específico, o verbo **tammà** ‘pede’ um complemento para ser realizado como “pular”. Esse complemento é a palavra **m̀kpó**. Essa palavra é utilizada em diversos contextos em anaan. Neste contexto em específico, **m̀kpó** pode ser traduzida como “coisa”. A partir de outros dados nessa língua, identificamos em anaan a acepção dada por Kaufman (1972) à palavra **m̀kpó** em ibíbio: “[...] *thing, something; matter, event. This is one of most productive words in Ibíbio, it serves as any unspecified subject or object* [...] – ver Kaufman (1972, p. 289).

b'. é-
3PL.SM

(31)

a.
Ájèn ádatámmà m̀kpó
Ájèn á- dá- támmà m̀kpó
Criança 3SG.SM FUT.PROX pular coisa
“A criança pulará.”

a'. á-
3SG.SM

b.
Ǹtò édatámmà m̀kpó
Ǹtò é- dá- támmà m̀kpó
Crianças 3PL.SM FUT.PROX pular coisa
“As crianças pularão.”

b'. é-
3PL.SM

Em anaaan, **ájè** “criança” e **ntò** “crianças” são nomes que não sofrem flexão quanto a número: **ájè**, sempre indica singular e **ntò**, sempre indica plural. Entretanto, ao se observar a estrutura das sentenças apresentadas, percebe-se a ocorrência de uma marca, além da de tempo, que varia apenas com a mudança do elemento que ocupa a posição de sujeito: o marcador pronominal. Nos dados (29a –31a) o marcador é [**á-**]; nos dados (29b –31b), o marcador é [**é-**].⁶⁴

A marcação de um PM é relevante em anaaan, pois distingue se uma sentença está no modo imperativo ou no declarativo. Uma raiz verbal sem marcador pronominal gera o verbo no imperativo:

(32)

a. tó
tó
plantar.IMP
“Planta!”

b. Tóghó
tó- ghó
plantarIMP- NEG
“Não plante!”

⁶⁴ A descrição e análise dos PMs em anaaan serão analisados no capítulo 3.

Conforme se observa em (32), no imperativo, a raiz verbal aparece sem PM. Em (32a) tem-se a forma básica do verbo imperativo em anaan: apenas a raiz verbal **tó** “plantar”. Em (32b) o sufixo [- **ghó**] indica leitura de imperativo negativo.

2.2.2.2 Tempo, aspecto e modo

Categorias morfológicas típicas de verbos são as marcações de tempo, modo e aspecto (TAM, doravante).

Trask (2006) conceitua essas categorias:

Tempo(tense) – *A categoria gramatical que diz respeito ao tempo (time). Toda língua é capaz de expressar um sem número de distinções de tempo: logo, amanhã, na próxima quarta-feira às duas da tarde, faz 137 anos etc. [...] há línguas que constroem algumas dessas distinções de tempo como parte de sua gramática, e uma língua que assim o faz, tem a categoria tempo. A categoria gramatical de tempo é indicada nos verbos, mas há exceções.*

Modo(mood) – *A categoria gramatical que expressa o grau ou o tipo de realidade que se atribui a um enunciado.*

Aspecto(aspect) – *que apresenta distinção na estrutura temporal do evento. Independentemente de sua localização no tempo, todo evento pode ser encarado como tendo uma entre várias organizações temporais diferentes: como possuindo uma estrutura interna ou consistindo em um todo não passível de análise; estendendo-se por um período de tempo ou ocorrendo em um único momento; como uma única ocorrência ou como uma série de ocorrências que se repetem; pode ser visto começando, continuando, terminando.*

Não cabe aqui definir um estatuto para TAM em anaan, mas como a identificação de PMs é de natureza verbal afixal e os morfemas de TAM também o são, convém apresentar esses morfemas verbais afixais, principalmente porque eles estarão nos dados e nas glosas.

TAM tem sido foco de estudos numa variante do grupo ibom – o ibíbio. Essien (1990); Oliveira (1995); Urua (2000) e Ndimele & Oliveira (2002) apresentam o ibíbio como uma língua de tempo tripartite: presente, passado e futuro. Oliveira (2005) propõe uma reanálise da categoria tempo em ibíbio propondo um tempo bipartido para essa língua: [+FUTURO] e [-FUTURO] – um sistema baseado na distinção [+FOCO]/[-FOCO]. De modo geral, esses estudos serviram de referência para uma observação das categorias de TAM em anaan. Neste

trabalho, descrevem-se, genericamente, morfemas de TAM em anaan, a partir da análise de TAM em ibíbio apresentada em Essien (1990).

Segundo Essien (Op. cit., 163) o tempo em ibíbio é tripartite, com morfemas marcadores de presente, passado e futuro. O passado e o futuro têm distinção métrica. Essa distinção métrica indica uma medida subjetiva de localização do evento na dimensão temporal. Em ibíbio, essa distinção corresponde à oposição ‘próximo’ e não-próximo’.

Para o autor (Op. cit.) os morfemas de tempo em ibíbio são condicionados sintaticamente: a presença ou ausência de negação, modo, perguntas QU- e ênfase determinam os alomorfes que ocorrem com esta categoria. Essien (Op. cit.) denomina de “Tipo II” os alomorfes que ocorrem nesses contextos e, de “Tipo I”, os alomorfes condicionados pela ausência deles – ou seja, os prefixos que contêm uma simples afirmação ou respostas do tipo ‘sim’ ou ‘não’. Nos contextos de “Tipo I” a distinção métrica “próximo/não próximo” é constatada no passado e no futuro.

Essien (1990) afirma que, em ibíbio, há morfemas distintos que gramaticalizam aspecto e modo. O autor apresenta aspecto inceptivo, habitual e completivo, sendo este de dois tipos: perfeito e relativo.⁶⁵ Os morfemas de modo expressam (i) pedido (ii) condição real (ii) incerteza. O imperativo afirmativo é o modo em que a raiz verbal aparece sem prefixos de tempo ou modo.

Neste trabalho, apresentam-se, nas glosas, os morfemas de tempo já identificados em anaan, como sendo: (i) passado (PAST) e (ii) futuro (FUT) considerando a distinção métrica próximo (PROX)/ não-próximo (NPROX) apresentada nas sentenças simples e perguntas do tipo ‘sim/não’. Nas sentenças com palavras interrogativas QU⁶⁶ – e sentenças negativas, a presença dos morfemas de tempo serão apresentadas como sendo passado (PAST) e futuro (FUT) sem distinção métrica.

⁶⁵ Cf. Essien (1990, p. 84-7)

⁶⁶ O estudo de palavras interrogativas em anaan está fora do escopo deste trabalho enquanto composição do sistema pronominal dessa língua. Entretanto, convém ressaltar que o emprego de palavras interrogativas QU- corresponde à concepção de Haspelmath (1977, p. 29-30). Segundo o autor (Op. cit.), independentemente da filiação genética e areal, as línguas naturais podem expressar, aproximadamente, as sete categorias ontológicas de pronomes interrogativos: (1) Pessoa – “quem?”; (2) Coisa – “o quê?”; (3) Propriedade – “que tipo?” (4) Lugar – “onde?” (5) Tempo – “quando?”; (6) Maneira – “como?”; (7) Quantidade – “quanto?”. Em anaang, as formas atestadas até então são: (1) **Ányie** – “quem?”; (2) **Ñsé** – “o quê?”; (3) **ánkè** – “qual” “que tipo?”; (4) **mmomó** – “onde?”/ **ndeke** – “aonde?” (5) **idáhake** – “quando?”; (6) **dié** – “como?”; (7) **ífán** – “quanto(a)/s”. Acrescenta-se ainda a categoria “razão” **nták** - por quê?”

2.2.2.2.1 *Tempo*

Tempo é uma categoria que gramaticaliza distinções de tempo (cronológico). A investigação dessa categoria em anaan aponta que essa língua gramaticaliza os tempos presente, passado e futuro.

- Presente

Não há marcação morfológica para o tempo presente em anaan:

(33)

- a. **Etim á_ṭó ú_ḏí_áerì áyìò.**
Etim á- tó ú_ḏí_áerì
 Etim 3SG.SM plantar mamão
 “Etim planta mamão.”
- b. **Etim á_ṃá_ṭó ú_ḏí_áerì áyìò.**
Etim á- má- tó ú_ḏí_áerì
 Etim 3SG.SM PAST.NPROX plantar mamão
 “Etim plantou mamão.”
- c. **Etim á_ḏá_ṭó ú_ḏí_áerì áyìò.**
Etim á- dá- tó ú_ḏí_áerì
 Etim 3SG.SM FUT.PROX plantar mamão
 “Etim plantará mamão.”

Conforme se observa nas sentenças em (33), há uma oposição entre (33a) que indica tempo presente e as sentenças em (33b) e (33c). Não há nenhuma marca morfológica expressa no verbo em (33a); situação distinta de (33b), em que o morfema [**má-**] indica o tempo passado e de (33c), em que o morfema [**dá-**] indica futuro⁶⁷.

⁶⁷ Convém ressaltar que além das marcas de aspecto apresentadas, em anaan, identifica-se em contextos específicos o morfema **mé-**, que, segundo Essien (1990:84-86), além de outras funções, é o morfema de aspecto completivo perfeito para o ibíbio. Em anaan, entretanto, nos estudos empreendidos até então, esse morfema só é identificado apenas na 1ª pessoa do singular em verbos estativos.

- Passado

O tempo passado, no contexto de perguntas ‘sim ou não’ e afirmações simples, em annan, evidencia a oposição próximo/não próximo pela oposição entre os prefixos [kè-] e [ma-].

- Passado Próximo

O prefixo [kè-] marca o passado próximo:

(34)

- a. **Mmê ákètò údíàerì áyìò?**
 Mmê á- kè- tó údíàerì áyìò?
 INT 3SG.SM PAST.PROX plantar mamão ADV
 “Ele plantou mamão?”
- a.’ kè-
 PAST.PROX
- b. **Etim ákètò údíàerì áyìò.**
 Etim á- kè- tó údíàerì áyìò
 Etim 3SG.SM PAST.PROX plantar mamão ADV
 “Etim plantou mamão hoje.”
- b.’ kè-
 PAST.PROX

Em (34a), o morfema [kè-] aparece como prefixo de tempo passado próximo em contexto de pergunta ‘sim/não’ e em (34b) trata-se de uma declaração simples. O advérbio **áyìò** “hoje” explicita, em ambos os contextos, a idéia de que a ação de ‘plantar’ foi efetuada no mesmo dia da sua enunciação.

- Passado Não-Próximo

O prefixo [ma-] marca o passado não-próximo.

(35)

- a. **Etim ámató údíàèrì m̀kpòñ**
 Etim á- má- tó údíàèrì úbàk m̀kpòñ
 Etim 3SG.SM PAST.NPROX plantar mamão DIA ANTES ADV
 “Etim plantou mamão anteontem.”
- a’ **má-**
 PAST.NPROX
- b. **M̀mè ámató údíàèrì m̀kpòñ?**
 M̀mè á- má- tó údíàèrì úbàk m̀kpòñ
 INT? 3SG.SM PAST.NPROX plantar mamão DIA ANTES ADV
 “Ele plantou mamão anteontem?”
- b’ **má-**
 PAST.NPROX

Em (35a), o morfema [má-] aparece como prefixo de tempo passado-não próximo em contexto de pergunta ‘sim/não’ e em (35b) trata-se de uma declaração. A expressão **úbàk m̀kpòñ** “anteontem” explicita, em ambos os contextos, a idéia de que a ação de ‘plantar’ não foi efetuada no mesmo dia da sua enunciação.

Anaan possui, ainda, um terceiro morfema que indica tempo passado: o morfema verbal [ké-]. Esse morfema é usado em contextos específicos: (i) em sentenças QU-; (ii) em resposta a uma pergunta QU-, (iii) em contextos negativos⁶⁸.

(36)

- a. L_{1F} **Ányíè áwò íkítàñ íkò m̀pòñ?**
 Quem falou ontem?
- b. L_{2M} **Ibanga ákétàñ íkò m̀pòñ.**
 Ibanga falou ontem.
- Ákédé ùboñ adè.**
 Ele era o chefe.

(36’)

L_{1F}

- a. **Ányíè áwò íkítàñ íkò m̀pòñ ?⁶⁹**
 Ányíè áwò í- kí tañ íkò m̀pòñ
 Quem alguma pessoa 3SG.SM PAST falar palavra ADV
 “Quem falou ontem?”

⁶⁸ A pesquisa já aponta que o morfema [ké-] também indica passado sem distinção métrica quando a sentença apresenta morfema de aspecto.

⁶⁹ O morfema [ké], realiza-se[ki-] dado à harmonia vocálica.

L_{2M}

- a. **Ibanga ákétàñ íkò m̀póñ**
Ibanga á- ké- tàñ íkò m̀póñ
 Ibanga 3SG.SM PAST falar palavra ontem
 “Ibanga falou ontem.”
- b. **Ákédé ùbóñ**
Á- ké- dé ùbóñ áde
 3SG.SM PAST COP chefe DET
 “Ele era o chefe.”

O morfema verbal [**ké-**], no contexto L_{1F}, (36a), indica passado em uma sentença QU-. No contexto L_{2M}, em (36a) e (36b), [**ké-**] é morfema de tempo passado em resposta a sentença QU-, distinguindo-se de (34 a) e (34b) apresentados anteriormente (ver p.58).

Verifica-se que o morfema [**ké-**] também pode ser identificado como o do passado em sentenças negativas:

(37)

- a. **Ámì nnòọ Akan ákàrà**
Ámì n- nò- ọ Akan ákàrà
 1SG 1SG.SM.NEG- dar NEG Akan acarajé
 “Eu não dou acarajé para Akan.”
- b. **Ámì nkenòọ Akan ákàrà**
Ámì n- ké- nò- ọ Akan ákàrà
 1SG 1SG.SM.NEG- PAST dar NEG Akan acarajé
 “Eu não dei acarajé para Akan”
- b.’ **ké-**
 PAST

Em (37), os dois contextos são negativos. A distinção entre (37a) e (37b) é o tempo da sentença. Em (37a), ocorre tempo presente (sem marca morfológica), em (37b), o morfema [**Ké-**] indica tempo passado.

Nota-se que o morfema tem tom alto [**ké-**], padrão tonal distinto do morfema que indica passado próximo [**kè-**], de tom baixo.

- Futuro

O futuro, no contexto de perguntas ‘sim ou não’ e declarações simples, em anaan, evidencia a oposição próximo/não próximo pela oposição entre os prefixos [**dà-**] e [**dáá-**], respectivamente.

- Futuro Próximo

(38)

- a. **Mmê adàtò údíàèrì áyìò?**
Mmê á- dà- tó údíàèrì áyìò?
 INT 3SG.SM FUT.PROX plantar mamão ADV
 “Ele plantará mamão?”
- a’. **dà**
FUT.PROX
- b. **Etim adàtò údíàèrì áyìò.**
Etim á- dà- tó údíàèrì áyìò
 Etim 3SG.SM FUT.PROX plantar mamão ADV
 “Etim plantará mamão hoje.”
- b’. **dà**
FUT.PROX

Em (38a), o morfema [**dà-**] aparece como prefixo de tempo futuro próximo em contexto de pergunta ‘sim/não’ e em (38b) trata-se de uma declaração. A expressão **áyìò** “hoje” explicita, em ambos os contextos, a idéia de que a ação de ‘plantar’ será efetuada no mesmo dia da sua enunciação.

- Futuro Não-próximo

O prefixo **dáá-** marca o futuro não-próximo:

(39)

- a. **M̀m̀e ádaátò údíàerì m̀pòñ?**
M̀m̀e á- d́áá t̀ò údíàerì m̀pòñ
 INT 3SG.SM FUT.NPROX plantar mamão ADV
 “Ele plantará mamão amanhã?”
- a’. **d́áá-**
 FUT.NPROX
- b. **Iban ádaátò údíàerì m̀pòñ**
Iban á- d́áá- t̀ò údíàerì m̀pòñ
 Iban 3SG.SM FUT.NPROX plantar mamão ADV
 “Iban plantará mamão amanhã.”
- b’. **d́áá-**
 FUT.NPROX

Em (39a), o morfema [**d́áá-**] aparece como prefixo de tempo passado-não próximo em contexto de pergunta ‘sim/não’ e, em (39 b), trata-se de uma sentença declarativa. A expressão **m̀kpòñ** “amanhã” explicita, em ambos os contextos, a idéia de que a ação de ‘plantar’ não será efetuada no mesmo dia da sua enunciação.

A distinção próximo/não próximo no futuro, em contexto de pergunta-QU ou de resposta a uma pergunta desse tipo, não apresenta distinção métrica, conforme pode ser observado nos dados:

(40)

- a. **Ányìé ídítúá ntúa?**
Ányìé i- d́í- túá ntúa
 Quem 3SG.SM.NEG FUT chorar choro
 “Quem não chorará?”
- a’. **d́í**
 FUT
- b. **Utím ídítúáhá ntúa**
Utím i- d́í- túá- há ntúa
 Utím 3SG.SM.NEG FUT chorar NEG choro
 “Utím não chorará.”
- b’. **d́í**
 FUT

Em (40), o morfema [dí-] expressa tempo futuro sem estabelecer, no entanto, distinção métrica.

2.2.2.2.2 *Aspecto*

Dados em anaan evidenciam que esta língua possui marcas aspectuais:

(41)

a.

Akan ákésínò Àkán ákàrà
 Akan á- ké- sí nò Udeme ákàrà
 Akan 3SG.SM PAST ASP dar Udeme acarajé
 “Akan deu acarajé para Udeme freqüentemente.”

a.ʼ

sí
 ASP

b.

Akan áyénò Àkán ákàrà
 Akan á- yé nò Udeme ákàràà
 Akan 3SG.SM ASP dar Udeme acarajé
 “Akan começou a dar acarajé para Udeme.”

b.ʼ

yé
 ASP

c.

Akan ásúknò Àkán ákàrà
 Akan á- súk nò Udeme ákàrà
 Akan 3SG.SM ASP dar Udeme acarajé
 “Akan está dando acarajé para Udeme.”

c.ʼ

súk
 ASP

Nos dados em (41) é possível identificar que o prefixo [sí-]⁷⁰ indica aspecto habitual (o evento é costumeiro ou habitual) em (41a); o prefixo [yé-] indica inceptivo (o evento está começando) em (41b), e o morfema [súk-] indica progressivo (o evento estende-se no tempo) em (41 c)⁷¹.

Convém ressaltar que além dos três morfemas apresentados nesta subseção, é possível identificar o morfema [mé-] em anaan. Esse morfema é classificado como de aspecto

⁷⁰ O morfema sí- pode sofrer processo de alomorfa condicionado por harmonia vocálica.

⁷¹ Para o conceito de aspecto ver Trask (2006, p.41).

completivo perfectivo em ibíbio por Essein (1999, p. 84). Em anaan, o morfema [mé-] aparece com o mesmo sentido de marcar aspecto completivo perfeito, entretanto, seu uso restringe-se apenas à 1ª pessoa do singular.

2.2.2.2.3 *Modo*

Segundo Essien (1990, p. 88-90) e Oliveira (2005, 105-112) ibíbio apresenta três afixos de modo: [kpàá] (desiderativo) [kpé] e [máà] (condicional). Em anaan, constata-se, até então, que os morfemas [-bói], e [-kpá] são indicadores de modo, pois expressam incerteza, como pode ser constatado em :

(42)

- a. **Akan ábóidínò Àkán ákàrà**
 Akan á- bói- dí- nò Udeme ákàrà
 Akan 3SG.SM MOD FUT dar Udeme acarajé
 “Akan daria acarajé para Udeme.”
- a.’ **bói**
 MOD

(43)

- a. **Akan ákpámá ákàrà ké Ikot Ekpene.**
 Akan á- kpá- má ídép ákàrà ké Ikot Ekpene
 Akan 3SG.SM MOD gostar comprar acarajé PREP Ikot Ekpene
 “Akan gostaria de comprar acarajé.”
- a’. **kpá-**
 MOD

Por ora, os morfemas apresentados serão considerados como indicadores de modo. Não serão tratados aspectos relacionados à distinção no uso desses morfemas, bem como sobre ocorrência de outros na língua. A morfologia verbal será alvo de uma futura investigação.

Ainda sobre modo, conforme apresentado na subseção 2.2.2.1(ver p. 54), em anaan, uma raiz verbal sem um marcador pronominal específico indica uma leitura imperativa.

Convém ressaltar que a descrição proposta neste capítulo sobre a morfologia verbal anaan constitui uma pesquisa em andamento e não propõe uma tipologia para os morfemas de

tempo tal como a alomorfia de Tipo I e II apresentada por Essien (1990) para o ibíbio. Ratifica-se, como já apresentado anteriormente, que um aspecto importante da morfologia verbal em anaan são os marcadores pronominais. Eles, como os morfemas TAM, também são de natureza afixal e serão enfocados no capítulo 3.

Na próxima subseção, após ter-se apresentado uma breve descrição dos morfemas afixais em anaan, propõe-se uma tipologia morfológica para essa língua.

2.2.3 Para uma tipologia morfológica do anaan

A descrição apresentada na seção anterior aponta subsídio para os processos de formação de palavras em anaan.

A partir de estudos realizados no século XIX, Petter (2003, p.60-61) sumariza a tipologia morfológica das línguas naturais, em três grupos distintos: (i) línguas isolantes, (ii) línguas aglutinantes e (iii) línguas flexionais:

[...] isolantes, em que todas as palavras são raízes, não podendo assim ser segmentadas em morfemas menores, portadores de informação gramatical e/ou significado lexical. O chinês é uma língua isolante [...] aglutinantes, em que as palavras combinam raízes (elementos irredutíveis e comuns a uma série de palavras) e afixos distintos para expressar as diferentes relações gramaticais como o turco [...] flexionais, em que raízes se combinam a elementos gramaticais, que indicam a função das palavras e não podem ser segmentados na base de ‘um som e um significado’, ou um afixo para cada significado gramatical como nas línguas aglutinantes. O latim é um exemplo de uma língua flexional[...]

A autora (Op. cit.) ressalta: “sabe-se que não há nenhuma língua que seja exclusivamente isolante, aglutinante ou flexional; o que ocorre é uma tendência maior a organizar as palavras conforme um ou outro tipo”.

O processo de afixação é bastante produtivo em anaan. Esse processo, como visto na seção 2.2 (p. 43-49), é identificado na composição de nomes e verbos como se vêem nos dados (16) e (17), renumerados como:

(44)

Raiz : **fùm**

Realização morfológica: Prefixo - raiz: **ńfùm**

ń - fùm

VERB - RAIZ

“voar”

(45)

áfum

Realização morfológica: Prefixo - raiz

á - fum

NOM - RAIZ

“vão”

Na subseção 2.2.2.2, observou-se que anaan expressa a categoria TAM através do processo de afixação. Esses dados indicam que essa língua não é do tipo isolante, nem flexional. A tendência desse sistema é organizar as palavras com correspondência morfêmica ‘um por um’ – cada morfema corresponde a uma significação lexical/gramatical – indicando tratar-se de uma língua do tipo aglutinante. Ressalta-se, no entanto que, em algumas situações, especialmente relacionadas à morfologia nominal e verbal, ocorrem morfemas “portmanteau” em anaan.

2.3 SOBRE A ORDEM EM ANAAN

Comumente a ordem de qualquer língua é estabelecida a partir da posição do Sujeito (S), do Verbo (V), e do Objeto (O) em sentenças assertivas. Segundo (Watters, 2000) as sentenças principais, declarativas, afirmativas e sentenças na voz ativa contendo verbos transitivos são as mais apropriadas para a investigação da ordem numa dada língua, porque esses tipos de sentença são propensas a requisitar mais nomes (ou sintagmas nominais) preenchendo as posições de S e O, do que pronomes.

Tendo como referência o trabalho de Heine (1976a), Watters (op cit, p.197) discorre sobre as três ordens canônicas: (i) Sujeito/verbo/objeto (SVO); (ii) Sujeito/objeto/verbo (SOV); e, (iii) Verbo/Sujeito/objeto (VSO) nas línguas africanas. Segundo o autor (Op. cit.), “one study of basic word order in African languages (Heine 1976a) found that of the 300 languages included in the study, 71 percent were SVO, 24 per cent SOV, and 5 per cent VSO[...]”⁷².

A ordem SVO é a mais comum nas línguas africanas descritas até então. Essa ordem pode ser identificada nas línguas chádicas, no tronco afro-asiático; em todo o grupo nigero-congolês – exceto mandê, senulfo e ijó; em grande parte das línguas nilo-saarianas; e , exceto

⁷² Tradução livre: “Um estudo da ordem básica das palavras nas línguas africanas (Heine 1976 a) descobriu que das 300 línguas incluídas no estudo, 71% eram SVO, 24% SOV, e 5% VSO.”

as línguas do subgrupo Khoe (coe), nas demais línguas do grupo Khoisan (coissan). A ordem SVO é exemplificada em (46):

(46)

Kisuwahili (quissuaíli), nigero-congolesa⁷³

Halima anapika ugali

---S---	-----V-----	---0---
Halima	a- na- pika	ugali
Halima	3SG- presente- cozinhar	mingau
“Halima cozinha mingau.”		

A ordem SOV, a segunda mais comum, pode ser identificada em línguas afro-asiáticas – como as ethio-semiticas (etio-semíticas), cuchitas e omóticas; nigero-congolesas – como as línguas dos subgrupos senufo, mandê e ijó; e em todas as línguas do subgrupo coe, do grupo coissan. A ordem SOV é exemplificada em (47):

(47)

Kwadi (cuadi), coissan⁷⁴

ta mesa lālālāla

---S---	---0---	---V---
ta	mesa	lālālāla
1SG.PRO	mesa	levantar
“Eu levanto a mesa.”		

A ordem VSO é pouco comum na África. Essa ordem é exemplificada abaixo:

(48)

Maasai (massai), nilo-saariana⁷⁵

édól ɔltúḡání eḡkollíí

---V---	-----S-----	---0---
édól	ɔltúḡání	eḡkollíí
ver	pessoa:NOM	gazela:ACC
“A pessoa vê a gazela.”		

Conforme apresentado, anaa é uma língua que pertence ao tronco nigero-congolês (subseção 1.2.2.1, p.33), grupo que apresenta línguas do tipo SVO e SOV. Neste trabalho, os

⁷³Watters (2000, p. 197); dado 7 renumerado. Quissuaíli é uma língua banta falada em Burundi, Quênia, Moçambique, Oman, Ruanda, Somália, África do Sul, Uganda e Tanzânia.

⁷⁴ Vossen & Güldemann (2000, p.119); dado renumerado. As glosas são minhas. *Cuadi* é falada em Angola.

⁷⁵ Watters (2000, p.198); dado 12 renumerado. *Maassai* é falada no Quênia.

dados apresentados já indicaram que anaan trata-se de uma língua SVO de ordem canônica SVO. Entretanto, aborda-se esse tópico com análise dos dados a seguir:

(49)

- a. **Udeme ámátèm ébód**
 -----S-----V-----O-----
Udeme á- má- têm ébód
 Udeme 3SG.SM PAST.NPROX cozinhar cabrito
 “Udeme cozinhou o cabrito.”
- b. * **Udeme ébód ámátèm** “Udeme cabrito cozinhou”
- c. **ámátèm Udeme ébód**
 á- má- têm Udeme ébód
 3SG.SM PAST cozinhar Udeme cabrito
 “Ele cozinhou o cabrito de Udeme.”

Em (49) há dois sintagmas nominais co-ocorrendo com o verbo **tèm** “comer”: **Udeme** (nome próprio) e **ébód** “cabrito”. **Udeme** é sujeito e **ébód**, objeto. Quando esses constituintes são dispostos como em (49a), com a ordem canônica SVO, a sentença é gramatical. No entanto, a ordem SOV (49b) torna a sentença agramatical. Chama-se a atenção para a ordem apresentada em (49c), em que, aparentemente, tem-se uma ordem VSO. No entanto não se trata, neste exemplo, deste tipo de ordem em anaan. A sequência “**Udeme ébód**” é um SN complemento do verbo **tèm** “comer”, composto por dois nomes. O segundo nome **ébód** “cabrito” é o chamado ‘cabeça de núcleo’⁷⁶ em uma construção genitiva na língua: “cabrito de Udeme”. O genitivo em anaan será retomado no capítulo 3.

Ressalta-se que anaan apresenta também sentenças com duplo objeto:

(50)

- a- **Udeme ámánó Eniebiet ákpákpà**
 -----S-----V-----O-----
Udeme á- má- nó Eniebiet ákpákpà
 Udeme 3SG.PM PAST.NPROX dar Eniebiet milho
 “Udeme deu milho para Eniebiet.”
- b- * **Udeme ámánó ákpákpà Eniebiet**

⁷⁶ Sobre características formais da construção genitiva ver Creissels (2006, p. 146)

Em (50) o verbo **-nò** ‘dar’ requisita a presença de dois complementos: **ákpákpà** “milho” – tema – e **Eniebiet** (nome próprio) – fonte/recipiente. O complemento **Eniebiet**, não é marcado por preposição e precede o objeto **ákpákpà** ‘milho’.

No esquema abaixo, apresenta-se a ordem dos dois objetos exemplificados em (50):

(51)

Logo, em *anaan*, em construções com ‘objeto tema’ e ‘objeto fonte’, o SN ‘objeto fonte’ precede o SN ‘objeto tema’.

CAPÍTULO III

MORFOSSINTAXE DOS PRONOMES PESSOAIS EM ANAAN

3.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

O objetivo deste capítulo é descrever as propriedades morfológicas e sintáticas dos pronomes pessoais em anaan. Conforme apresentado, Creissels (2001, 2006) destaca que o termo pronome é freqüentemente aplicado não só às formas livres, mas também às formas presas, as quais denomina de marcador pronominal (doravante, PM – do inglês, Pronominal Marker).

Neste capítulo, apresentam-se os pronomes pessoais livres e os PMs em anaan. Os PMs são: (i) o marcador de sujeito (SM, do inglês *Subject Marker*) – que corresponde a um NP em função de sujeito; (ii) o marcador de objeto (OM, do inglês *Object Marker*) – marca pronominal que corresponde a um NP em função de objeto. Apresentam-se, ainda, outras propriedades dos pronomes pessoais livres: (i) constituintes de construções genitivas, (ii) núcleos de uma predicação.

3.2 PRONOMES PESSOAIS LIVRES EM FUNÇÃO DE SUJEITO E MARCADORES DO SUJEITO

Nesta seção descrevem-se os pronomes pessoais livres (PLs) que podem ocupar a posição de sujeito em anaan, e também se apresentam os marcadores de sujeito (SM) da língua. Esses elementos são apresentados em contexto de sentenças afirmativas e negativas.

3.2.1 PLs sujeito e SMs em sentenças afirmativas

Em anaaan são identificados seis pronomes pessoais livres que podem ocupar a posição de sujeito:

(52)

- a. **Ámì mmenò Akan ákàrà**
ámì m- mé nò Akan ákàrà
 1SG 1SG.SM ASP dar Akan acarajé
 “Eu dou acarajé para Akan.”
- a’. **ámì**
 1SG
- b. **Áfò ànò Akan ákàrà**
áfò à- nò Akan ákàrà
 2SG 2SG.SM dar Akan acarajé
 “Você dá acarajé para Akan.”
- b’. **áfò**
 2SG
- c. **Ányè ànò Akan ákàrà**
ányè á- nò Akan ákàrà
 3SG 3SG.SM dar Akan acarajé
 “Ele dá acarajé para Akan.”
- c’. **ányè**
 3SG
- d. **Ájìd ínò Akan ákàrà**
ájìd ì- nò Akan ákàrà
 1PL 1PL.SM dar Akan acarajé
 “Nós damos acarajé para Akan.”
- d’. **ájìd**
 1PL
- e. **Ányìn ènò Akan ákàrà**
ányìn è - nò Akan ákàrà
 2PL 2PL.SM dar Akan acarajé
 “Vocês dão acarajé para Akan.”
- e’. **Ányìn**
 2PL

- f. **Ámmò é nò Akan ákàrà**
ámmò é - nò Akan ákàrà
 3PL 3PL.SM dar Akan acarajé
 “Eles dão acarajé para Akan.”

- f'. **ámmò**
 3PL

Os dados em (52) exemplificam os pronomes pessoais livres na posição de sujeito em anaan. Os PLs possuem formas distintas entre si: **ámì**, 1SG; **áfó**, 2SG; **ányè**, 3SG; **ájìd**, 1PL; **ányìn**, 2PL; **ámmò**, 3PL.

Esses PLs podem ser sumarizados no quadro a seguir:

QUADRO G
PRONOMES PESSOAIS LIVRES COM FUNÇÃO DE SUJEITO EM ANAAN

PESSOA	SINGULAR	PLURAL
1	ámì	ájìd
2	áfó	ányìn
3	ányè	ámmò

Morfologicamente observa-se que os pronomes livres são formados por um morfema [a-], seguido de uma raiz. O padrão tonal é o mesmo em todas as pessoas H- L (alto/baixo).

Os dados em (52) também apresentam os marcadores de sujeito co-ocorrendo com o os NPs aos quais se referem (os pronomes livres). Esses elementos estabelecem, assim, uma relação com o NP que está na posição de sujeito. São eles: [m-], 1SG.SM; [à-], 2SG.SM; [á-] 3 SG.SM; [ì-], 1 PL.SM; [è-], 2PL.SM; [é-], 3PL.SM.

Morfologicamente observa-se que os SMs são constituídos por um único segmento. Na primeira pessoa do singular é uma nasal silábica (52a); nas demais, uma vogal (52b-f).

Foneticamente, o SM 1SG – nasal silábico – sofre processo de assimilação progressiva com a consoante do morfema que a segue:

(53)

- a. **Ámì ndé ájènúfóknwèd.**
ámì n- dé- ájènúfóknwèd.
 1SG 1SG.SM COP estudante
 “Eu sou estudante.”

- a. ' **ń-**
1SG.SM-
(54)

- a. **Ámì ñkúd ìnúen**
ámì ñ- kúd ìnúen
1SG 1SG.SM ver pássaro.
“Eu vejo o pássaro.”

- a. ' **ñ-**
1SG.SM-

(55)

- a. **Ámì mmátém ákpákpa.**
ámì m- má tém ákpákpa
1SG 1SG.SM PAST.NPROX- cozinhar milho
“Eu cozinhei milho.”
a. ' **m-**
1SG.SM-

Em (53) o 1SG.SM é o segmento nasal [n-]; em (54), o segmento [ñ-]; em (55) o segmento [m-]. O SM de 1ª pessoa do singular pode, então, ser representada pelo arquifonema /N̄/.

Ainda sobre os SMs, observa-se que o padrão tonal é relevante na identificação desses morfemas. Reapresentam-se os dados em (52) renumerado, destacando-se os marcadores de sujeito:

(56)

- a. **Ámì mménò Akan ákára**
ámì m- mé nò Akan ákára
1SG 1SG.SM ASP dar Akan acarajé
“Eu dou acarajé para Akan.”
a. ' **m-**
1SG.SM-
- b. **Áfò ànò Akan ákára**
áfò à- nò Akan ákára
2SG 2SG.SM dar Akan acarajé
“Você dá acarajé para Akan.”
b. ' **à-**
2SG.SM-
- c. **Ányè ánò Akan ákára**
ányè á- nò Akan ákára
3SG 3SG.SM dar Akan acarajé
“Ele dá acarajé para Akan.”
c. ' **á-**
3SG. SM

- d. **Ájìd ínò Akan ákàrà**
ájìd ì- nò Akan ákàrà
 1PL 1PL.SM dar Akan acarajé
 “Nós damos acarajé para Akan.”
- d'. **ì-**
 1PL.SM-
- e. **Ányìn ènò Akan ákàrà**
ányìn è - nò Akan ákàrà
 2PL 2PL.SM dar Akan acarajé
 “Vocês dão acarajé para Akan.”
- e'. **è -**
 2PL.SM-
- f. **Ámmò é nò Akan ákàrà**
ámmò é - nò Akan ákàrà
 3PL 3PL.SM dar Akan acarajé
 “Eles dão acarajé para Akan.”
- f'. **é-**
 3PL.SM-

A nasal silábica tem tom alto (56a), assim como os SMs 3SG (56c) e 3PL(56f). Os demais SMs têm tom baixo, como se vêem nos dados (56b), (56d) e (56e). Os SMs de 2SG – [à-] – e 3SG – [á-] – possuem o mesmo segmento vocálico: ‘a’, mas o supra-segmento tom estabelece a distinção entre eles. Identifica-se que a distinção entre SMs por meio do supra-segmento tom, também ocorre entre os SMs 2 e 3PL [è -] e [é-], respectivamente.

Assim, além das distinções lexicais ocasionadas pelo tom – já apontadas no capítulo 1 (ver p.38-40) constata-se que esse supra-segmento também estabelece distinções gramaticais.

O paradigma dos SMs em anaan em contexto afirmativo pode ser sistematizado no quadro a seguir:

QUADRO H

SMs EM ANAAN - CONTEXTO AFIRMATIVO⁷⁷

SM	PESSOA	SÍLABA	TOM
ń	1 SG	N	H
à	2SG	V	L
á	3SG	V	H
ì	1PL	V	L
è	2PL	V	L
é	3PL	V	H

⁷⁷ Em anaan o morfema [í-] também é identificado como SM de 3SG em sentença -QU **Ányie** “quem?”. Esse morfema comporta-se como índice de indeterminação do sujeito.

3.2.2 PLs sujeito e SMs em sentenças negativas

Verificando-se o paradigma dos pronomes pessoais livres em posição de sujeito e dos SMs em sentenças negativas em anaa, constata-se que o quadro dos pronomes livres mantém-se inalterado. Entretanto, o mesmo não ocorre em relação aos SMs:

(57)

- a. **ámì nnòò Akan ákàrà**
ámì n- nò -ò Akan ákàrà
 1SG 1SG.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Eu não dou acarajé para Akan”
- a’. **n-**
 1 SG.MS.NEG-
- b. **áfò ùnòò Akan ákàrà**
áfò ù- nò -ò Akan ákàrà
 2SG 2SG.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Você não dá acarajé para Akan”
- b’. **ù-**
 2SG.SM.NEG-
- c. **ányè ísinòò Akan ákàrà**
ányè í- sí- nò -ò Akan ákàrà
 3SG 3SG.SM.NEG ASP dar NEG Akan acarajé
 “Ele não dá acarajé para Akan”
- c’. **í-**
 3SG.SM.NEG-
- d. **ájìd ínòò Akan ákàrà**
ájìd í- nò -ò Akan ákàrà
 1PL 3PL.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Nós não damos acarajé para Akan”
- d’. **í-**
 3SG.SM.NEG-
- e. **ányìn ínòò Akan ákàrà**
ányìn í- nò -ò Akan ákàrà
 2PL 2PL.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Vocês não dão acarajé para Akan.”
- e’. **í-**
 3SG.SM.NEG-

- f. $\acute{A}mm\grave{o}$ $\acute{i}n\grave{o}$ $\acute{A}kan$ $\acute{a}k\acute{a}r\grave{a}$
 $\acute{a}mm\grave{o}$ $\acute{i}-$ $n\grave{o}$ $-o$ $\acute{A}kan$ $\acute{a}k\acute{a}r\grave{a}$
 3PL 3PL.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Eles não dão acarajé para Akan.”
- f'. $\acute{i}-$
 3SG.SM.NEG-

Em (57), observa-se que os SMs no paradigma de sentenças negativas são idênticos em contexto de 3SG, 1PL, 2PL e 3PL – o morfema $[\acute{i}-]$. No entanto, os SMs 1SG e 2SG são distintos: $[\acute{n}-]$ e $[\grave{u}-]$, respectivamente. Como pode ser observado em (57), no quadro dos SMs da negação, apenas o marcador pronominal 1SG.SM é idêntico ao 1SG.SM de contexto afirmativo: o SM $/\acute{N}/$. Os demais SMs são distintos do quadro dos SMs de sentenças afirmativas – ver dados em (56).

Os SMs em contexto negativo em anaan são sumarizados no quadro I a seguir:

QUADRO I
 SMS EM ANAAN - CONTEXTO NEGATIVO

SM	PESSOA	SÍLABA	TOM
$\acute{N}$	1 SG	N	H
$\grave{u}$	2SG	V	L
$\acute{i}$	3SG	V	H
$\acute{i}$	1PL	V	H
$\acute{i}$	2PL	V	H
$\acute{i}$	3PL	V	H

3.2.3 Padrão tonal do pronome $\acute{a}f\grave{o}$

Em anaan, quando do uso do pronome pessoal livre 2SG, é possível constatar distinções no supra-segmento tom:

(58)

- a. $\acute{a}f\grave{o}$ $\grave{a}n\grave{o}$ $\acute{A}kan$ $\acute{a}k\acute{a}r\grave{a}$
 $\acute{a}f\grave{o}$ $\grave{a}-$ $n\grave{o}$ $\acute{A}kan$ $\acute{a}k\acute{a}r\grave{a}$
 2SG 2SM dar Akan acarajé
 “Você dá acarajé para Akan.”
- a'. $\acute{a}f\grave{o}$
 H-L(alto/baixo)

(59)

- a. **áfo ànó Ákàn ákàrà**
 áfo à- nọ Ákàn ákàrà
 2SG 2SG.SM dar Akan acarajé
 “Você dá acarajé para Akan.”
- a'. **áfo**
 H-H(alto/alto)

Como se vêem nos dados em (58) e (59), o tom da forma pronominal 2SG não é o mesmo. O padrão tonal H-L (alto/baixo) em (58) – **áfo** – indica tratar-se de uma enunciação⁷⁸ cujo enunciador dirige-se a uma pessoa mais idosa ou a uma pessoa desconhecida. Em (59), o padrão tonal H-H (alto/alto) – **áfo** – indica tratar-se de uma enunciação cujo enunciador dirige-se a uma pessoa com que mantém uma maior aproximação, ou com uma pessoa mais nova.

3.2.4 Omissão dos pronomes livres em função de sujeito

A seguir apresenta-se uma característica do anaaan: a possibilidade de omissão dos pronomes livres quando estes exercem a função de sujeito. Essa característica é apresentada em contextos afirmativos e negativos.

3.2.4.1 Sentenças afirmativas

Em anaaan, os pronomes pessoais livres com função sintática de sujeito em sentenças afirmativas podem ser removidos da sentença sem que haja perda da informação da pessoa do discurso. Abaixo, exemplifica-se este fato, com os dados (52 a-f) renumerados, sem a presença dos pronomes livres.

⁷⁸ Entende-se enunciação por ato de produzir enunciados que são as realizações lingüísticas concretas. Ver Fiorin (2003, p. 161)

(60)

a.

Mménò Akan ákàrà
m- mé nò Akan ákàrà
 1SG.SM ASP dar Akan acarajé
 “Eu dou acarajé para Akan.”

b.

ànò Akan ákàrà
à- nò Akan ákàrà
 2SG.SM dar Akan acarajé
 “Você dá acarajé para Akan.”

c.

ánò Akan ákàrà
á- nò Akan ákàrà
 3SG.SM dar Akan acarajé
 “Ele dá acarajé para Akan.”

d.

ínò Akan ákàrà
ì- nò Akan ákàrà
 1PL.SM dar Akan acarajé
 “Nós damos acarajé para Akan.”

e.

ènò Akan ákàrà
è- nò Akan ákàrà
 2PL.SM dar Akan acarajé
 “Vocês dão acarajé para Akan.”

f.

énò Akan ákàrà
e- nò Akan ákàrà
 3PL.SM dar Akan acarajé
 “Eles dão acarajé para Akan.”

Em (60), é possível constatar que, em anaan, no contexto afirmativo, um marcador de sujeito pode ocorrer sem um pronome livre. Quando nesse contexto, esses marcadores de sujeito, ainda que sejam elementos presos, indicam o sujeito. No entanto, é importante dizer que um pronome livre ou outro SN ocorrendo com a ausência de um SM atado ao verbo gera uma sentença agramatical na língua, como se vê em:

(61)

a.

***Ámmò nò Akan ákàrà**
ámmò nò Akan ákàrà
 3PL dar Akan acarajé
 “Eles dão acarajé para Akan.”

b.

***Flamingo nò Akan ákàrà**
Flamingo nò Akan ákàrà
 Flamingo dar Akan acarajé
 “Flamingo dá acarajé para Akan.”

- c. * **údúk áde máwòd ùtùù áde**
údúk áde má- wòd ùtùù áde
 cobra DET PAST.NPROX matar aranha DET
 “A cobra matou a aranha.”

Em (61), as sentenças são agramaticais, pois a raiz verbal **nò** não apresenta o SMs [á-] estabelecendo relação com o pronome livre **ámmò** “eles” (61a), com o NP nome próprio **Flamingo** (61b), ou o NP **údúk áde** “a cobra” (61c).

3.2.4.2 Sentenças negativas

A opcionalidade da presença do pronome livre com função de sujeito em sentenças negativas só é possível nos contextos de 1ª e 2ª pessoa do singular. Os dados em (62) exemplificam essa propriedade morfossintática da língua anaan:

(62)

- a. **nnòò Akan ákàrà**
n- nò -ò Akan ákàrà
 1SG.SM.NEG dar NEG Akan acarajé.
 “Eu não dou acarajé para Akan.”
- b. **ùnòò Akan ákàrà**
ù- nò -ò Akan ákàrà
 2SG.SM.NEG dar NEG Akan acarajé
 “Você não dá acarajé para Akan.”
- c. * **ínòò Akan àkàrà.**
í- nò -ò Akan ákàrà
 SM.NEG dar NEG Akan acarajé

Em contexto negativo, observa-se que, em anaan, os SMs podem ser agrupados em dois conjuntos, considerando-se a sua co-ocorrência com os NPs aos quais se referem:

- (i) marcadores de sujeito que podem ocorrer ou não com o sujeito expresso – 1ª pessoa do singular (62 a) e 2ª pessoa do singular (62b) ;

- (ii) marcadores de sujeito que, obrigatoriamente, ocorrem com o sintagma nominal na função de sujeito – 3ª pessoa do singular e todas as pessoas do plural.

Assim, constata-se uma distinção entre o quadro dos SMs em contexto afirmativo e dos SMs em contexto negativo. Enquanto aqueles podem ou não co-ocorrer com um NP, em contexto negativo, apenas os SMs de 1ª e a 2ª pessoa apresentam essa propriedade. Investigações nessa análise poderão colaborar com a classificação do anaan como sendo ou não uma língua de sujeito nulo.

3.2.5 Gênero nos pronomes pessoais

Conforme apresentado na seção 2.2.1.3 (p.50) anaan não apresenta um sistema de gênero/sexo marcado morfologicamente. Retoma-se este aspecto enfocando o sistema pronominal. Esta análise é relevante porque Segundo Creissels (2001, p.1) a correlação ‘gênero nominal’ e ‘gênero pronominal’ não é absoluta nas línguas africanas.

Segundo o autor (Op. Cit.) nas línguas nigero-congolesas, por exemplo, wolof (uolofe) apresenta distinções no sintagma nominal, mas estas distinções não se manifestam nas variações de pronomes livres ou de marcadores do sujeito e do objeto. Inversamente, a língua zande não apresenta distinção de gênero no sintagma nominal, mas na terceira pessoa, os pronomes livres e os marcadores pronominais têm formas diferentes para o humano masculino, humano feminino, animado e inanimado não-humano.

Anaan não apresenta distinção de gênero nas formas pronominais livres. O contexto apresentado em (63) e descrito morfologicamente em (63’) corrobora com esta análise:

(63)

- a.L_{M1} **Sé! Ukut mmé Eniebiet.**
“Veja! Ukut e Eniebiet.”
- b.L_{F1}: **Ányíé ídé Ukut?**
“Quem é Ukut?”
- c.L_{M1}: **Ányè ádè abọọñ.**
“Ele é o chefe.”
- d.L_{F2}: **Ányíé ídé Elizabeth?**
“Quem é Eniebiet?”
- e.L_{M1}: **Ányíé ádè nwáán Ukut.**
“Ela é esposa de Ukut.”

(63')

- a. **Sé ! Ukut mmé Eniebiet**
Sé! Ukut mmé Eniebiet
 VejaIMP Ukut CONJ Eniebiet
 “Veja! Ukut e Eniebiet.”
- b. **Ányè ídé Ukut?**
Ányè í- dé Ukut
 Quem 3SG.SM COP Ukut
 “Quem é Udo?”
- c. **Ányè àdè abóòñ**
Ányè á- dè abóòñ
 3SG 3SG.SM COP chefe
 “Ele é o chefe.”
- d. **Ányè ádé Eniebiet?**
Ányè á- dé Eniebiet.
 Quem 3SG.SM COP Eniebiet.
 “Quem é Eniebiet?”
- e. **Ányè àdè nwaán Ukut**
Ányè á- dè nwaán Ukut
 3SG 3SG.SM COP mulher Ukut
 “Ela é a esposa de Udo.”
- f. **Ányè ámawèd nwèd kèd**
Ányè á- má- wèd nwèd kèd
 3SG 3SG.SM PAST. NPROX escrever livro NUM
 “Ele escreveu um livro.”

O pronome livre **ányè** 3SG – em (63’c) substitui um sintagma nominal cujo núcleo tem o referente masculino **Ukut**. Já em (63’f) substitui o sintagma nominal **Elizabeth**, um referente feminino. Em ambos os contextos, não se identifica alteração no nível segmental. No nível supra-segmental o padrão tonal do PL **ányè** 3SG também é o mesmo: H-L(alto-baixo). O morfema [á-] – 3SG.SM – também não apresenta distinção em relação ao NP ao qual se refere.

Em anaa, a sentença em (63f), fora do contexto, pode ter a forma pronominal **ányè** interpretada tanto como um referente feminino, quanto masculino:

(64)

Ányè ámawèd nwèd kèd
Ányè á- má- wèd nwèd kèd
 3SG 3SG SM PAST. NPROX escrever livro NUM
 “Ele/a escreveu um livro.”

Portanto, é o contexto que dará a interpretação MASCULINO ou FEMININO aos pronomes em anaan.

A ausência da distinção de gênero também ocorre na forma pronominal da 3ª pessoa do plural em anaan:

(65)

- L_{M1}** **Aniebiet mmé Flamingo ématèm nnìdíá [...]** **Ámmò ématèm ákàrà.**
 “Aniebiet e Flamingo cozinham. [...] Elas cozinham acarajé.”
L_{F1} **Ibanga mmé Akpan ématèm ùsùñ [...]** **Mmê ámmò édánó ntó ùsùñ?**
 “Ibanga e Akpan cozinham fufu. [...] Eles darão fufu para as crianças?”

(65')

L_{M1}

- a. **Aniebiet mmé Flamingo ématèm nnìdíá**
Aniebiet mmé Flamingo é- má- têm nnìdíá
 Aniebiet CONJ Flamingo 3PL.SM PAST.NPROX cozinhar comida
 “Aniebiet e Flamingo cozinham.”

a.'

ámmò ématèm ákàrà
ámmò é- má- têm ákàrà
 3P. PL 3PL.SM PAST.NPROX cozinhar acarajé
 “Elas cozinham acarajé.”

L_{F1}

- b. **Ibanga mmé Akpan ématèm ùsùñ.**
Ibanga mmé Akpan é- má- têm ùsùñ
 Ibanga CONJ Akpan 3PL.SM PAST.NPROX cozinhar fufu.
 “Ibanga e Akpan cozinham fufu.”

- b. '**Mmê ámmò édánó ntó ùsùñ?**
Mmê ámmò é- dá nó ntó ùsùñ
 INT 3PL 3PL.SM FUT.PROX dar crianças fufu
 “Eles darão fufu para as crianças?”

O pronome **ámmò** de 3ª pessoa do plural, em (65) tem como referente um SN formado por nomes femininos em (65'a) – **Aniebiet** e **Flamingo** e nomes masculinos em (65'b) – **Ibanga** e **Akpan**. Em ambos os contextos, **ámmò** – PL 3PL – e o morfema [é-] – 3PL.SM – não são identificadas alterações nos níveis segmental ou supra-segmental.

Ainda segundo Creissels (Op. cit.), há línguas africanas que apresentam formas distintas referentes à 2ª pessoa. Essa distinção não é identificada em anaan, conforme

evidencia o diálogo entre uma mulher, **Aniebiet**, e um rapaz, **Ibanga**, apresentado em (66) e descrito morfológicamente em (66’):

(66)

- a. Aniebiet: **Ányìé íyàiyá**⁷⁹?
 “Quem é bonita?”
 b. Ibanga: **Áfò àyàiyá** !
 “Você é bonita!”
 a. Aniebiet: **Áfò àdiòk** !
 “Você é feio!”

(66’)

- a. **Ányìé íyàiyá**
Ányìé í- **yàiyá**
 Quem 3SG.SM SER BONITO(a)
 “Quem é bonita?”
 b. **Áfò yàiyá**
Áfò à- **yàiyá**
 2P 2SG.SM SER BONITA
 “Você é bonita.”
 c. **Áfò àdiòk**
Áfò à- **diòk**
 2P.SG 2SG.SM SER FEIO
 “Você é feio.”

O pronome pessoal livre **áfò** –2 SG e o SM **à**- 2SG, não apresentam distinção ainda que o referente seja do sexo feminino como em (66b) ou do sexo masculino, como (66c).

Constata-se que a categoria gênero não é marcada no sistema pronominal em anaan.

3.2.6 Pronomes pessoais livres e construções genitivas

Conforme apresentado em no capítulo 2, há sintagmas nominais em anaan que estabelecem relação de posse.

Os pronomes pessoais livres que podem funcionar como sujeito em anaan, apresentados no quadro G (p.72), podem também ser empregados em construções

⁷⁹ Annang tem verbos que descrevem qualidades, denominados verbos descritivos: como “ser bonito”, “ser feio”, “ser magro”, “ser preto”, “ser claro”, “ser jovem”, etc.

denominadas “genitivas sintéticas” por Creissels (2006, p.149). Essas construções, segundo o autor (Op. cit.) são caracterizadas por uma construção com ausência de elemento de ligação (preposição em línguas SVO / posposição em línguas SOV).

Em anaaan, para dizer, por exemplo, “casa de Utim”, diz-se **Utim úfôk**. Um NP como **úfôk ámì** “casa minha” pode ser traduzida literalmente como “casa de mim”. Assim, observa-se que a ordem sintagmática Núcleo + Pronome livre – sendo esses pronomes **ámì** “1SG”; **áfó** “2SG”; **ájìd** “1PL”, **ányìn** “2PL” e **ámò** “3PL” – compõem uma construção genitiva na língua:

(67)

Ébòd ámì émadíà abañámà
ébod ámì é- má- díà abañámà
 cabrito 1 SG.GEN 3PL.SM PASTNPROX- comer bambu
 “Meus cabritos comeram bambu.”

Foge-se à regra dos demais os correlatos a 3SG. Esperaria a ocorrência da forma **ányè**, no entanto, o PL que ocorre é **ámò**:

(68)

Ányè anám ídèm ámò
Ányè á- nám ídèm ámò
 3SG 3SG.SM cortar corpo (3SG GEN)
 “Ele cortou o corpo (dele).”

O contexto em (68) leva a investigar se em anaaan há pronome reflexivo.

(69)

- a. **Ámì mménám ídèm (ámì)**
Ámì m- mé- nám ídèm (ámì)
 1SG 1SG.SM ASP cortar corpo 1SG.GN
 “Eu me cortei” (Lit.: Eu cortei corpo de mim)
- b. **Áfò anám ídèm (áfò)**
Áfò à- nám ídèm (áfò)
 2SG 2SG.SM cortar corpo 2SG.GN
 “Você se cortou.” (Lit.: Você cortou o corpo seu/de você)
- c. **Únàm ádè à- nám ídèm (ámò)**
únàm ádè à- nám ídèm (ámò)
 animal DET 3SG.SM cortar corpo 3 SG.GN
 “O animal cortou corpo dele.”

Em (69) A palavra **ídèm** “corpo” é o nome e os pronome livres, que indicam o referente, posicionados após essa palavra, são opcionais. A análise dos dados até então, vem apontando a existência de sufixo verbal reflexivo em anaan, como se vê nos dados abaixo:

(70)

- a. **Díb éwá ádè**
Díb **éwá** **ádè**
 esconder (IMP) cachorro DET
 “Esconda o cachorro!”
- b. **Dibbé**
Dib- **bé**
 Esconder REFL
 “Esconda-se.” (Esconda você mesmo)
- b.’ **bé** - REFL

Comparando-se os dados em (70) identifica-se que, em anaan, o sufixo [-**bé**] indica a reflexividade. Além desse, identifica-se outro prefixo reflexivo nesta língua:

(71)

- a. **Yàn úkók**
Yàn úkók
 Esticar(IMP) perna
 “Estique sua perna.”
- b. **Yànná**
Yàn- **ná**
 Esticar- REFL
 “Estique-se.”
- b’. **ná** - REFL

Em (71) o sufixo [**ná**-] indica reflexividade.

Retomando o dado em (69), renumerado,

(72)

Ányè ánáám ídèm ámò
Ányè á- **nám** **ídèm** **ámò**
 3SG 3SG.SM cortar corpo (3SG GEN)
 “Ele cortou o corpo (dele).”

Ratifica-se que o pronome livre **ámò** e os outros pronomes livres nessa posição (posterior ao verbo) não podem ser considerados como pronomes reflexivos. Isto porque o verbo não

carrega uma das marcas de reflexividade vistas em (70) e em (71). Essa análise, embora preliminar, poderá subsidiar investigações quanto à distinção entre reflexibilidade e inceptividade em anaan.

3.2.7 Pronomes livres como núcleo de predicado

Em anaan, é possível encontrar PLs em posição de predicado. Em outras palavras, PLs ocorrendo em construções do tipo “Sujeito + Cópula + PL”:

(73)

- a. **ébòd ádè ádé ákémì**
ébòd ádè á- dé ákémì
 cabrito det. 3SG.SM cópula 1 PRED(predicador)
 “Aquele cabrito é meu.”
- a.’ NP Sujeito – cópula – PL
ébòd ádè – ádé – ákémì

A sentença em (73) apresenta dois núcleos nominais:

(i) o primeiro é um SN predicado (alguém predica): **ébòd ádè** “aquele cabrito” – NP constituído por um núcleo **ébòd** “cabrito” e um elemento determinante **ádè** “aquele” que ocupa posição pós-nominal.

(ii) o segundo é o PL **ákémì** “ser meu” – como núcleo da predicação “cabrito meu”.

Um fato observado em (73) é a estrutura morfológica pronomes livres em posição de predicado. Observa-se que essas formas são os PLs que podem ocupar a posição de determinante nas construções genitivas com o acréscimo do morfema [**ké-**] após o elemento vocálico:

(74)

- a. **ébòd ádè ádé ákémì**
ébòd ádè á- dé ákémì
 cabrito det. 3SG.SM cópula 1SG. PRED
 “Aquele cabrito é meu.”

- a. ' **ákemì**
a-ke-mì
- b. **ébòd adè adé ákéfò**
ébòd adè á- dé ákéfò
cabrito det. 3SG.SM cópula 2 SG.PRED
“Aquele cabrito é seu.”
- b. ' **ákefò**
a-ke-fò
- c. **ébòd adè adé ákémò**
ébòd adè á- dé ákémò
cabrito det. 3SG.SM cópula 3SG. PRED
“Aquele cabrito é dele.”
- c. ' **ákémò**
a-ke-mò
- d. **ébòd adè adé ákéjìd**
ébòd adè á- dé ákéjìd
cabrito det. 3SG.SM cópula 1 PL.PRED
“Aquele cabrito é nosso.”
- d. ' **ákéjìd**
a-ke-jìd
- e. **ébòd adè adé ákényìn**
ébòd adè á- dé ákényìn
cabrito det. 3SG.SM cópula 2PL. PRED(predicador)
“Aquele cabrito é de vocês.”
- e. ' **ákényìn**
a-ke-nyìn
- f. **ébòd adè adé ákéjìd**
ébòd adè á- dé ákéjìd
cabrito det. 3SG.SM cópula 3PL.PRED(predicador)
“Aquele cabrito é deles.”
- f. ' **ákemmò**
a-ke-mmò

Não cabe aqui descrever a morfologia desse processo, mas ressalta-se como já visto anteriormente, o morfema [**ké-**] é um morfema típico da morfologia verbal em anaa (ver seção 2.2.2.2.1, p.59-60). Logo, pronomes livres e outros SNs em posição de núcleo de predicado devem ser alvo de pesquisas futuras. Por exemplo, é preciso investigar se SNs não

pronominais também apresentam no passado o morfema [kè-]. E ainda mais, é necessário ampliar a coleta de dados para verificar PLs ou SNs nessa posição com leitura de futuro.

3.3 PRONOMES LIVRES EM FUNÇÃO DE OBJETO E MARCADORES DO OBJETO

Em anaa formas pronominais livres podem ocupar a posição de objeto.

Em (75), apresentam-se os pronomes pessoais livres em posição de objeto (doravante, OP, do inglês *Objective Pronoun*) e os marcadores de objeto (doravante, OM – do inglês, *Objective Mark*), destacando-se os OPs:

(75)

a.

Mfon áńkèéné nyièn

Mfon	á-	ń-	kèéné	nyièn
Mfon	3SG.SM	1SG.SM.OM	seguir	1SG.OP
“Mfon segue-me.”				

a’.

nyièn
1SG OP

b.

Mfon ùkèéné fièn

Mfon	ù-	kèéné	fièn
Mfon	2SG.SM.2SG.OM	seguir	2SG.OP
“Mfon segue você.”			

b’.

fièn
2SG.OP

c.

Mfon ákèéné ányè .

Mfon	á-	ákèene	ányè
Mfon	3SG.SM	seguir	3SG.OP
“Mfon segue ele.”			

c’.

ányè
3SG.OP

d.

Mfon ákèéné jídé

Mfon	á-	kèéné	jídé
Mfon	3SG.SM	seguir	1PL.OP
“Mfon segue-nos.”			

- d'. **jíde**
1PL.OP
- e.
Mfon íkèèné yinnè
Mfon í- kèèné yinnè
Mfon 3SG.SM.2.PL.OM seguir 2PL.OP
“Mfon segue vocês.”
- e'. **yinnè**
2PL.OP
- f.
Mfon ákèèné ámmò
Mfon á- kèèné ámmò
Mfon 3SG.SM seguir 3PL.OP
“Mfon segue eles.”
- f'. **ámmò**
3PL.OP

Como se vêem em (75) pronomes livres em posição de objeto (OPs) apresentam formas lexicais distintas para cada pessoa do discurso. São elas: **nyien**, 1 SG; **fièn**, 2 SG; **ányè**, 3 SG; **jíde**, 1 PL; **yinnè**, 2PL; **ámmò**, 3 PL. Os dados em (75) também evidenciam que, em anaan, não existem itens lexicais distintos para indicar o gênero com as formas acusativas. Os OPs **ányè** – 3SG – e **ámmò** – 3 PL – são usados para o feminino e para o masculino. Essas formas são as mesmas que os pronomes sujeitos (ver dados 52c e 52f, p. 71-2).

Conforme apresentado na introdução deste capítulo, a língua anaan apresenta marcadores pronominais que relacionam o verbo com o objeto. A marcação com o objeto restringe-se aos seguintes contextos:

Contexto I de marcação de objeto: quando o pronome for a 1ª pessoa do singular

Como se vê em (75) renumerado:

(76)

- a. **Mfon áñkèèné nyien**
Mfon á- ñ- kèèné nyien
Mfon 3 SG.SM 1SG.OM seguir 1P.SG.OP
“Mfon segue-me.”
- a'. **ñ-**
1SG.OM

Em (76), o prefixo [á-], identifica a relação do verbo **kèèné** “seguir” com o sujeito **Mfon** – nome próprio. O prefixo [ñ-] também marca relação do verbo com o objeto. Em (77) a seguir, o marcador de objeto de 1ª pessoa do singular é o morfema [m-].

(77)

a. **Udeme ámúma nyièn.**

Udeme	á-	m-	má	nyièn.
Udeme	3SG.SM	1SG.OM	amar	2SG.OP
“Udeme me ama.”				

a'. **m-**
1SG.OM

Esse morfema sofre processo de assimilação progressiva com a consoante que o segue.

Assim, propõe-se que o morfema que consiste no marcador pronominal de objeto de 1ª pessoa do singular, o 1SG.OM, seja representado pelo arquifonema /Ñ/⁸⁰.

Contexto II de marcação de objeto: quando o pronome for de 2ª pessoa

Reapresentam-se os dados (75 b) e (75e), renumerados:

(78)

a. **Mfon úkèèné fièn**

Mfon	ù-	kèèné	fièn
Mfon	3SG.SM. 2 SG.OM	seguir	2 SG.OP
“Mfon segue você.”			

a'. **ù-**
3SG.SM. 2 SG.OM-

⁸⁰ O prefixo N- pode ser encontrado em outros contextos como em (i):

(i)

Ánye	amá	ñkpééb	ñwèd		
Ánye	á-	ma-	ñ-	kpééb	ñwèd
3P.SG.NOM	3P.SG.SA	gostar	?	estudar	livro
Ela ama estudar.					

Este dado apresenta uma sentença complexa apenas com o intuito de ampliação dos contextos nos quais a variável em análise está sendo observada. No entanto, as raízes que compõem o argumento interno do verbo “amar”, inicia pelo prefixo N-, que na língua é MS de 1ª pessoa do singular (ver dado 52a, p.71); OM de 1ª pessoa do singular (ver dado 77 nesta página); e também um nominalizador (ver dado 16, p.44). A investigação de sentenças complexas não está no escopo deste trabalho, entretanto, sua apresentação pode indicar mais um aspecto morfossintático do prefixo N- em anaa.

(79)

- a. **Mfon** **í**kèèné **yínnè**
Mfon **í-** **kèèné** **yínnè**
 Mfon 3SG.SM.2 PL.OM seguir 2PL.OP
 “Mfon segue vocês.”
- a'. **í-**
 3SG.SM.2 PL.OM-

À primeira vista, é possível analisar apenas como SMs o prefixo [**ù-**] – 3SG.SM – em (78) e o prefixo [**í-**] – 3SG.SM – em (79), já que esses morfemas estão na posição canônica de marcador de sujeito: 1º elemento após o SN sujeito **Mfon**, conforme descrição apresentada em 3.2 (p.70). No entanto, além de SMs, nesses contextos, os morfemas [**ù-**] e [**í-**] são OMs. Os dados (80) e (81) exemplificam essa análise:

(80)

- a. **Mmé** **ányè** **á**dàù**nò** **fièn** **ákpákpa?**
Mmé **ányè** **á-** **dà-** **ù-** **nò** **fièn** **ákpákpa?**
 INT 3SG. 3SG.SM FUT.PROX 2SG.OM dar 2SG.OP milho
 “Ele dará milho para você?”
- a'. **á-** 3SG.SM
ù- 2SG.OM

Em (80), com a ocorrência do morfema de tempo futuro apresentado, o SM [**á-**] e o OM [**ù**], ficam claramente expressos.

Em (81) apresenta-se o marcador de objeto da 2ª pessoa do plural em co-ocorrência com os morfemas [**á-**] – 3SG.SM – e o marcador de futuro próximo [**dà-**]:

(81)

- a. **Mmé** **ányè** **á**dǎ**inò** **yínnè** **ákpákpa?**
Mmé **ányè** **á-** **dà-** **í-** **nò** **yínnè** **ákpákpa?**
 INT 3SG. 3SG.SM FUT.PROX 2PL.OM dar 2 PL.OP milho
 “Ele dará milho para vocês?”
- a'. **á-** 3SG.SM
í- 2PL.OM

Em (81), com a ocorrência do morfema de tempo futuro apresentado, o SM [**á-**] e o OM [**í-**], ficam claramente expressos.

Observando-se os dados em (78) e (79) e comparando-os com os dados em (80) e (81), conclui-se que, sem a intermediação de um morfema de tempo entre os marcadores

pronominais 2 SG/PL, ocorre entre o SM e o OM o fenômeno de ressilabificação, devido ao apagamento do 1º elemento vocálico SM:

(82)

a. í-

b. ù-

As formas pronominais pessoais em posição de objeto e os OM_s (beneficiário) são apresentados no quadro J a seguir:

QUADRO J
PRONOMES LIVRES COM FUNÇÃO DE OBJETO E OM_s EM ANAAN

PESSOA	FORMAS OBJETIVAS	OM
1ª. SG	nyîen	Ñ
2ª. SG	fien	ù
3ª. SG	ányè	
1ª. PL	jide	
2ª. PL	yinne	í
3ª. PL	ammò	

Observa-se que os pronomes livres de 3ª pessoa em posição de objeto são idênticos aos de 3ª pessoa em posição de sujeito. Em anaan, a distinção entre pronome sujeito e pronome objeto faz-se no nível sintático, através da ordem na língua, como pode ser observado em:

(83)

- a. **Ányè áma ányè.**
 Ányè á- má ányè.
 3SG 3SG.SM amar 3SG.OP
 “Ele ama ela.”

(84)

- a. **Ámmò éma ammò.**
 Ámmò é- má ámmò
 3PL 3PL.SM amar 3PL.OP
 “Eles amam eles.”

3.3.1 Omissão dos pronomes livres em função de objeto

Em anaa, os pronomes livres objeto **nyien**, 1SG; **fiën**, 2 SG; e **yinnè**, 2PL podem ser removidos da sentença sem que haja perda da informação da pessoa do discurso. Abaixo, exemplifica-se este fato, com os dados (75) renumerados, sem a presença dos PLs:

(85)

- a. **Mfon áñkèné**
Mfon á- ñ- kèné
 Mfon 3SG.SM 1SG.SM.OM seguir
 “Mfon segue-me.”

- b. **Mfon ùkèné**
Mfon ù- kèné
 Mfon 3.SG.SM.2SG.OM seguir
 “Mfon segue você.”

c.

Mfon **íkéèné****Mfon** **í-** **kèèné**

Mfon 3SG.SM.2PL.OM seguir

“Mfon segue vocês.”

Em (85), constata-se que, nas construções em que OPS desencadeiam marcação no verbo (1ª pessoa do singular, 2ª pessoa do singular e 2ª pessoa do plural) os NPs na posição de objeto podem ser omitidos da sentença sem que haja perda da informação discursiva. Nesses contextos, os OM, embora atados ao verbo, recuperam a pessoa discursiva. Entretanto, não é possível omitir os OPs **ányè** – 3 SG –, **jidè** – 1PL – e **ámmò** – 3 PL – em sentenças na língua: esses pronomes livres são obrigatórios.

3.4 OS PRONOMES LIVRES EM ANAAN E O TRAÇO [+HUMANO]

Conforme apresentado na seção 2.2.1, é possível constatar em anaan dados que corroboram com a hierarquia geral para o valor de referência dos nomes proposta por Givón (1984) – (p. 46, dado 20 desse trabalho). A seguir, retoma-se a hierarquia em (20), renumerada:

(86)

ENTIDADE>TEMPORAL>CONCRETO>ANIMADO>HUMANO

Convém investigar se NPs que carregam esses traços semânticos podem ser substituídos por pronomes em anaan. Inicialmente, ressalta-se que a 1ª e a 2ª pessoas são caracterizadas por Benveniste (1976, p. 247-253, 278-9) como categoria de pessoa enunciativa, por serem sempre os participantes da enunciação, e, obviamente, correspondem ao traço [+HUMANO]. A categoria de pessoa enunciativa é identificada por pronomes sujeito, objeto e por marcadores pronominais. Em anaan, têm-se:

(i) Pronomes livres sujeito:

1ª pessoa - **ámì** (SG); **ámmò** (PL)2ª pessoa - **áfò** (SG); **ányìn** (PL)

(ii) Pronomes livres objeto:

1ª pessoa - **nyìen** (SG); **jídé** (PL)

2ª pessoa - **fièn** (SG); **yinnè** (PL)

(iii) Marcadores de sujeito:

1ª pessoa – [**Ń-**] (SG AF/NEG); [**á-**] (PL/AF); [**í-**] (SG NEG);

2ª pessoa – [**à-**] (SG AF); [**ù-**] (SG NEG); [**è-**] (PL AF); [**í-**] (PLNEG)

(iv) Marcadores de objeto:

1ª pessoa - **Ń** (SG)

2ª pessoa - **ù** (SG) e **í** (PL)

Através da observação de contextos discursivos, percebe-se que, em anaan, ora um pronome de 3ª pessoa retoma um NP, ora essa retomada não pode ser realizada na língua. Para investigar esse aspecto, apresentam-se, inicialmente, os dados em (87), descritos morfologicamente em (87'). Esses dados são de um contexto discursivo. Para ver o conteúdo todo, ver anexo 3 a.

(87)

L_{2M} **Úfòk ámì ákpòn[...]Ámì ámakámá ásân íbà mmè ádá ànaàñ[...] Áde ákpòn.**
Minha casa é grande. Eu construí duas salas e cinco quartos. Ela é grande.

(87')

- a. **Úfòk ámì ákpòn**
úfòk ámì á- kpòn
 casa 1SG.GN 3SG.SM SER GRANDE
 “Minha casa é grande.”
- b. **Ámì nmákámá ásân íbà mmè ádá ànaàñ.**
Ámì n- má- kámá ásân íbà mmè ádá ànaàñ.
 1SG. 1SG.SM PAST.NPROX FAZER COM AS PRÓPRIAS MÃOS sala NUM CONJ quarto cinco
 “Eu construí duas salas e cinco quartos.”
- c. **Ákpòn**
á- kpòn
 3SG.SM SER GRANDE
 “(ela) é grande.”
- c'. * **Ányè ákpòn**

Em (87), o NP **úfòk ámì** “minha casa”, carregando o traço semântico [CONCRETO] é o tema da enunciação. Observa-se que esse NP é recuperado pelo SM [**á-**] atado à raiz verbal **kpòn**

“ser grande” (87 a, c). Os dados em (87) explicitam a impossibilidade de se retomar um NP como **úfòk ámi** “minha casa” por meio do pronome livre de **ányè** “3 SG” (87c’). Essa hipótese pode ser corroborada com os dados em (88) também transcritos de um contexto discursivo – ver contexto completo no anexo 3b, p.131:

(88)

L_{2F} **Udim ákébuñ úkòk.**

Udim quebrou a perna.

L_{2F} **Ányè ámatàtà àtāñ ádè**

Ele pulou a cerca.

(88’)

a. **Udim ákébuñ úkòk**

Udim á- ké- búñ úkòk

Udim 3SG.SM PAST quebrar perna

“Udim quebrou a perna.”

b. **Ányè ámatàtà àtāñ ádè**

Ányè á- má- tàtà àtāñ ádè

3SG 3SG.SM PAST.NPROX pular cerca DET

“Ele pulou a cerca.”

c. **Ámatàtà àtāñ ádè**

á- má- tàtà àtāñ ádè

3SG.SM PAST.NPROX pular cerca DET

“Ele pulou a cerca.”

Diferentemente de (87), o uso do pronome livre **ányè** “3 SG” retomando um NP anterior é identificado em (88b). Em (88) o NP **Utim** – nome próprio – é retomado no discurso não só pelo SM [á-] (88c), como também pode ser substituído pelo pronome **ányè** “3 SG” (88b). Nos dados apresentados o pronome livre **ányè** tem restrições quanto ao uso, enquanto substituto de um NP. A hipótese que se levanta para a motivação desse fenômeno, é que este fato corresponde à gramática da língua anaa e não a uma motivação discursiva.

Inicia-se a investigação a partir da sentença:

(89)

Ébòd ádè ámaká ákpòñ m̀m̀ èbòd ádè

Ébòd ádè á- mà- ká á- kpòñ m̀m̀ èbòd ádè

cabrito DET 3SG.SM- PAST.NPROX- ir 3SG.SM- deixar PL cabrito DET

“A cabrita abandonou os cabritos.”

Obter a sentença com o pronome de 3ª pessoa **ányè** “ela” substituindo o NP **ébòd áde** “a cabra” e o pronome **ámmò** “eles” substituindo o NP **mmè ébòd áde** “os cabritos” não é observada em anaan. Mas o uso do SM e a supressão do argumento na posição de objeto é gramatical na língua:

(90)

- a. **ámàká ákpòñ**
 á- mà- ká á- kpòñ
 3SG.SM PAST.NPROX ir 3SG.SM deixar
 “Ela abandonou (eles).”
- b. * **ányè ámàká ákpòñ mmè ébòd áde**
- c. * **ányè ámàká ákpòñ**

Faz-se necessário, então, continuar a investigação buscando identificar quais NPs em anaan não podem ser substituídos pelo pronome livre de 3ª pessoa.

Nos dados a seguir, são apresentadas sentenças com o verbo **má-** “amar” com um pronome livre como argumento do verbo na posição de sujeito e com um NP pleno como complemento, especificando-se a natureza semântica desse complemento:

(91)

[- HUMANO ; + ANIMADO]

ányè ámà éwà ámì
ányè á- má éwà ámì
 3 SG 3SG.SM amar cachorro 1SG.GEN
 “Ela ama meu cachorro.”

(92)

[- HUMANO ; - ANIMADO]

ányè ámà ufòk ámì
ányè á- má ufòk ámò
 3SG 3SG.SM amar casa 3SG.GEN
 “Ela ama sua casa.”

(93)

[+ HUMANO]

ányè ámà èté kèéd
ányè á- má èté kèéd
 3SG 3SG.SM amar homem NUM
 “Ela ama um homem.”

Dos dados de (91) a (93), apenas o (93) pode ter seu NP substituído por um pronome pessoal livre. Com a substituição, o dado (93) seria como em:

(94)

[+ HUMANO]

^áanyè ^áamá ^áanyè
^áanyè ^á- ^ámá ^áanyè
 3SG 3SG.SM amar 3SG.OP
 “Ela ama ele.”

O dado (95), a seguir, apresenta dois NPs de natureza “nome próprio”:

(95)

^Àbàsì ^ámá Effiong.
^Àbàsì ^á- ^ámá Effiong.
 Deus 3P.SG.SM amar Effiong
 “Deus ama Effiong.”

Os argumentos do verbo ^ámá “amar” em (95) são: ^Àbàsì “Deus” que tem o traço [- HUMANO] e **Effiong**, com o traço [+HUMANO]. Em anaan, a palavra ^Àbàsì “Deus” não pode ser substituída pelo pronome de 3ª pessoa. Entretanto, **Effiong** pode sê-lo, como se observa em (96):

(96)

- a. ^á-^ámá ^áanyè
 ^á- ^ámá ^áanyè
 3P.SG.SM amar 3SG.OP
 “(Ele (Deus) ama ele (Effiong)).”
- b. ^á-^ámá
 ^á- ^ámá
 3P.SG.SA amar
 “(Ele (Deus) ama ele (Effiong)).”
- c. * ^áanyè ^á-^ámá ^áanyè
 (Ele (Deus) ama ele (Effiong)).

Em (96a), o morfema [^á-] “3 SG.SM” recupera o NP **Effiong**. Em (96b), os dois NPs sujeito/objeto estão omitidos na sentença. O NP ^Àbàsì “Deus” não pode ser recuperado pelo pronome livre ^áanyè pronome de 3ª pessoa do singular. Em (97), a seguir, propõe-se uma inversão de posição dos complementos do verbo: o NP **Effiong** é o sujeito do verbo e ^Àbàsì “Deus” é o objeto:

(97)

Effiong áamá Àbàsì**Effiong á- má Àbàsì.**

Effiong 3SG.SM amar Deus

“Effiong ama Deus”

Na substituição dos NPs de (97) por pronomes têm-se:

(98)

Ányè áamá (Àbàsì)**Ányè á- má (Àbàsì.)**

3SG 3SG.SM amar (Deus)

“Ele ama Deus”

Comparando-se os contextos em (96) e (98), constata-se que apenas o NP **Effiong** pode ser substituído pelo pronome pessoal livre de 3ª pessoa em anaan. Observa-se que a substituição de um NP por um pronome livre relaciona-se à referencialidade.

Foley & Valin (1996)⁸¹ propõem uma hierarquia tipológica para os referentes em línguas naturais:

(99)

FALANTE/OUVINTE > PRONOME DE 3ª PESSOA > NOMES PRÓPRIOS HUMANOS > NOMES HUMANOS COMUNS > OUTROS NOMES ANIMADOS > NOMES INANIMADOS.

A partir dos dados apresentados, propõe-se que a versão dessa hierarquia para o anaan é:

(100)

FALANTE > OUVINTE > NOMES PRÓPRIOS HUMANOS > NOMES HUMANOS COMUNS

Ou seja, “falante” é mais saliente que ouvinte, já que se trata do “humano que fala”. O “ouvinte” em relação aos “nomes próprios” – **Imelda, Flamingo, Aniebiet**, por exemplo –, também tem saliência em relação aos “nomes humanos comuns” – como, professor, chefe, mãe, pai, etc. São esses os NPs que podem ser recuperados na sentença por um pronome livre de 3ª pessoa.

Dado o exposto, conclui-se que, em anaan, os marcadores pronominais do sujeito podem referir-se a toda a hierarquia apresentada em (99); as formas livres dos pronomes pessoais (sujeito ou objeto), entretanto, limitam-se à hierarquia apresentada em (100). A partir dos dados apresentados, é possível atestar que, em anaan, os pronomes livres só podem substituir NPs que tenham o traço semântico [+HUMANO]. Investigações futuras, a partir de

⁸¹Cf. Foley & Valin (1996, p. 288)

um ponto de vista teórico, como a gramaticalização, por exemplo, poderão explicar essa propriedade dos pronomes pessoais e dos marcadores pronominais em anaan.

3.5 PRONOMES LOGOFÓRICOS

Hagège (1976, p. 287) identificou um tipo de pronome o qual denominou de logofórico, “para designar uma categoria de substitutos que se referem ao autor de um discurso ou a um participante cujos pensamentos são relatados”.

A literatura informa que pronomes logofóricos são muito comuns em línguas do oeste da África – ver Boyeldieu (2004, p.11-22); Trask (1993, p.164). Esse fenômeno, até então, não foi atestado em trabalhos de línguas do grupo ibom.

Em anaan, o uso dos pronomes livres de 3ª pessoa **ányè** “ele (a)” e **ámmò** “eles (as)” são identificados em contextos que se opõem ao uso de outros pronomes livres, os quais podem ser denominados de logofóricos⁸²:

(101)

- a. **Ányè ámakùt ké ányè ánié ákùk**
 Ányè á- má- kùt ké ánye a- niéé ákùk
 3SG 3 SG.SM PAST.NPROX ver COMP⁸³ 3SG. 3SG.SM ter dinheiro
 “Ele viu que ele tinha dinheiro.”
- b. **Ányè ámakùt ké ímò ánié ákúk**
 Ányè á- má- kùt ké ímo á nié ákúk
 3SG 3SG.SM PAST.NPROX ver CONJ LOG 3SG.SM ter dinheiro
 “Ele viu que ele tinha dinheiro.”

(102)

- a. **Ámmò émakùt ké ámmò énié ákùk.**
 ámmò á- má- kùt ké ámmò é- nié ákùk.
 3PL 3PL.SM PAST.NPROX ver COMP 3PL 3PL.SM ter dinheiro
 “Eles viram que eles tinham dinheiro.”

⁸² Ao tratar sobre logofóricos, a análise, nesta seção, apresenta dados com sentenças encaixadas, pois somente nesses contextos tais pronomes podem ser identificados. Ressalta-se, no entanto, que a análise de sentenças encaixadas, em anaan, está fora do escopo desse trabalho.

⁸³ Opta-se por analisar a palavra *ké-* como complementizador, por não se ter feito um estudo sobre os elementos que ligam orações nessa língua.

- b. **Ámmò émakùt ké mmímò énié ákùk.**
ámò á- má- kùt ké mmímò é- nié ákùk.
 3PL 3SG.SM PAST.NPROX ver COMP LOG 3PL.SM ter dinheiro
 “Eles viram que eles tinham dinheiro.”

Nos dados acima são identificados dois pronomes livres distintos dos PLs apresentados até então: **ímò** – 3SG – (101b) e **mmímò** – 3PL – (102b). Esses pronomes estão encaixados em um período ditado por um verbo de percepção **kut** “ver”. Em (101b), o pronome **ímò** refere-se à mesma pessoa 3SG cuja percepção é relatada: o pronome **ányè** (da sentença matriz). Em (102b), o pronome **mmímò** refere-se à mesma pessoa 3PL cuja percepção é relatada: o pronome **ammò** (da sentença matriz).

Os pronomes livres **ímò** – 3SG – e **mmímò** – 3PL – são os logofóricos na língua anaan.

CAPÍTULO IV

PARA UMA PROPOSTA TIPOLOGICA DO ANAAN A PARTIR DA ANÁLISE DOS MARCADORES PRONOMINAIS NESSA LÍNGUA

4.1 CONSIDERAÇÕES INTRODUTÓRIAS

Neste capítulo propõe-se uma classificação tipológica para a língua anaan, a partir da proposta de Creissels (2001) para as línguas africanas. Esta proposta considera as condições de co-ocorrência do marcador pronominal (PM) – um marcador de sujeito (SM) ou um marcador do objeto (OM) – com os seus sintagmas nominais (NPs) correspondentes.

Apresenta-se, inicialmente a proposta de Creissels (Op.cit.).

4.1.1 Os estágios na evolução dos marcadores pronominais

Creissels (2001, p.3-6) propõe que as línguas podem ser classificadas em três tipos distintos: tipo I, II e III. Essa classificação dá-se a partir dos estágios que os marcadores pronominais apresentam – estágio I, II, III – em se considerando o critério de co-ocorrência desses morfemas com os núcleos nominais aos quais se referem.

No estágio I, os marcadores pronominais estão em distribuição complementar com o sintagma nominal e o uso de um ou outro depende da estrutura discursiva da oração: a mesma entidade é representada por um PM ou por um NP se o NP for tópico⁸⁴. Segundo o autor (Op. cit, p. 3, traduzido), os PMs, no estágio I,

“[...] são funcionalmente equivalentes aos pronomes livres no sentido que, dentro dos limites da sentença, é o marcador pronominal do estágio I que

⁸⁴ Neste trabalho, entende-se por tópico, o elemento “[...] que tem como função estabelecer um esquema espacial temporal ou individual dentro do qual a predicação principal se mantém, de modo a limitar-lhe a aplicabilidade a certo domínio restrito. Numa sentença como *Filme, eu gosto mais de comédia...*, vê-se claramente que o tópico filme restringe o âmbito da predicação principal, podendo ser parafraseado por quanto a filme, eu gosto mais de comédia”. Pezatti (2005, p. 184).

indica a entidade referida. Do ponto de vista morfofonológico, os marcadores pronominais permanecem fáceis de serem isolados como segmentos na estrutura morfológica das palavras as quais estão atados[...]”

A língua anyi (anií) exemplifica esse estágio:

(103)

Anií – Kwa (cuá), nigero-congolesa⁸⁵

- a. **kuakú dafi**
Kuaku dormir
“Kuaku está dormindo.”
- b. **ɔ-dafi**
SM3s- dormir
“Ele está dormindo.”
- c. **kuakú dié ɔ-dafi**
Kuaku TOP SM3s-dormir
“Kuaku, ele está dormindo.”

Na língua anií, tanto o NP **Kuakú** quanto o marcador pronominal [ɔ-] –3 SG – representam uma entidade que pode ser sujeito da sentença. Em (103a) o NP **Kuakú** não requer o morfema [ɔ-] – o marcador de sujeito – no verbo **dafi** “dormir”. Em (103b) o NP **Kuakú** não aparece como sujeito sentencial, mas sim o marcador de sujeito [ɔ-] atrelado ao verbo. Comparando (103a) e (103b) contata-se que, em anií, os NPs e SMs estão em distribuição complementar.

Em anií, num contexto em que a estrutura discursiva requisita uma leitura de tópico, os dois elementos – o NP e o SM – estarão obrigatoriamente na sentença: o NP se apresenta numa posição deslocada à esquerda, e o SM indica o sujeito da oração. Em (103c), aparece uma construção de sujeito duplo: o NP **Kuaku** e o SM [ɔ-] estão presentes na sentença. Nela, o NP é seguido pela partícula **dié**, marca morfológica de tópico nessa língua. Em (103c), **Kuaku** é o tópico e o SM [ɔ-] é o sujeito sintático. Em (103a) e (103b), o NP **Kuaku** e o PM [ɔ-] são sujeito e tópico ao mesmo tempo. A distinção entre eles dá-se no nível discursivo.

No estágio II, segundo o autor (Op. Cit), os marcadores pronominais são obrigatórios, mesmo que um NP esteja presente na sentença como sujeito ou objeto. No entanto, esses NPs (um nome ou um pronome livre) não são constituintes obrigatórios na oração. Um dado

⁸⁵ Creissels (2001, p. 4); dado2 , renumerado. Anií é falada no sudeste da Costa do Marfim.

participante é obrigatoriamente referido por um marcador pronominal – o marcador de sujeito ou o marcador de objeto.

Para Creissels (2001, traduzido),

“[...] no estágio 2, os marcadores pronominais têm um ‘status’ misto, pois eles dividem com os pronomes livres a habilidade de se constituírem os únicos representantes das entidades a que se referem. No entanto, quando um sintagma nominal encontra-se presente na mesma oração, o marcador do estágio 2, de presença obrigatória, pode ser considerado como marcador de concordância, no sentido de manter relação com o NP sujeito/objeto”.

O latim é uma língua de estágio II, pois, nessa língua, os marcadores pronominais são obrigatórios. A língua africana tswana (tissuana) também exemplifica esse estágio:

(104)

Tissuana – bantu, nigero-congolesa⁸⁶

- a. **Kítsó ú-tsìlè**
CL1.Ktiso SMC1-vir.TAM
“Kitso veio”
- b. **ú-tsìlè**
SMC1-vir.TAM
“Kitso veio”
- c. * **Kítsó tsìlè**

Em (104), constata-se que a ausência do marcador pronominal de sujeito [ú -] atado ao verbo torna a sentença gramatical (cf. (104c)).

Em línguas de sistema do tipo II, os pronomes livres podem ocorrer como elemento reforçativo.

Segundo Creissels (Op. cit), não é comum identificar línguas com marcadores pronominais do estágio III. Esses marcadores dividem com os marcadores do estágio II a propriedade de obrigatoriedade, mas se diferem por os PMs do estágio II não serem capazes de representar por si só os NPs aos quais se referem. Em outras palavras, as construções envolvendo os PMs do estágio III devem incluir um NP ou um PL referindo-se à mesma entidade. Assim, para o autor (Op. cit., traduzido),

⁸⁶ Creissels(2001, p.4); dado3, renumerado. A língua tsuana é falada em Botswana e na África do Sul.

“... os marcadores pronominais do estágio 3 funcionam claramente como puros marcadores de concordância. Do ponto de vista morfofonológico “... marcadores pronominais apresentam freqüentemente um grau elevado de fusão com outros elementos da palavra.”

A língua fula exemplifica PMs de estágio III:

(105)

Fula – atlântica, nigero-congolesa ⁸⁷

a. **debbo w-ari**⁸⁸
mulher PMGen/Num-veio
“a mulher veio”

b. **rewɓe ŋ-gari**
mulher PMGen/Num-veio
“as mulheres vieram”

Em (105a-b), os PMs [w-] e [ŋ-] – marcadores de sujeito – também são as marcas de concordância de Gen/Num (gênero/ número) e os NPs **debbo** “mulher” e **rewɓe** “mulheres” estão na função de sujeito⁸⁹. Nessa língua, uma sentença sem o marcador de sujeito é agramatical:

(106)

a. ***debbo ari**
mulher veio
“a mulher veio”

Convém ressaltar que, segundo Creissels (2001, p. 3, nota 2), fula também apresenta marcadores pronominais de estágio I. As considerações de Creissels (Op. cit.) sobre fula permitem afirmar que uma língua pode apresentar, sincronicamente, mais de um estágio previsto para os marcadores pronominais.

⁸⁷ Creissels (2001, p. 4.); dado1, renumerado. A língua fula é falada em países da África Ocidental – Senegal até Camarões – e no Sudão.

⁸⁸ A divisão morfêmica, nos verbos é nossa. As glosas do autor são: SM – marca de sujeito; S – singular; P – plural.

⁸⁹ Destaca-se que este dado exemplifica a concordância de número, mas Creissels(2001) afirma que essa marca também apresenta concordância de gênero em fula.

4.2 ANAAN: UMA LÍNGUA DE TIPO MISTO

No capítulo 3 apresentou-se a coexistência de dois tipos distintos de marcadores pronominais em anaan:

- (i) Marcador pronominal que pode ocorrer sem o SN ou PL ao qual se refere;
- (ii) Marcador pronominal que, obrigatoriamente, co-ocorre com o NP ao qual se refere.

Os marcadores pronominais do primeiro caso não podem, em anaan, estar associados aos do estágio I proposto por Creissels (2001). No estágio I, os marcadores pronominais e NPs estão em distribuição complementar, o que viabiliza a possibilidade de ocorrer uma sentença sem um marcador pronominal. Em anaan o marcador pronominal atado ao verbo é obrigatório:

(107)

*Ámmò	nò	Akan ákàrà
ám mò	nò	Akan ákàrà
3PL	dar	Akan acarajé
“Eles dão acarajé para Akan”		

Ressalta-se que, no estágio I, o marcador pronominal é o sujeito da oração e o NP ao qual se refere é o tópico. Questiona-se:

Em anaan, estão os pronomes livres e os NPs que antecedem o verbo em posição de sujeito ou em posição de tópico?

Por anaan não apresentar uma marca morfológica para tópico, não é possível com os estudos empreendidos até então, desambigüisar a posição sujeito/tópico nessa língua. Este trabalho aponta, assim, para a necessidade de se empreender descrição e análise da interface sintaxe e discurso nessa língua, especificamente, as categorias tópico e foco. O estudo dessas categorias poderá levar ao entendimento de como anaan marca o tópico. Portanto, ratifica-se que somente esses estudos poderão auxiliar a responder a questão apontada acima.

Em *anaan*, como apresentado no capítulo 3, os marcadores pronominais não impedem a co-ocorrência de pronomes livres ou outros NPs na sentença em determinados contextos:

(i) o uso dos pronomes livres com função de sujeito é opcional em todas as sentenças afirmativas – ver capítulo 3 (p. 77) – e em sentenças negativas de 1ª e 2ª pessoa do singular – ver capítulo 3 (p. 79);

(ii) o uso de pronomes livres com função de objeto é opcional quando estes co-ocorrem com um marcador de objeto (1ª pessoa do singular, 2ª pessoa do singular e 2ª pessoa do plural – ver capítulo 3, p. 93-4).

Assim, esses contextos apresentam morfemas que se comportam como os PMs de estágio II proposto por Creissels (2001).

Entretanto, em contexto negativo o uso dos pronomes livres na posição de sujeito é obrigatório quando a sentença está na 3ª pessoa do singular ou em todas as pessoas do plural. O marcador pronominal nesses contextos é o morfema [i-]. Isso leva a concluir que esse marcador funciona claramente como puro marcador de concordância, próprio das línguas de estágio III, em que um PM, não indica, por si só, a referencialidade (pessoa e número). Ele ocorre obrigatoriamente com um NP.

Logo, a abordagem sincrônica dos dados em *anaan*, leva a enquadrar essa língua num sistema como o da língua *fula* em que os marcadores pronominais encontram-se em mais de um estágio previsto para esses marcadores. *Anaan* tem marcadores pronominais de estágios II e III. Propõe-se, então, que *anaan* trata-se de uma língua de sistema misto em se observando a tipologia apresentada por Creissels (2001).

Considerações Finais

Essa dissertação teve como objetivo descrever e analisar os pronomes pessoais em anaan. Abaixo, apresentam-se as principais propostas, evidenciadas em quatro capítulos.

No primeiro capítulo apresentou-se um panorama geral sobre o grupo étnico anaan informando sobre sua localização e sociedade. Também foi apresentado um levantamento da bibliografia sobre a língua falada por esse grupo enfocando: (i) os estudos implementados sobre a língua realizados até então; (ii) sua classificação lingüística; (iii) dados sobre sua ortografia; e (iv) seu sistema fonológico. A exposição desses tópicos teve como objetivos (i) atestar estudos iniciais sobre o anaan e (ii) apresentar a base para a descrição abordada neste trabalho.

No segundo capítulo apresentou-se um panorama sobre aspectos da estrutura nominal e verbal do anaan e a ordem nessa língua. O capítulo abordou um esboço da morfologia da língua, apresentando-se as classes de palavras envolvidas neste estudo: nome e verbo. O quadro apresentado sobre a morfologia anaan, ainda que inicial, aponta para a inclusão desta língua no sistema de tipo aglutinante. Análises sintáticas preliminares revelam que os nomes em anaan podem ser núcleo de um NP na posição de sujeito e de objeto, podendo ainda ser núcleo de uma construção genitiva. Semanticamente, o nome possui os seguintes traços: entidade, temporal, concreto, animado e humano. Mostrou-se ainda que o verbo, morfologicamente, apresenta afixos que estabelecem relação entre o SN e o verbo, além de afixos de tempo, modo e aspecto. Em relação ao tempo, identifica-se em anaan: (i) distinção métrica para o tempo passado e futuro em sentenças declarativas e em perguntas de tipo ‘sim/não’; (ii) ausência de marca no tempo presente; (iii), ausência de distinção métrica, em sentenças interrogativas do tipo QU e em sentenças negativas. Quanto à ordem, anaan é uma língua SVO.

No terceiro capítulo descreveram-se os pronomes pessoais em anaan: as formas livres em posição de sujeito e objeto e os marcadores pronominais. Os pronomes livres na posição de sujeito possuem formas distintas para cada pessoa do discurso. Esses pronomes podem ser usados em construções genitivas na língua, exceto a 3ª pessoa do singular. Quando em posição de sujeito, o uso dos pronomes pessoais é opcional em sentenças afirmativas e em sentenças negativas na 1ª e 2ª pessoa do singular. Entretanto, em contexto negativo, o uso dos

pronomes livres na posição de sujeito é obrigatório quando a sentença está na 3ª pessoa do singular ou em todas as pessoas do plural. As formas pronominais livres em posição de objeto, exceto as de 3ª pessoa (singular e plural), são distintas das do quadro dos pronomes pessoais livres em posição de sujeito. As formas pronominais livres em posição de objeto da 1ª pessoa do singular e da 2ª pessoa (singular e plural) são de uso opcional na língua, as demais são obrigatórias.

Descreveram-se também, no terceiro capítulo, três aspectos ainda não atestados para línguas do grupo ibom: (i) anaan possui pronomes logofóricos; (ii) essa língua indica não possuir um quadro de pronomes reflexivos; (iii) o uso pragmático dos pronomes livres como substituto do nome em anaan é regido por critérios semânticos – o pronome livre em anaan é de natureza [+HUMANO].

No quarto capítulo, propõe-se que anaan, segundo a tipologia proposta por Creissels (2001), é uma língua de sistema misto, pois apresenta morfemas pronominais que estão nos estágios II e III no processo de evolução dos pronomes livres plenos para pronomes fixos.

Enfim, este trabalho não teve a pretensão de esgotar o tratamento do sistema pronominal pessoal em anaan, embora pareça ter contribuído para o conhecimento de alguns aspectos da gramática dessa língua.

Referências Bibliográficas*

AKPAN, M. J. Akwa Ibom State. In: UDOH, I. **The Languages of the South-South Zone of Nigeria: a geopolitical profile**. Uyo: Concept, 2003b. p.25-39.

ANJOS, R. S. A. dos. **Territórios das comunidades remanescentes de antigos quilombos no Brasil** – Primeira configuração espacial. 3 ed. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2005. p.8-33.

BENJAMIM, I. **A comparative analysis of the consoants of some Lower Cross Languages**. B.A. Project. Unyversity of Uyo, 2004, 72pp. Manuscrito

BENJAMIM SANTOS, C. **Por uma análise do sincretismo nos pronomes nominativos e acusativos e das marcas de concordância do verbo com o sujeito e com o objeto em Ibibio**. (2006), manuscrito.

BENJAMIM SANTOS, C., OLIVEIRA, M. S. D., ZANONI, D. **Povos de Calabar**. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br/site/img/upload/965087.pdf>. Acesso em 01/02/2007.

BENVENISTE, E. **Problemas de lingüística geral**. São Paulo: Companhia Editora Nacional/EDUSP. VOL 1. 1976. p. 247-259; 277-283.

BOUQUIAUX, L. e THOMAS, J. **Studying and describing unwritten languages**. Dallas: Summer Institute of Linguistics. 1992, 725 p.

BOYELDIEU, P. Lês pronoms logophoriques dans lês langues d'Afrique centrale. In : SEGERER, D. e IBRISZIMOW, D. **Systèmes de marques personnelles en Afrique**. Paris: PEETERS, 2004. p.11-22.

CASTILHO, A. T. de. A gramaticalização. **Estudos Lingüísticos e Literários**. UFBA: 1993, n. 19, p. 25-64

CASTRO, Y. P. **Falares africanos na Bahia** (um vocabulário afro-brasileiro) Rio de Janeiro: Topbooks, 2001.

COMRIE, B, HASPELMATH, M. e BICKEL, B **The leipzig glossing rules: conventions for interlinear morpheme-by-morpheme glosses**. 2003.

CREISSELS, D. **Description des langues négro-africaines et théorie syntaxique**. Grenoble: ELLUG, 1991. 225-259

*De acordo com:

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6023**: informações e documentação: referências: elaboração. Rio de Janeiro, 2002.

_____. **Eléments de syntaxe générale**. Paris : Presses Universitaires de France, 1995. p.1-125.

_____. Typology. In: HEINE, B. & NURSE, D (eds.) **African languages: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 p. 231-258.

_____. A typology of subject marker and object marker systems in African languages, in: **Studies in African linguistic typology**, Voeltz, F. (ed), Amsterdam / Philadelphia, John Benjamins, Typological studies in Language, Vol. 64, 2001. p. 1-24

_____. Syntaxe générale une introduction typologique. Catégories et constructions. Hermes Lavosier, 2006. p.1- 95; p.141-160.

CRYSTAL, D. **Dicionário de lingüística e fonética**. Trad. e adaptação: M. C. P. Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.1988. p. 355, 465, 466.

DIMMENDAAL, G. J. Morphology. In: HEINE, B. & NURSE, D (eds.) **African languages: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 p. 161-193.

ESSIEN, O. **A grammar of the Ibibio language**. Ibadan: University Press, 1990.171p.

FIGUEIREDO S. G. D. Procedências e denominações de negros africanos no Maranhão. In: **Anais do II Encontro Estadual de História** “História e Historiados Hoje”. Maranhão, 2004

FIORIN, J.L. Pragmática. In: _____(org.) **Introdução à lingüística**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p.161- 185.

FOLEY W. A. & VALIN D. V. Information packaging in the clause. IN: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Cambridge University Press. 1996. p. 191-223; p282-364

GIVÓN,T. **Syntax** - A Functional-typological Introduction. Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1984 . p. 47-73;83.

GORDON, Raymond G.; Jr.(ed), 2005. **Ethnologue: Línguas do mundo**. 15 ed. Dallas, Tex: SIL International. Versão on line: [http:// ethnologue.com](http://ethnologue.com).

HAGÈGE, C. **Les pronoms loghophoriques**. Bulletin de la Société de Linguistique de Paris 69, 287-310.

HASPELMATH, M. **Indefinite pronouns**. Oxford studies in typology and linguistic theory. Oxford: Oxford University Press, 1997. p. 20- 50.

HEINE, B. & NURSE, D (eds.) **African languages: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 p. 1- 10

IDEM, U. E. & UDONDATA, J. **Anaan orthography**. Uyo: Scholars Press, 2001. 44 p.

IKIDDEH, I. **Ibibio contribution to the emergence of black culture in the New World: a preliminary survey**. Nigéria: Minder International Publishers, 2006.

ILARI, R. Os pronomes pessoais do português falado: roteiro para análise. In: CASTILHO A.T de & BASÍLIO, M(orgs) **Gramática do português Falado**. Vol IV. 2 ed. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2002.

KARASCH, M. C. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. (Trad. Pedro Paz Maia Soares) São Paulo: Companhia das Letras, 2000. p. 481-503.

KAUFMAN, E. **Ibibio dictionary**. Uyo: African Studies Centre, Leiden in collaboration with University of Cross River State, 1972. p. 289.

LOVERJOY, P. e RICHARDSON, P. Pawnship and Atlantic History: the institutional foundations of the Old Calabar Slave Trade. In: **American History review** 1992, 112-55p.

MARANTZ, A. **No scape from syntax**: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. Disponível em: <http://www.uni-leipzig.de/~muellerg/dm2.pdf>. Acesso em 13 mai 2006.

MOURA NEVES, M. H. de. **A vertente grega da gramática tradicional**. São Paulo: Hucitec – Editora da Universidade de Brasília, 1987. p. 141-2

NDIMELE, O. & OLIVEIRA, M. S. D. The missing subject and object in Ibibio. *Kiabàrà: Journal of Humanities*, Supplement 1. Port Harcourt: University of Port Harcourt. In Memory of Ola Rotimi, 2002 pp. 207-222.

OBAFEMI, O. **Dialogue for peace, through language and education**. Nigeria Daily News, Abuja, 13 jul. 2006. Disponível em: <http://ndn.nigeriadailynews.com/templa-tes>. Acesso em 14 jul. 2006.

OJOADE, J.O Nigéria folklor in the African Diáspora. In: EMENYONU(ed) **Black Consciousness in Literature**, Heinemann: Ibadan, 1987. p.76-80.

OLIVEIRA, M. S. de **Perguntas de constituinte em ibíbio e a teoria de tipo oracional**: aspectos da periferia à esquerda com ênfase em foco. Muenchen: LINCOM Studies of African Linguistics 65, 2005. 335p.

OTITE, O. **Nigerian Peoples and their Cultures**. Nigeria: a people united, a future assured, survey of states, vol 1. Calabar: Gabumo Publishing Limited, 2000. p. 10-20.

PAYNE, T. E. **Describing morphosyntax: A guide for field linguists**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. p.32-63.

PEZATTI, E. G. O funcionalismo em lingüística. In: MUSSALIM F.e BENTES, A.C. **Introdução à lingüística** – fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez Editora, 2005. p.165- 218.

PETTER, M. M. T. Morfologia. In: FIORIN, J. L. (org.) **Introdução à lingüística**. Princípios de análise. São Paulo: Contexto, 2003. p. 59- 80.

RADCLIFFE-BROWN, A. **Sistemas africanos de parentesco e casamento** – introdução. In: Júlio Cezar Mellati Radcliffe-Brown. Antropologia. São Paulo: Ática, 1978. p. 58-61.

ROBINS, R. H. **Pequena História de lingüística**. (tradução de Luiz Martins Monteiro). Rio de Janeiro: Ao livro Técnico, 1993. p. 7-32

RUSSEL-WOOD A.J.R. **The black man in slavery and freedom in Colonial Brazil**. London: Mcmilian Press, 1982.

SCHACHTER, Paul. Parts-of-speech systems. IN: SHOPEN, T. **Language typology and syntactic description**. Cambridge University Press. 1996. pp 3- 61

SHOPEN, T. **Language Typology and Syntactic Description**: clause structure. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. 399 p.

TRASK, R. L. **A Dictionary of grammatical terms in linguistics**. London: Routledge, 1993. p. 41, 115, 164.

_____. **Dicionário de Linguagem e Lingüística** (trad. Rodolfo Ilari). São Paulo: Contexto, 2006. p. 40, 196, 287.

UDOH, I. I. **The effect of duration on the Intonation of Annang Learners of English**. Phd dissertation. University of Calabar (manuscrito), 1998.

_____. **An Introduction to Phonemic Analysis**. Uyo: Concept, 2003. 91p.

_____. **The Languages of the South-South Zone of Nigeria**: a geopolitical profile. Uyo: Concept, 2004a. p. 21-39.

_____. **The Languages of the South-East Zone of Nigeria**: a geopolitical profile. Uyo: Concept, 2004b. p. 15-18.

_____. **Anaang phonology**. (no prelo).

UDO, E. A. **Who are the Ibibio**. Onitsha: African-FEP Publishers Limited, 1983. 372 p.

UDO,U. E. **The history of the Annang People**. Calabar: Apcon Press Ltd., 2003. 45 p.

UDONDATA, J. **A grammar of anañ language**. Ikot Ekpene: Patom Graphics, 2006. 142 p.

UMANAH, A. **The annang nation: yesterday, today and tomorrow**. In Anaañ Cultural Development. Ati anaañ, Ikot Ekpene, 2002. p 1-9.

URUA, E. **Ibibio phonetics and phonology**. Cape Town: Centre for Advanced Studies of African Society, 2000. 222p.

VOSSSEN, R. e GÜLDEMANN, T. Khoisan. In: HEINE, B. & NURSE, D (eds.) **African languages**: an introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 99-122.

WATTARS, J. R. Syntax. In: HEINE, B. & NURSE, D (eds.) **African languages**: an

introduction. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 194-230.

WELMERS, Wm. **African language structures**. Berkley: University of California Press, 1973. p184-210

WILLIAMSON, K. & BLENCH, R. Niger-Congo. In: B. Heine & D. Nurse (eds.) **African languages: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000. p. 11-42.

WOLFF, H. E. Language and society. In: B. Heine & D. Nurse (eds) **African Languages: an introduction**. Cambridge University Press, 2000. p. 298 -347.

WEBB,V. & SURE,K. African Voices -an introduction to languages and linguistics of Africa. In: **The languages of Africa Southern Africa**: Oxford University Press, 2000, p.28-9

APÊNDICE

Para uma ampliação dos grupos lingüísticos nigerianos transplantados para o Brasil com o tráfico de escravos

Cristiane Benjamim Santos

Resumo: A literatura atesta, no que concerne às línguas negro-africanas transplantadas para o Brasil com o tráfico de escravos, a presença de grupos lingüísticos provenientes da região do que se tornou a Nigéria atual. Entretanto, há poucas referências sobre a especificação dos grupos étnicos e respectivas línguas que compõem esses grupos – aspecto relevante para a investigação do contato lingüístico entre línguas africanas e o português falado no Brasil. Este trabalho enfoca o grupo lingüístico ibom (Udoh, 2003), composto por 19 variantes faladas por grupos étnicos relativamente homogêneos situados no sudeste da Nigéria. Têm-se como objetivos: (i) descrever o grupo lingüístico ibom; (ii) informar sobre a contribuição do grupo ibom na cultura de alguns países americanos; (iii) sugerir a inclusão das variantes que compõem o grupo ibom como pertencentes às línguas do grupo denominado de calabari (Castro, 2001:41) que foram transplantadas para o Brasil.

Palavras-chave: línguas africanas; grupo ibom; contato lingüístico; português brasileiro.

1. Introdução

Num momento em que a investigação dos grupos étnicos envolvidos na diáspora africana tem despertado o interesse acadêmico por consistir referência importante na vida dos afro-descendentes e nas culturas do Atlântico Negro, a identificação desses grupos e de suas respectivas línguas também não deixa de ser relevante para o estudo do português brasileiro (PB, doravante) caracterizado pelo multilingüismo:

A presença de falantes de línguas indígenas e africanas, ao lado de falantes de português, instaurou o multilingüismo como a situação primordial em que se constituiu o português brasileiro (PB, doravante). Se a história da língua é também a história de seus falantes, a pesquisa lingüística sobre o PB não pode ignorar o contato com outras línguas. Assim sendo, os dados demográficos referentes à população de origem africana, em muitos momentos de nossa história igual ou superior à população branca, nos incitam a investigar as eventuais marcas que seus falantes deixaram na variedade brasileira da língua portuguesa.

(Petter & Caron, 2005:1)

No contexto histórico da formação da sociedade brasileira, é importante salientar a diversidade das várias áfricas que alimentaram o multilingüismo instaurado no país no período colonial.

Com relação à procedência e à distribuição dos africanos no Brasil verifica-se que, desde trabalhos clássicos como Raimundo Mendonça (1933) às pesquisas mais recentes, é

salientada a ausência de dados diretos sobre a vida do negro no Brasil colonial. É fato que muitos documentos históricos e arquivos da escravidão foram queimados em cumprimento do decreto n. 2 de 13 de maio de 1891¹.

O regime escravocrata trouxe para o país uma representativa presença de povos de diferentes regiões da África Ocidental, grupos étnicos dos atuais Senegal, Mali, Níger, Nigéria, Gana, Togo, Benin, Costa do Marfim, Guiné Bissau, São Tomé e Príncipe, Cabo Verde, Guiné Camarões. Sabe-se que estes grupos étnicos não representam de forma determinante uma identidade africana, mas indicam as regiões de embarque dos escravos para o Brasil.

Dois grupos étnicos africanos são considerados majoritários no Brasil no período da escravidão: (i) iorubá, na Bahia e (ii) congo-angola, no Rio de Janeiro.² Os iorubás e igbos, são considerados, por generalização, como sendo escravos nigerianos no Brasil, sendo os iorubás - de maior relevância em termos de número. No entanto, pesquisadores apontam a presença de outros grupos além desses grupos étnicos e, por conseguinte, lingüísticos³.

As evidências históricas sobre a origem desses grupos apontam para línguas africanas (LAs, doravante) majoritariamente do tronco lingüístico Niger-Congo, da região compreendida pelas línguas bantas e por línguas da África Ocidental. Segundo Bonvini & Petter (1998), cerca de 200 LAs foram envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil.

A presença das línguas do tronco Niger-Congo na constituição do PB pode ser levantada em trabalhos lingüísticos de referência tais como: Mendonça (Op. cit.) e Raimundo (1933) – que atribuem à influência das línguas africanas, na caracterização do português brasileiro, principalmente o quimbundo e o iorubá; Castro (2001) – que enfoca a influência africana no léxico do PB e apresenta um quadro das línguas africanas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil; e, recentemente, Petter e Caron (2005) – que propõe discutir o papel que as LAs desempenharam na constituição da variedade brasileira da língua portuguesa com o projeto “A Participação das Línguas Africanas na Constituição do Português Brasileiro”⁴.

A identificação dessas línguas pode ser reconstruída ainda através das pesquisas sobre etnias africanas desenvolvidas nas últimas cinco décadas. Entretanto esses estudos, ainda que numerosos, não encerram esse campo de investigação.

A intenção deste trabalho é buscar contribuir com o debate em torno dos grupos étnicos minoritários envolvidos no tráfico negreiro durante o Brasil Colonial. Apresento um levantamento histórico preliminar sobre o envolvimento das línguas que compõem o grupo

Ibom, localizado na denominada “Área de Calabar”, Sudeste da Nigéria. O objetivo é apresentar outras línguas, além da *ijó*⁵, como pertencentes ao grupo lingüístico calabari (Castro, 2001) que foram transplantadas para o Brasil.

Este artigo está organizado em três seções além desta de introdução e das considerações finais. Na seção 2, apresentam-se as línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil; na seção 3, um panorama do grupo lingüístico *ibom*; na seção 4, faz-se breve referência à contribuição do Grupo Ibom na constituição do Novo Mundo.

2. Línguas Nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil

A literatura atesta a presença de grupos lingüísticos envolvidos no tráfico negreiro para o Brasil que são provenientes da região do que se tornou a Nigéria atual. Ainda assim, há pouca investigação na especificação dos grupos étnicos e respectivas línguas que compõem esses grupos - aspecto relevante para a investigação do contato lingüístico entre línguas africanas e o português falado no Brasil.

No quadro A, a seguir, apresentam-se os grupos das línguas nigerianas envolvidas no tráfico negreiro para o Brasil apresentados por Castro (2001), seguindo a tipologia genética apresentada por Williamson & Blensh (2000):

Quadro A
LÍNGUAS NIGERIANAS ENVOLVIDAS NO TRÁFICO NEGREIRO PARA O BRASIL

PHYLUM	GRUPO LINGÜÍSTICO
Afro-asiático	haussá
Niger-Congo	iorubá, ewe, nupe, ibô, bini, calabari
Nilo-saariano	canure e bariba

Dentre essas línguas, ibo e iorubá se destacam em estudos realizados no Brasil, sendo iorubá a mais conhecida e citada (Fonseca, 1988:13; Castro, 2001:38; Ayoh’omidire, 2003:16-17). Já sobre os calabari, por exemplo, há poucas informações.

Calabar é a denominação dada à área que abrange os atuais estados de Akwa Ibom e Cross River localizados no sudeste da Nigéria⁶. Essa área também é conhecida como calabari, corabani, ibibiolândia, Ports, efiklândia, ejaw.

Udo (1983), dissertando sobre as comunidades ibibias, aponta a influência externa de um subgrupo do povo ibibio – os efiks – no comércio de escravos na Nigéria nos anos de 1503 a 1842:

Efik communities along the Calabar and Cross River banks became the frontier of the overseas slave trade in Ibibioland. Slaves were obtained by the Efik from the interior of Ibibioland and sold to the European slave traders on the coast at exorbitant prices. [...]

(Udo, 1983: 99)

A partir desta constatação, Oliveira e Quint (2006) levantam a hipótese de os ibíbios, um dos grupos pertencentes ao grupo Ibom estavam envolvidos no tráfico negreiro para o Brasil.

Dados históricos evidenciam que os povos *ibom* consistiram num contingente pequeno envolvido no tráfico negreiro para o Brasil. Aspecto a ser abordado na subseção a seguir.

2.1 Dados históricos

O grupo Ibom está localizado entre os ibos a leste e os iorubás a norte e oeste. Historicamente, os grupos étnicos dessa região, além de manter constantes conflitos em relação à posse de espaço geográfico com os grupos étnicos ibo, iorubá e efiks, estavam envolvidos no comércio escravo dos portos de Calabar e Lagos (cf. Loverjoy & Richardson, 1999: 332-55) e, comprovatoriamente, estão diretamente envolvidos nos diretamente envolvidos nos tratados comerciais do tráfico negreiro do histórico ‘Old Calabar Port’ no século XVIII⁷.

Rodrigues (1949) refere-se ao grupo *calabar* ao descrever os grupos étnicos provenientes da Costa da Guiné - região compreendida entre a atual Serra Leoa e o Delta do Níger – que estiveram envolvidos no comércio de escravos para o Brasil. O autor apresenta inicialmente, que em documentos do século VIII, é possível encontrar o nome das tribos do grupo *calabar*. A saber: *ijô*, *ibibiô*, *efik*, *ekoi* e *ibô*. Reportando-se aos registros do século XVII, o autor (Op. cit.) identifica o grupo *calabar* em documentos que citam o regime político das sociedades envolvidas no comércio de escravos e sua localização: (i) Primeiras cidades-estados associadas a uma modalidade de sociedade secreta Egbô (Sociedade do Leopardo) – localizada em Velha Calabar; (ii) Monarquia, em Ibaniou Bani, Uarri – localizadas na região de Calabari ou Nova Calabar; (iii) República em Brass – localizada em Velha Calabar.

Rodrigues (Op. cit.) aponta ainda que com o aumento do comércio de escravos, o porto de origem passou a ser a referência dos escravos que vieram para o Brasil. Com a sobreposição do porto de origem à origem tribal surgiram os indefinidos “minas”, “calabari”, “cabindas”, “benguelas” e “moçambiques” no Brasil. Entretanto, alguns deles, como os Calabari, podem ser identificados.

Segundo Russel-Wood (2001:13), a África Ocidental forneceu a maior parte dos escravos para o nordeste do Brasil no período colonial e no século XIX. Segundo o autor:

África ocidental designava uma extensão que ia do Senegal ao atual Camarões, às ilhas do Atlântico, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, incluindo a região mais importante de todas, integrada pelo Golfo de Benin e pelos portos de tráfico de escravos, compondo o que era frouxamente denominado pelos portugueses como sendo a Costa da Mina. Dentre os numerosos grupos étnicos, o mais proeminente no Brasil colonial foram os yoruba (os nagôs da Bahia e no Rio de Janeiro) e os jeje(do Daomé). Documentos contemporâneos atribuíam a tais escravos as seguintes “nações”: Cabo Verde, Ilha do Príncipe, **Calabar**, Mina, Haussa, Arda, Ashanti, Tapa(Nupe), Mandinga, Camarão, Ibo, Jabu, Mandubi, Fulani e Bornu.

(Russel-Wood, 2001:13; o grifo é nosso)

Algumas referências identificam a presença dos povos *ibons*, como *calabar/ calabari* em alguns estados brasileiros.

Na Bahia, é possível achar referência aos *ibons* como grupo de procedência e como grupo étnico. Como grupo de procedência, destaca-se o trabalho de Pierre Verger (1987)⁸, apontado no quadro a seguir:

Quadro B
Calabari (corabani) na Bahia

Porto de Origem	1754	1774	1775	Total de escravos
Calabar	1	1	1	3

Como grupo étnico, Andrade (1998)⁹ demonstra a presença dos *ibons* apresentando a quantidade e seu percentual no total de escravos na cidade de Salvador, como apresentado a seguir:

Quadro C
Grupo Étnico Calabar na Bahia

Etnia	1811-1830	1831-1860	1861-1888	Total da População	Sobre total de escravos africanos
Calabar	34	36	1	71	1,5%

Figueiredo (2000) identifica a presença do grupo *calabar* dentre os escravos que aportaram no Maranhão. A autora apresenta dados levantados nos jornais maranhenses do séc. XIX:

João Ribeiro de Silva faz sciente que tem para vender huma negra bonita figura e boas qualidades, nação Calabar, de idade de 28 annos pouco mais ou menos com trez crias de idade huma de 7 para 8 annos outra de 6 para 7 annos, e outra de 3 annos...

(Jornal Farol Maranhense, 1 de outubro de 1830 nº 233 pág. 982)

Bernardino de Sena Leal, depositário da Escrava Catarina, nação Calabar, com os signaes seguintes: Enbigo alguma cousa sahido para fora, picada das bexigas

(**Jornal o Brasileiro**, 30 de agosto de 1832 nº 2 p. 8)

Rezende (2006), num levantamento de escravos de Minas Gerais, indica registros dos calabari nas Comarcas de Ouro Preto e Rio das Mortes no século XVIII. Esse registro é apresentado no quadro a seguir:

Quadro D
Calabari em Minas Gerais

		Vila do Carmo		São João del Rei	
Região:África ocidental	Origens	1718 (%)	1718 (N)	1719 (%)	1719 (N)
	Calabari	1,47	34	0	0

Karasch (2000:46) ao tratar o Rio de Janeiro como “*cidade africana*” problematiza a densidade das identidades monolíticas do Congo e de Angola, encontrando na referida cidade oitocentista uma série de outras referências étnicas. Dentre elas, *calabar*:

Quadro E
ORIGENS AFRICANAS DO TRÁFICO DE
ESCRAVOS PARA O RIO DE JANEIRO, 1830-1852¹⁰

Nome da origem nacional dos navios negreiros capturados	Nome Moderno	Localização na África	Quantidade de Navios	Referências
Calabar	Velha e Nova Calabar	Ports ¹¹ , Nigéria	4	Curtin, p.188

Os calabari, entretanto não podem ser identificados como um grupo homogêneo. Pesquisas etnolingüísticas, realizadas por brasileiras na região nigeriana denominada “Calabar Area”¹² corroboram com a compreensão desse aspecto:

Observar este sistema multiétnico e multilingüístico pode ser feito de duas formas: (i) através de uma visão ética – observações genéricas de alguém do lado de fora de um sistema –, (ii) através de uma visão êmica – observações de alguém de dentro de um determinado sistema. Contextualizando, no norte da Nigéria, região muçulmana, pessoas olham para a região que compreende os estados de Akwa Ibom e Cross River e denominam o conjunto de povos ali existentes de “povos de Calabar” (visão ética). Já, povos dos estados de Akwa Ibom e Cross River, através de uma visão êmica, não se reconhecem como um único grupo.

(Benjamim Santos, Oliveira e Zanoni, 2006: 3)

No tocante ao aspecto lingüístico do grupo denominado *calabari*, apenas uma língua é citada como pertencente a este grupo: *ijó* (Castro, 2001, p.41). No entanto, em se considerando em que consiste esse grupo, pesquisadores apontam a ampliação desse quadro.

Ikiddeh (2006) apresenta fortes evidências relacionadas à presença de outros grupos, da Área de Calabar no Brasil:

[...] After the official abolition of the slave in 1807, the trade continued to flourish under various guises. For example, British slavers now hired ships flying Spanish and Portuguese flags to convey their human cargo to the New World [...] ... slavery had already begun to change both for the slave merchants and the slaves themselves.

A notable change was that the risks involved and the rise in prices, traders became more selective than before in the quality of slaves they paid for. They were now looking for able-bodied, hard working men and women from regions which from experience were capable of supplying human beings of that sort. Although accurate figures are not available, it is estimated that tens of thousands of slaves sailed from the ports of Old Calabar and Bonny in the last decades of the 18th century and the first few decades of the next. [...] ...That most of those slaves were Ibibio and their kindred people is perhaps stating the obvious, especially as, for utility purposes, white traders showed a preference for slaves from farming communities as against those from the fishing areas which included the Efik and the Ijaw.

Ikiddeh (2006:435-36; o grifo é nosso)

As considerações aqui apresentadas apontam para a ampliação dos grupos étnicos, e, conseqüentemente, lingüísticos, que os *calabari* abarcam outros grupos além do *ijó*. Trata-se do grupo *ibom* (Udoh, 2003), um contínuo formado por 19 grupos étnicos, relativamente homogêneos.

3. Grupo Ibom: Classificação lingüística

A palavra *Ibom* significa “Grandeza”. É a terminologia adotada para referir-se ao contínuo dialetal denominado *ibibiod* (Essien, 1990; Urua, 2000; Oliveira, 2005).

[...] Such a proposal is worth some consideration, but whether it is feasible is another matter entirely, given the political and socio-cultural undercurrents usually associated with such decisions in our communities.

We propose a more neutral name which is historical and geo-politically motivated. Since all the languages of the Lower Cross subgroup are spoken in Akwa Ibom State, we propose **Ibom languages** for the languages of the area. Only Ukwa spoken in Cross River and Usakaede spoken in Cameroun (Connell 1991:5) are not represented in Akwa Ibom State. The choice of a neutral name for the stock, we believe, will be more acceptable to a generality of the people than a choice of one of the languages as this is often misinterpreted as some form of subordination and domination[...]

Udoh (no prelo:14, o grifo é nosso)

Por ser considerada uma terminologia neutra, histórica e geograficamente, vem sendo adotada nos mais recentes trabalhos na lingüística nigeriana (Udoh, 2004; Benjamim Santos, 2006).

O grupo ibom é composto pelas seguintes línguas: Anaang, Ebughu, Efik, Ekit, Etebi, Ewang-Uda, Ibeno, Ibibio, Ibuoro, Iko, Ilue, Ito, Itu, Mbo(Efai), Mbonuso, Nkari, Okobo, Oro e Ukwa.¹³

A classificação lingüística das línguas que compõem o grupo ibom mais usada pela literatura é a proposta por Williamson & Blench (Op. cit.: 31-33): línguas “Lower-Cross”, da subfamília “Cross River”, sub-ramo “East Benue-Congo”, pertencente ao ramo “Proto Benue-Congo” do grande tronco lingüístico “Niger-Congo”.

4. O grupo ibom e a constituição do Novo Mundo

A influência dos povos denominados de ibíbios por Ikiddeh (2006) - referindo-se a todos os grupos étnicos do grupo ibom (cf seção 2) - pode ser identificada em Cuba, Trinidad e Tobago e Suriname.

Ikiddeh (Op. cit.) aponta ser a tradição popular e a religião a constatação da influência dos povos ibom em Cuba. Segundo o autor, as histórias da tartaruga “*folk stories*” são as que mais se destacam, com semelhanças de forma e de conteúdo. Quanto à religião, o autor narra semelhanças ritualísticas as quais ele atribui ser a influência iorubá e da religião Abakua, originária da tradição efik.

Ojoade (1989) discorre sobre a influência da religião dos povos da área de Calabar em Cuba. Segundo o autor:

The ‘Abakua adepts’ were ‘decendants of the Calabar (Effor and Ekik) ethnic goup from Nigeria’...Many elders in Cuba have confirmed the element of witchcraft in traditional African practice in tht country, adding that in this matter the descendants of Calabar indigenes are ‘reputedly the worst culprits’...

Ojoade (1989:79)

Em Trinidad e Tobago, o *Carnaval* é citado como uma manifestação a ser considerada como influência direta da cultura ibom. Ainda que com distinções da manifestação original, um dos grupos tradicionais presentes nos desfiles, o “Epoñioho”, apresenta, segundo Ikiddeh (2006), a mesma evolução do cortejo da sociedade tradicional “The Ekpo Nyoho Masquerader”- originária da região do atual estado nigeriano de Akwa Ibom. Outra manifestação identificada pelo autor em Trinidad e Tobago que constata a

presença dos ibons é o ritmo musical denominado *calypso*. O autor (Op. cit.) argumenta, inclusive, a presença de aspectos lingüísticos: *calypso* remete a uma expressão usada para explicar música e a dança de um ritmo tradicional da área ibom e comum em diversas variantes do grupo: “**kàáísó!**” (“vá”/“continue”)

No Suriname, Ikiddeh (Op. cit.: 448) apresenta palavras do grupo ibom presentes no *Crioulo do Suriname*. O significado é mantido apesar de algumas vezes, ocorrer alterações morfofonológicas. No crioulo a palavra ‘*bakra*’, ‘homem branco’, é derivada da palavra ‘*mbakara*’, que tem o mesmo significado em línguas do grupo ibom como anaang e ibibio. As formas ‘*tata*, *atata* e *tita*’- variações do crioulo do Suriname que significa ‘pai ou irmão mais velho’- em línguas do grupo ibom, é ‘*tata*’.

Ikiddeh (Op. cit.) aponta que a influência dos iorubas e de povos “Congo-Angola” no Brasil é amplamente descrita, mas esse autor afirma que os “povos de Calabar” não ficaram de fora desta influência:

[...] The Yoruba influence in Brazil, especially the Bahia region, as well as in Cuba and Haiti is well known. [...] Substantial Congo-Angola influence is recorded in Brazil, especially in Rio de Janeiro Province and in Venezuela. [...]. Although observations have been made of Igbo-Calabar presence in Virginia and the Caribbean Islands, the Calabar element has received very little attention probably because being a minority group, their number was never thought large enough to have made any significant impact anywhere in the New World. In actual fact, as the rest of this paper will show, the Calabar or Ibibio-Efik group did not stay out of the picture.

Ikiddeh (2006:425; o grifo é nosso)

5- Considerações finais

A literatura atesta que das línguas do grupo calabarina acepção de Castro 2001, apenas a *ijó* esteve envolvida no tráfico negreiro para o Brasil. Entretanto, por constatar que , neste sentido, calabari é constituído por um conjunto de grupos lingüísticos, propõe-se, por ora, a inclusão das variantes que compõem o grupo ibom¹⁴.

Estudos sobre o grupo ibom no Brasil são ainda incipientes e investigações nessa área podem revelar aspectos não só sobre sua presença em outras regiões do país – além das apresentadas neste artigo –, como também ampliar investigações etnolingüísticas das línguas africanas que estiveram em contato com o português brasileiro.

Ratificamos a importância de ampliação desses estudos, pois, apesar do reduzido contingente, os grupos minoritários mostram-se relevantes no que concerne a poder traçar códigos culturais advindos com os grupos africanos que formaram a sociedade brasileira. Apontamos a necessidade de ampliação de pesquisas etnolingüísticas no sudeste da Nigéria, pois tais pesquisas podem corroborar: (i) com a ampliação do quadro dos grupos étnicos

envolvidos no tráfico negreiro no Brasil; (ii) com hipóteses sobre a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro e, sobretudo, (iii) com a ampliação das referências sobre a identidade da sociedade brasileira.

Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, M.J.S. de. A mão de obra escrava em Salvador, 1811/1860. São Paulo: Corrupio;1988.
- AYOH'OMIDIRE, F. Akogbadun: abc da lingual, cultura e civilização iorubanas. Salvador: Edufba: CEAO, 2004.
- BENJAMIM SANTOS, C. Para uma descrição do sistema pronominal do Anaang. 2006, manuscrito.
- BENJAMIM SANTOS, C & OLIVEIRA, M.S.D.de. O continuum dialetal do grupo Ibibiod.2006, manuscrito.
- BENJAMIM SANTOS, C., OLIVEIRA, M. S. D., ZANONI, D. "Povos de Calabar". Disponível em: <http://www.casadasafricanas.org.br/site/img/upload/965087.pdf>. Acesso em 01/02/2007.
- BONVINI, E.; PETTER, M. M. T. . Langues africaines et portugais du Brésil. Langages, Paris, v. 130, p. 68-83,1998.
- CASTRO, Y. P. de. Falares africanos na Bahia.(um vocabulário afro-brasileiro). Topbooksio de Janeiro, Topbooks,2001.
- ESSIEN, O. *A grammar of the Ibibio language*. Ibadan: University Press, 1990.
- FIGUEIREDO,SGD. Procedências e denominações de negros africanos no Maranhão. In: Anais do II Encontro Estadual de História "Histórias e Historiadores Hoje". Maranhão, 2004
- FONSECA JR. Eduardo. Dicionário Yorubá Português.Rio de Janeiro: Civilização Brasileira,1988, p8-16
- IKIDDEH, I. Ibibio contribution to the emergence of black culture in the New World: a preliminary survey. In: Ikiddeh, I. *Historic essays on African literature, language and culture*. Nigeria: Minder International Publishers.2006.
- KARASCH, M A vida dos escravos no Rio de Janeiro,1808-1850. São Paulo: Cia das letras, 2000.
- LOVEJOY,P. & RICHARDSON,D. Trust,Pawnship and Atlantic History: the institucional oundations of the Old Calabar Slave Trade. In American Historical Review, 104:2,1999,332-55.
- MENDONÇA, R. *A influência africana no português do Brasil*. Rio de Janeiro: Sauer, 1933.
- OJOAD,J.O'Nigerian Folklore in the African Diaspora'in E.N. Emenyonu (ed) Black Culture ans Black Consciouness in Literature, Heinemann,Ibadan,1987.76-80
- OLIVEIRA. Perguntas de Constituinte em Ibibio e a Teoria de Tipo Oracional: Aspectos da Periferia à Esquerda com Ênfase em Foco. Muenchen: LINCOM, 2005. (Studies in African Linguistics, 65).
- OLIVEIRA, M. S. D.; QUINT, N. *Para uma investigação de traços da sintaxe pronominal de línguas africanas na constituição do Português Brasileiro*. Manuscrito.
- PETTER, M. M. T.; CARON, B. *Projeto: a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro*. 2005, manuscrito.
- RAIMUNDO, J. *O elemento afro-negro na língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Renascença, 1933.
- RAMOS, A. As culturas negras no novo mundo. 3 ed. São Paulo:Ed. Nacional,1979.
- REZENDE, R.C. As nossas Áfricas: um estudo comparativo sobre a composição ética dos escravos na Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX Disponível em <www.ichs.ufop.br> . Acesso em 25 de julho de 2006.
- RUSSEL-WOOD, A.J.R. The Black Man in Slavery and Freedom in Colonial Brazil. London, Macmillan Press, 1982.

RODRIGUES, J. C. Pequena História da África Negra. São Paulo: Globo: Secretaria da Cultura da Presidência da República: Biblioteca Nacional, 1990 (42-43; 67-68; 94-97)
 SILVA, L. D. (org). Estudos sobre a escravidão negra. Recife: Fundação Joaquim Nabuco/Ed. Massangana. 1988 vol 1 p. 291-300

VERGER, P. Fluxo e refluxo do tráfico de escravos entre o golfo do Benin e a Bahia de Todos os Santos: dos séculos XVII a XIX. Tradução Tasso Gadzanis_ São Paulo: Corrupio, 1987.

UDO, E. A. *Who are the Ibibio?* Singapore: Africana-FEP Publishers, 1983.

UDOH, I. I. L. The Languages of the South-East Zone of Nigeria: A Geopolitical Profile. Concept: Publications. Uyo, Nigéria, 2004.

_____. Anaang Phonology. (no prelo: 13)

URUA, E. E. *Ibibio phonetics and phonology*. Cape Town: Centre for Advanced Studies of African Society, 2000.

WILLIAMSON, K. & BLENCH, R. (2000). Niger-Congo. In: B. Heine & D. Nurse (eds.) *African languages: an introduction*. Cambridge: Cambridge University Press.

¹ Cf. Ramos, A. 1979, p. 178-179.

² Cf. Verger, 1987; Fonseca Jr, 1988; Silva, 1988; Ferraz, 1996; Carash, 2001; Castro, 2001.

³ Cf. Ramos, 1970; Russel-Wood, 2001, UYA, 2003, p. 7-19; Ikiddeh, 2005, p. 422-445

⁴ Projeto CAPES/ COFECUB, número 511/2005. O objetivo geral desse projeto é investigar a participação das línguas africanas na constituição do português brasileiro, tendo como enfoque línguas do tronco Niger-Congo. A meta do projeto é: (i) identificar os eventuais traços lingüísticos que podem ser atribuídos ao contato com as línguas africanas que aportaram no Brasil no período da colonização e (ii) destacar semelhanças ou diferenças tipológicas das línguas em contato.

⁵ Pesquisas sobre a classificação lingüística das línguas nigerianas definem “ijó” como o grupo lingüístico “ijow” composto por duas variantes e localizado na região da atual cidade de Port Harcourt. Cf. Udo, 2003.

⁶ A referência “povos de Calabar”, não corresponde aos povos que habitam a cidade de Calabar (primeira capital da Nigéria).

⁷ Udo, 1983, p. 5-11; Lovejoy, P. & Richardson, D. 1999.

⁸ Trabalho baseado no *Livro de tutelas e inventários da Vila de São Francisco do Conde, perto da Bahia*.

⁹ Trabalho baseado em inventários do Arquivo Público de Salvador (1881-1888) _ Fallas dos Presidentes da Província da Bahia.

¹⁰ In: Karasch, 2000, Apêndice A, p. 481

¹¹ Ports, é Port Harcourt, área do contínuo Igbo. Os igbos são vizinhos geográficos a leste dos grupos étnicos que compõem o contínuo Ibom com os quais manteve conflitos para determinação de espaço geográfico. Os anaangs, por exemplo, comumente eram capturados como escravos pelos igbos.

¹² Cf. Oliveira, 2005, p. 7-9; Benjamim Santos & Oliveira, 2006; Benjamim Santos, Oliveira & Zanoni, 2006)

¹³ A disposição das línguas é em ordem alfabética. Não há estudos lingüísticos o suficiente para dispô-las num quadro que represente o contínuo dialetal.

¹⁴ Convém ressaltar a necessidade de aprofundamento dos estudos relacionados à classificação das línguas africanas na literatura para melhor posicionamento. Este aspecto será apresentado em pesquisas posteriores.

ANEXOS

ANEXO 1

O conteúdo deste DVD além de apresentar fotos da viagem de campo realizada na Nigéria em 2006, também apresenta um pouco do aspecto sócio-cultural do povo anaan em relação a sua religiosidade.

ANEXO 2

PROCESSO DE EXPANSÃO DAS LÍNGUAS BANTAS

MAPA PROCESSO DE EXPANSÃO DA LÍNGUA BANTO
GEOG. RAFAEL SANZIO A. DOS ANJOS
USO AUTORIZADO PELO AUTOR

ANEXO 3

CONTEXTOS DISCURSIVOS

ANEXO 3 A

Situação discursiva

L_{1F}. **Sáì! Úfòk áfò ! (Oh, sua casa!)**
Oh, sua casa!

L_{2M} **Úfòk àmì ákpòn[...]Ámì ámakámá ásân íbà mmè ádà ànààñ[...] Áde ákpòn.**
Minha casa é grande. Eu construí duas salas e cinco quartos. Ela é grande.

Descrição morfológica

L_{1F}

a. **Sáì ! Úfòk áfò !**
Sáí ! Úfòk áfò !
INT Casa de você
Oh, sua casa!

L_{2F}

a. **Úfòk àmì ákpòn**
úfòk àmì á- kpòn
casa 1SG.GN 3SG.SM- SER GRANDE
Minha casa é grande

b. **Ámì nmákámá ásân íbà mmè ádà ànààñ.**
Ámì n- má- kámá ásân íbà mmè ádà ànààñ.
1SG. 1SG.SM PAST.NPROX FAZER COM AS PRÓPRIAS MÃOS sala NUM CONJ quarto cinco
Eu construí duas salas e cinco quartos

c. **Ákpòn**
á- kpòn
3SG.SM SER GRANDE
(ela) é grande

ANEXO 3 B

Situação Discursiva

L_{1M} **Eno, áfò ákùt, ámì mmábuñ ukòt ámì.**

“Eno, como você vê, eu quebrei minha perna”

L_{2F} **Ákédákà dié? b Áwò ákénám?**

Como isso aconteceu? Alguém fez (isso)?

L_{1M} **Ámì nkesúktáam. Ámì mmátàmà atañ adè mmé mmé unàm adè nkòrò**

Eu estava pulando’. Eu pulei a cerca e os animais também...

L_{2F} **Sai!**

Oh!!

L_{3F} **Nsé nkpò idèm!**

O que é isto? (Lit: Que coisa eu vejo no corpo?)

L_{2F} **Udim ákébuñ ukòk.**

Udim quebrou a perna.

L_{3F} **Nbuñ ukòt adè ataí idiòk mkpo**

Quebrar a perna é muito ruim.

L_{2F} **Ányè amatàmà atañ adè**

Ele pulou a cerca.

Descrição morfológica

L_{1M}

a. **Eno, áfò ákùt, ámì mmábuñ ukòt ámì**

Eno, áfò á- kut, ámì m- má- buñ ukòt ámì

Eno, 2SG 2SG.SM ver 1SG 1SG.SM PAST.NPROX TER QUEBRADO perna 1SG.GEN

“Eno, como você vê, eu quebrei minha perna”

L_{2F}

a. **Ákédákà dié?**

Como isso aconteceu?

b. **Áwò ákénám?**

Áwò a- ké- nám?

Pessoa 3SG.MP PAST fazer

Alguém fez (isso)?

L_{1M}a. **Ámì nkésúk tàám****Ámì n- ké- súk tàám**

1SG 1SG.SM PAST ASP pular

‘Eu estava pulando’

b. **Ámì mmátamà atañ áde mmé mmé unàm áde nkórò****Ámì m- má- támà atañ áde mmé mmé unàm áde nkórò**

1SG 1SG.SM PAST N.PROX pular cerca DET CONJ PL animal DET ADV

Eu pulei a cerca e os animais também...

L_{2F} **Sáí****Sáí**

INTJ

Oh!!

L_{3F} **Nsé nkpò ídèm****Nsé nkpò ídèm**

O que coisas corpo

O que é isto? (Lit: Que coisa eu vejo no corpo?)

L_{2F} **Udim ákébuñ úkòk****Udim á- ké- búñ úkòk**

Udim 3SG.SM PAST quebrar perna

‘Udim quebrou a perna’

L_{3F} **nbuñ ukòt áde ataí idiòk mkpò****n- buñ ukòt áde ataí idiòk mkpò**

VERB quebrar perna DET QUANT ruim coisa

‘Quebrar a perna é muito ruim’

L_{2F} **Ányè mātāmā atañ áde****Ányè á- má- támà atañ áde**

3SG 3SG.SM PAST.NPROX pular cerca DET

‘Ele pulou a cerca’